



new
PROFESSOR
INSACIÁVEL

LUÍSA ARANHA
MARI MONNI





new
PROFESSOR
INSACIÁVEL

LUÍSA ARANHA
MARI MONNI

Luísa Aranha e Mari Monni

Meu professor insaciável

2018

Copyright © 2018 Luísa Aranha e Mari Monni

Todos os direitos reservados.

É proibida a distribuição ou reprodução total ou parcial de qualquer parte desta obra, de qualquer forma ou por qualquer meio mecânico ou eletrônico, sem o consentimento por escrito das autoras. Registros de Direitos Autorais pela Biblioteca Nacional. Dúvidas e autorizações: www.luisaaranha.com.br.

Esta é uma obra de ficção. Qualquer semelhança com nomes, pessoas ou acontecimentos é mera coincidência.

Capa: Tathi Machado

Revisão de Texto: Andréia Evaristo

Diagramação: Luísa Aranha

Este romance segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa

Para todas as meninas que já se apaixonaram por um professor.



Organizar coisas sempre foi o meu maior prazer. Desde que era pequena, eu organizava tudo. Primeiro, as bonecas e brinquedos em caixas coloridas e separadas. Depois foram as estantes de livros. Quando descobri o mundo da literatura, organizava meus livros por ordem alfabética. Uma vez, coloquei todos os livros do meu avô no chão do seu escritório e arrumei tudo de volta pelo nome dos livros. Ele quase ficou doido comigo. Meu avô era advogado e os livros do escritório estavam separados pelo assunto. Vovô nunca mais encontrou nada depois disso e, na época, eu só tinha dez anos.

Depois eu organizei e planejei muita coisa na minha vida e é natural que todos à minha volta contem comigo quando se fala em organização — e obviamente que eu já me imaginei milhares de vezes organizando um casamento. Óbvio que eu não faço o tipo que quer casar a todo custo, mas até as duronas como eu têm fantasias. O que eu nunca imaginei era que o primeiro casamento que eu organizaria na minha vida seria o de Isabel Bittencourt, filha de um político corrupto preso, e com a imprensa inteira no meu pé, querendo convites e fotos exclusivas da noiva. Antes que você pense que sou organizadora de casamentos, esquece. Isabel Bittencourt, que eu descobri há menos de um ano que se chama assim, nada mais é do que uma das minhas melhores amigas e tecladista da banda que sou empresária e baterista. Mas a gente sempre a chamou de Sissi.

Então, aqui estamos: vendo os últimos detalhes antes de os noivos finalmente entrarem no salão para abraçar seus convidados. E sério... acho que eu nunca tinha chorado tanto em uma cerimônia de casamentos como chorei na de hoje. Não sei se é o estresse todo do casamento — organizar e planejar uma festa assim dá um trabalho danado —, se foi o fato de há menos de um mês eu ter terminado o meu último relacionamento fracassado ou se estar quase louca pelas mil indiretas que recebi nesses últimos dias do outro organizador do evento e melhor amigo do Eric — leia-se “o noivo” — Alexandre. Mas não pelas indiretas, porque confesso que até as curto bastante, mas pelo fato de ele até agora não ter falado nada mais do que oi pra mim.

Mika, a vocalista da Estrogenium, nossa banda, já está a postos com o microfone na mão. Ela fará uma capela de *Thinking Out Loud*, do Ed Sheeran. Alexandre só precisa me dar o sinal para eu avisar a Mika (que está

deslumbrante num vestido longo e bem ajustado ao seu corpo, lilás, com as costas de fora e um decote na frente que apenas tapa seus seios).

Apesar de o casamento ser da Sissi, acho que todas as meninas da banda, cada uma da sua maneira, está esperando muito do dia de hoje. Mika tem quase certeza de que Henrique pretende a pedir em casamento — e ela tem razão. Eu ajudei a escolher as alianças e também tentei prepará-la de alguma forma para não surtar na hora e sair correndo. Foram doses e doses de tequila, mas agora não importa. Sue e Be também parecem querer algo de hoje. Depois que a Be terminou com o namorado, ela e Sue parecem mais grudadas que nunca. E eu? Bem, eu esperava que depois de tantas indiretas do Alexandre, ele tivesse chegado hoje aqui e, pelo menos, me dado um abraço mais íntimo, mas ele mal me olhou pra dar oi. Então, posso ver um outro padrinho do casamento pra, quem sabe, ter uma noite mais divertida. Enfim, agora é foco. Não posso perder o sinal de Alexandre, mesmo que minha vontade seja de ir lá e perguntar qual é a dele.

O problema é que é tudo tão rápido. Numa fração de segundos, ele sorri e estende a mão, indicando que a Sissi e o Eric estão chegando. Eu entendo como uma resposta às perguntas que estão em minha cabeça. Então escuto a voz de Mika ressoando pelo salão: “...*people fall in love in mysterious ways / maybe just the touch of a hand / well me, I fall in love with you every single day / and I just wanna tell you I am...*”. Meus olhos não desgrudam dos de Alexandre. Mas que meleca! Perdi a entrada da Sissi. E não, não estou apaixonada pelo Alexandre. Longe disso. Ele é um cara legal e tal... Mas eu não quero relacionamentos neste momento. Mas sei lá, sabe... Não que fossem diretas e óbvias, mas as mensagens dele tinham sempre um duplo sentido. Isso ou eu estava imaginando coisas. Mesmo assim, me deixaram na expectativa, mas elas acabam no momento em que ouço aquela voz tão familiar gritando aquele nome com que, um dia, a voz teve coragem de me batizar:

— Maribel, minha querida, que casamento lindo você organizou! — Minha mãe caminha em minha direção de braços abertos.

— Mãe, por favor, já te pedi pra não me chamar assim. É Baby! — Bufo enquanto ela me enrosca em seus braços.

— Mas Maribel é tão lindo! Não sei por que inventou esse apelido chinfrim pra você mesma. — Ela passa as mãos pelo meu rosto. — Te desvaloriza.

Sorrio falso pra minha mãe. Não adianta dizer mil vezes, nem todas as pessoas do mundo me chamarem de Baby desde os meus quatro anos quando decidi que Maribel era nome de mulher sofredora em novela mexicana. As únicas pessoas que sabem que me chamo Maribel são os meus familiares e as meninas da banda, afinal, quando começamos, os ensaios eram na garagem dos meus pais, e

minha mãe sempre fazia lanches deliciosos pra nós, mas às custas de me chamar de Maribel pra baixo e pra cima.

Quando Mika termina de cantar e os noivos, agora casados, terminam sua dança, um dj entra em ação e a pista de dança lota. Ao contrário da maioria dos casamentos, fiz Sissi e Eric jantarem em um quarto do hotel em que estamos antes de entrar no salão. Os convidados também já jantaram, o que me garante que, agora, eu só tenho mais uma missão na noite de hoje: garantir que Mika não surte quando Sissi entregar o buquê em suas mãos e Henrique fizer o pedido. Depois, posso me dedicar a olhar se algum outro padrinho é lambível, além do Alexandre.



Eu deveria ter parado de beber na quinta garrafa de espumante que o garçom deixou ao meu lado. Mas não. Eu insisti e tudo porque não achei outro padrinho lambível e senti o Alexandre com os olhos em cima de mim todo o tempo enquanto estávamos na pista. O bom de ter bebido tanto? É que eu reboło com mais facilidade e consigo fazer isso propositalmente pra ele. O ruim? É que eu não tenho bem certeza de nada que está acontecendo nesse momento. Porque ouvi a Mika abraçando o Henrique e dizendo sim com uma facilidade que parece que fomos abduzidas para outra galáxia onde todos somos queridos, simpáticos sorridentes e sexy. Muito sexy, principalmente o Alexandre, com a calça social cinza chumbo que lhe marca bem a bunda — nunca vi uma bunda de homem tão redonda e dura como a dele —, as mangas da camisa branca dobradas, a gravata com o nó esgaçado e o primeiro botão da camisa aberto, dando só uma amostra grátis do que deve ter por baixo. Minha vontade é enlaçar minhas mãos na gravata e sair arrastando-o pelo salão, direto para o meu quarto. Mas, ao invés disso, o que eu faço? Sento à mesa, peço outro espumante e resolvo dar uma conferida nas redes sociais.

Então meu celular vibra e leio apenas: “Essa taça é muito fininha e esse espumante é muito fraco. Se quiser, tenho algo mais grosso e forte esperando por você.”

Filho da mãe.



Eu já fui chamado de muitas coisas nessa vida, mas nunca de lambível. Escutar Baby me chamar assim foi o último incentivo que eu precisava para deixar de lado qualquer dúvida que tinha a respeito dela e ir atrás daquilo que venho fantasiado há meses.

Desde que a conheci, não consigo tirá-la da cabeça. Não sei se por causa do seus olhos verdes que parecem enxergar cada segredo meu ou se por causa do seu jeito mandão, que sei que irá desaparecer assim que estiver amarrada à minha cama enquanto eu lambo cada centímetro do seu corpo. Um rosto angelical e um corpo feito pro pecado, Baby tem virado figurinha repetida nas minhas fantasias.

Isso é uma merda, porque estou tendo dificuldades em encontrar uma mulher que me agrade. Sempre fui bastante seletivo com minhas parceiras, principalmente por causa dos meus gostos... inusitados, vamos dizer assim. Só que, ultimamente, eu tenho procurado por mulheres cada vez mais parecidas com ela. Começou com a predileção por olhos verdes e escalou para cabelos pretos e curtos.

Eu preciso ficar com essa mulher a qualquer custo. Senão, corro o risco de explodir — e eu estou falando no sentido literal da coisa, porque há muito tempo eu não... você sabe.

Foram meses de tortura, meses sabendo que ela estava com outro e sem poder fazer nada. Mas as coisas estão prestes a mudar. Eu estava saindo do banheiro quando a ouvi conversando com uma das meninas da banda no corredor. Não sei se Sue ou Be, pouco importa. O que é importante foi o fato de ela ter dito que me achava lambível e que, desde que terminou com Roger, não tem conseguido me tirar da cabeça.

Esta foi a primeira vez que fiquei sabendo que Baby estava solteira novamente. Desde que a conheci, ela estava com aquele cara. O maior problema era que ele era muito gente boa. Nem se eu fosse um tremendo filho da puta — o que não sou — conseguiria chegar na Baby enquanto ela estivesse com ele. O cara era bem maneiro e sempre pagava uma rodada de bebidas pra todo mundo quando íamos ao seu bar, o Neo.

Mas agora tudo é diferente. Baby está desimpedida e interessada em mim.

Ou seja, em breve, minhas fantasias vão virar realidade.

Eu já esperei esse tempo todo, não me custa nada esperar o melhor momento hoje. Afinal, é o dia do casamento do meu melhor amigo.

Eric está nas nuvens e Sissi, radiante. Os dois são só sorrisos. É muito bom vê-los assim. Conheço Eric desde que éramos moleques, e o cara realmente merece uma mulher que o faça feliz. As pessoas não sabem, mas a desgraçada da sua ex o sacaneou demais. Só mesmo Sissi — e seu jeitinho peculiar — para retirar o verdadeiro Eric de dentro daquela armadura que ele tinha vestido. A melhor parte disso tudo foi que eu ganhei uma (autodesignada) irmã, já que Sissi resolveu me adotar quando eu a ajudei a conquistar meu amigo.

Poder ver os dois assim, tão felizes, faz com que eu tenha aquela boa sensação de dever cumprido. Por mais que eu queira trepar com Baby de vinte e oito maneiras diferentes, jamais faria alguma coisa que atrapalhasse o grande dia dos meus amigos. Depois que eles forem para a lua-de-mel, vale tudo.

Eu observo Baby desfilar pelo salão naquele vestido vermelho, que deve ser considerado ilegal em pelo menos quinze países, sem prestar atenção na quantidade de olhos que a admiram.

Ela anda e a paudrecência segue. Eu deveria ficar com ciúmes, puto da vida que outros homens estão desejando a mulher que eu quero... No fundo, me excita saber que todos eles a cobiçam, mas, ao fim da noite, será o meu nome que ela estará gritando.

E ela vai gritar... isso eu garanto.

— Ocupado? — uma voz feminina pergunta atrás de mim e eu me viro para ver quem é.

Dou de cara com uma loira muito bonita, que de algum modo me lembra Sissi. Uma prima, talvez?

— Só tomando um drink por conta dos noivos — digo, erguendo meu copo de whisky.

Ela ri mais alto do que o esperado para uma piada tão sem graça e coloca a mão no meu braço, aproximando-se de mim.

— Será que tem como você pedir uma bebida pra mim também? Gosto de homens influentes. — Dou um sorriso amarelo, apenas para não ser taxado de mal-educado, e aceno para o homem que está atrás do bar.

— O que você quer? — pergunto a ela antes de fazer o pedido.

— Qualquer coisa que me deixe bem louca. Estou morrendo de vontade de perder o controle hoje — ela diz, passando a língua pelos lábios em uma insinuação nada sutil de que quer, sei lá, me devorar. De repente, a ideia dela de perder o controle tem a ver com algum ato de canibalismo.

Mas nem que ela fosse a Miss Vale da Esperança 2018 eu faria qualquer coisa

com ela hoje. Semana que vem, talvez. Hoje, definitivamente não.

Eu já ri, já dancei, já conversei com todo mundo e posei de padrinho querido. Quero tirar um pouco a máscara de menino bonzinho e deixar meu outro lado sair para brincar — e será com ela.

— Esse negócio de perder o controle pode ser complicado, moça. Você nunca sabe quem pode tirar proveito da situação. Acho melhor você ficar no refrigerante. — Neste instante, o homem de trás do balcão se aproxima, abrindo um sorriso bem-educado para nós dois.

— Mas eu pensei que você pudesse estar interessado em... — ela pausa e me oferece um olhar que seria considerado sensual por muitos homens — ...perder o controle comigo. Eu prometo que a gente vai se divertir muito.

Sinto o sorriso no rosto do barman, mas eu o ignoro. A última coisa que quero agora são promessas de uma mulher que eu sei que não irá me satisfazer. Pelo menos, não até eu saciar minha vontade de Baby.

— Desculpa, gata, mas hoje eu estou comprometido — digo e peço licença, afastando-me dela antes que as coisas saiam de controle. Não vou perder meu foco.

Olho para os lados à procura de Sol, que, assim como Eric, é uma amiga de infância e uma pessoa que eu, estranhamente, quase não vi hoje. Sei que ela está em algum lugar, mas não consigo encontrá-la.

Enquanto eu a procuro, acabo achando aquela que teima em não deixar minha mente.

As festividades estão acabando. Já houve dança, bolo e até um outro pedido de casamento. É quando vejo que Baby está sozinha em uma mesa, bebendo taça depois de taça de espumante. Eu a evitei a noite inteira, não queria correr o risco de dois padrinhos desaparecerem no meio da festa de casamento — e é isso que vai acontecer em breve.

Baby está entretida, olhando alguma coisa em seu celular. Retiro o meu do bolso e envio uma mensagem para ela. Todas as vezes que trocamos mensagens antes, tive que manter o cuidado para não ser muito óbvio em meus duplos sentidos. Afinal, ela estava com outro. Mas agora que sei que não deve mais nada a ninguém, não preciso mais medir minhas palavras. Em vez de discreto, quero ser direto.

Um minuto depois de eu ter apertado enviar, ela abre a mensagem. Eu fico olhando para Baby, preciso saber como vai reagir. A primeira mudança de expressão é para surpresa, mas noto quando cruza as pernas e começa a respirar ofegante. Deixo-me imaginar que, assim como eu, ela está pensando no que pode acontecer se ela disser sim para minha “proposta”. Por mais uns segundos, ela apenas olha para a tela do celular, talvez ponderando se deve ou não

responder.

Eu sou um homem paciente, sei esperar o que quero. Aproveito que ela não está me olhando e analiso-a. Linda pra caralho! Os cabelos negros contrastam com sua pele muito clara. Uma branca de neve safada, tenho certeza. Baby é mulher de verdade. Não é magra demais e nem parece ser do tipo que conta as calorias que tem no prato só para não engordar. Curvas suficientes para fazer com que eu me perca pelo caminho. Só de pensar em tê-la gemendo em meu ouvido, começo a sentir minha ereção dar sinais de vida. Assim como eu, Lord Dickson está ansioso...

Quando vejo que ela começa a digitar, respiro fundo e torço para que a resposta dela seja o sinal verde que eu preciso para continuar com essa minha obsessão. Ou dar um fim a ela.

“Só se você me prometer que será grande, grosso e muito forte.”

Ah, Baby... Você não devia brincar com fogo... Um sim bastava.

Ela olha ao redor, provavelmente procurando por mim, mas não me acha. Estou um pouco afastado e um enorme vaso de plantas me esconde.

Ótimo, não quero que ela me veja.

Hoje, ela apenas irá me sentir.

“Quarta porta à direita no corredor de serviço. Entre e deixe as luzes apagadas. Fique de costas para a porta e não se mexa.”

Permito que ela veja um pouco do que está por vir. Não sou um dominador, não daqueles no estilo BDSM, mas sei o que quero, como quero e principalmente quem eu quero.

Baby continua olhando para o celular. Ela morde o lábio inferior, e não sei se seu gesto significa que está em dúvidas se aceita meu convite ou se está tão excitada quanto eu.

Em vez de me responder, Baby me surpreende e apenas se levanta da cadeira. Calmamente, ela coloca o celular na bolsinha de mão que carregou pra cima e pra baixo ao longo da noite, ajeita o vestido e sai na direção do corredor que eu indiquei. O jeito como ela anda, decidida e sedutora, não me deixa dúvidas de que fará exatamente o que eu pedi.

Olho para o relógio e conto três minutos. Quando o tempo acaba, saio de onde estou. Minha aparência demonstra que a noite já está chegando ao fim, mas o que vem a seguir será a atração principal. Dou um último gole no whisky e desfazo por completo o nó da gravata, deixando-a pendurada em torno do meu pescoço.

Marcho até lá com uma calma que não sentia há poucos minutos. Mas agora que sei o que vai acontecer, tudo fica mais fácil. O incerto me incomoda. Entre quatro paredes, sei do que sou capaz — e só de pensar que realizarei minha

fantasia dos últimos meses, o tesão me consome. Eu sei que será a trepada de nossas vidas.

Abro a quarta porta e respiro aliviado quando vejo que Baby está lá dentro.

— Fica de costas — digo, minha voz grave e baixa. Sorrio de lado quando ela obedece.

Fecho a porta atrás de mim e aperto o botão na maçaneta, trancando-a.

Eu queria poder olhar para cada centímetro do corpo dela, mas a visão não é o único sentido a ser explorado — e hoje ela será completamente esquecida.

— Preciso saber de uma coisa, Baby — sussurro atrás dela, sem sequer tocá-la. — Você realmente acha que sou lambível?

Sei que a pergunta irá lhe causar desconforto, mas tenho que saber. Antes de encostar um dedo em sua pele perfeita, preciso ter certeza de que ela quer estar comigo.

Baby solta uma risada baixa e balança a cabeça negativamente.

— Isso quer dizer que eu não sou lambível? Porque, preciso confessar: eu penso todos os dias em lamber você inteirinha.

Permito que as pontas dos meus dedos encostem em seu braço, na altura dos pulsos, e subam gentilmente. Um sorriso de lado estampa meu rosto quando sinto sua pele se arrepiar com o contato.

— Diz pra mim que você também quer isso tanto quanto eu. — Minha língua toca o lóbulo de sua orelha e Baby estremece com o sutil contato.

Saber que apenas este pequeno toque causa tamanha reação faz com que eu me acalme um pouco mais.

Baby solta um gemido baixo e faz que sim com a cabeça, me dando permissão para continuar.

— O que você quer? — Chupo sua orelha, mas ainda não encosto meu corpo no seu. Meus dedos sobem e descem lentamente por seu braço e posso sentir sua expectativa vibrando com a energia que esse pequeno toque libera.

Baby não responde, apenas solta um som que pode ser entendido como uma mistura de frustração e desejo.

— Eu te entendo... — confesso. — Foram meses sonhando com isso, com você, que apenas isso não é suficiente. — Meu toque continua suave, subindo e descendo em uma brincadeira de atizar que parece estar tendo muito efeito sobre mim também. — O que você quer, linda?

— Você me prometeu grande, grosso e forte, e é isso o que eu quero — ela finalmente diz, rompendo o último fio que mantinha minha sanidade no lugar.

Puxo-a bruscamente contra mim, seu corpo enfim colado ao meu, e deixo que sinta exatamente quanto tudo isso me afeta.

Minha ereção grita para ser livre, querendo sair da minha calça e encontrar o

caminho da felicidade.

Baby geme com o contato e rebola contra mim. Eu a imprenso contra a porta e ergo seu braços.

— Eu preciso que você fique quieta se quiser que eu prove o quão lambível você é.

Baby obedece e não se move. Sei que isso não irá durar muito tempo: logo, logo ela vai estar se contorcendo, mas tudo bem. Necrofilia não é um dos meus muitos fetiches.

Deixo minhas mãos descerem para suas pernas, entrando por baixo do vestido e encontrando sua pele macia. Ajoelho-me atrás dela e, como prometi, passo a língua pela parte de trás da sua coxa, o vestido erguido acima de sua bunda. O escuro não me permite enxergar, mas posso sentir seu gosto, seu perfume, sua suavidade — e isso me excita de tal forma que começo a sentir dor.

Não importa. Preciso provar mais dessa mulher.

Baby, como já havia previsto, não consegue se controlar: ela se move e geme meu nome.

Quando mordisco o interior de suas coxas, sinto os joelhos de Baby enfraquecerem e preciso segurar sua cintura para mantê-la de pé. Fico em pé novamente e termino de remover seu vestido, deixando-a seminua à minha frente.

Beijo seu pescoço e acaricio sua barriga, subindo para seus seios, que enchem perfeitamente minhas mãos.

Lord Dickson chora de alegria, louco para entrar na brincadeira, mas eu o controlo. Ainda tenho muito a descobrir com outras partes do meu corpo. Os sons que ela emite estão me enlouquecendo. Nunca duvidei das minhas... capacidades, mas saber que eu consigo excitar a mulher que domina minhas fantasias faz com que eu me sinta muito mais confiante. Uso isso ao meu favor. Minhas carícias se tornam mais fortes, menos sutis, deixando claro que eu também estou tomado pelo desejo. Solto beijos molhados em seu pescoço e seu ombro, enquanto Baby rebola contra mim, tentando medir com sua bunda se o que carrego nas calças é realmente grande e grosso.

— Alexandre... — ela murmura meu nome, sua voz trêmula.

— O que você quer? — pergunto, minha mão entrando por seus cabelos e puxando seu rosto para trás.

Antes que ela consiga responder, eu a beijo.

Eu sonhei em beijá-la por meses, mas nada poderia me preparar para isso. Sua língua dança em sincronia com a minha, em um beijo que promete muito mais. Não permito que ela fique de frente para mim. Hoje, apenas eu irei conduzir. Imprenso-a mais firmemente contra a porta, enquanto afasto sua calcinha com a

outra mão.

Quando meus dedos encontram sua umidade, Baby geme mais alto e morde meu lábio inferior, deixando claro que é exatamente disso que estava precisando.

Meus dedos percorrem seus lábios, para cima e para baixo, brincando com aquilo que sei que será minha perdição. Seu clitóris está inchado de desejo, e eu dou atenção a ele. Baby estremece em meus braços e eu intensifico nosso beijo, querendo mostrar que eu também quero mais. Muito mais.

Deixo um de meus dedos entrarem nela e, só de sentir seu calor, Lord Dickson começa a pulsar.

— Me diz que você também me quer dentro de você — sussurro contra sua boca, louco para poder me perder dentro dela.

— Agora... Por favor, agora — ela suplica, rebolando em minha mão, desesperada por mais prazer.

Não penso duas vezes e solto seu cabelo, usando a mão livre para desabotoar minha calça, porém sem parar de estimulá-la. Preciso que ela esteja à beira do abismo. Quero que ela goze em mim, quero senti-la se contrair contra meu pau assim que entrar nela.

Retiro a camisinha de dentro do bolso — aquela que estava guardada especialmente para Baby —, rasgo o pacote com os dentes e a desenrolo sobre minha ereção. Eu me alinho contra sua entrada, mas Baby é mais rápida do que eu. Antes que eu consiga fazer qualquer outra coisa, ela empina a bunda para trás, impulsionando-se contra mim. Ela está tão lubrificada que entro de uma vez só, apesar do meu tamanho.

Baby solta um grito e trava no lugar. Pelo visto, ela não estava esperando por isso.

— Ale... xandre — ela tenta falar meu nome, mas ele sai cortado.

— Shhh, fica calma. Sente como eu estou duro dentro de você. Caralho, Baby, você é muito gostosa. — Beijo seu pescoço, mas permaneço imóvel, deixando que ela se acostume.

Ainda bem, porque eu também preciso me acostumar.

Esta mulher é o paraíso.

Quando Baby começa a se mexer, tomo isso como encorajamento para fazer o que eu venho sonhando há meses.

Entro e saio dela, brincando sempre com seu clitóris e me deliciando com cada som que ela emite.

Entro com força, o mais fundo que posso. Um vai e vem louco, desesperado.

Baby grita, pede, implora por mais — e eu dou. Tudo que ela pede eu dou.

Quando ela goza, todo seu corpo treme e se contrai, e eu finalmente me permito a liberação.

Meu orgasmo vem acompanhado de um urro, e eu despejo todo meu prazer dentro dela, puxando sua cintura com força e deixando que ela sinta cada pulsar meu.



Quando abro os olhos, demoro a entender onde estou. Olho para o lado e reconheço o local: o meu quarto no hotel do casamento da Sissi e do Eric. Então, olho para o outro lado e minha cama está vazia. Alexandre não está do meu lado. Não sei como cheguei até aqui e a última coisa que me lembro é do orgasmo múltiplo que tive enquanto transávamos em um quarto de serviços do hotel. Será que sonhei? Bebi tanto espumante que não sei mais o que é real ou minha imaginação.

Levanto da cama e me observo no espelho. Estou só de calcinha. Procuro evidências de que a noite anterior tenha sido real. Uma marca, um fio de cabelo escuro perdido em algum lugar do meu corpo... Nada. Nenhum rastro do que eu imaginei ser o melhor sexo da minha vida. Eu me lembro de estar bebendo como se o mundo fosse acabar, sentada em uma das mesas vazias do salão. Então, ele me mandou uma mensagem. Pego o celular e confirmo. As mensagens estão ali. Foi real. Mas por que estou acordando sozinha? Olho para o celular novamente e vejo as horas. Merda! Estou atrasada pro café da manhã pós-casamento. Depois penso em Alexandre e no porquê não dormimos juntos. Corro pro banheiro, tomo uma ducha, ajeito os cabelos, lavo o rosto um milhão de vezes e passo uma maquiagem leve, só para não parecer que tive o melhor sexo da minha vida na noite anterior e estava bêbada. Recordar a transa faz com que meu corpo inteiro reaja e me deixe completamente molhada. Molhada não, encharcada. Foco, Maribel! Foco.

Visto um vestido leve, rosa claro, liso. Nem justo, nem solto. Daqueles que marcam os peitos e esvoaçam na cintura. Calço uma sapatilha confortável e baixa — afinal, depois de uma noite inteira de saltos finos, meus pés mais que merecem esse consolo —, e checo o espelho pela última vez. Saio do quarto apressada, sem pegar mais nada, em direção ao restaurante do hotel. Quando me aproximo, vejo que todos já estão sentados à mesa, conversando animadamente sobre a festa.

— Olha ela aí. Perdeu a hora, Bela Adormecida? — Mika fala bem alto quando me vê entrando no salão. — Ou teve uma noite misteriosa e muito agitada? — Ela pisca para mim e depois para Sue, e fico me perguntando o que eu perdi.

— Bom dia pra você também, Mikaela. — Só a chamo assim para irritá-la. Na verdade, uso o nome verdadeiro das minhas amigas sempre que quero desviar o foco do assunto para elas. — Não houve nada demais na noite anterior, só acho que estava muito cansada de toda a organização do evento e dormi demais, sem colocar o despertador. Além disso...

Sue me interrompe:

— Não?! Eu jurei que você tinha se dado bem, amiga. Você sumiu. Fizemos algumas apostas de onde você poderia ter parado. — De forma nada discreta, ela encara Alexandre, que não se mexe ou faz qualquer gesto de desconforto ou aprovação com a insinuação. Nesse momento, em que olho na direção dele, percebo que o único lugar na mesa vago é ao seu lado.

— Vocês podem ir conferir minha cama, se quiserem. Dormi sozinha. O outro lado dela está intacto. — Agora, sou eu que encaro Alexandre. Ainda não entendo por que ele não dormiu comigo.

— Calma, Baby. — Sissi tenta mudar o foco do assunto. — Senta aqui com a gente. — Ela aponta para a cadeira vaga ao lado do filho da puta que foi o melhor sexo da minha vida e continua com cara de paisagem como se nada tivesse acontecido. — Eu estava falando pras meninas — ela faz uma pausa — e meninos — Alexandre, Henrique e Eric também estão sentados à mesa — sobre como tudo estava perfeito e o quanto eu devo a você. — Sissi se levanta e caminha em minha direção. — Muito obrigada, amiga, por tudo. — Ela me abraça.

— Não tem o que agradecer, Sissi. Fiz de coração. Espero que, em breve, eu tenha outro casamento pra organizar. — Sorrio para Mika e Henrique enquanto me desvencilho dos braços de Sissi. Demonstrações de afeto, assim, me deixam constrangida.

— Ah, com toda certeza — Henrique responde. — Só falta a Mika decidir a data e onde ela quer. Mas, sabe, já foi um grande passo ela aceitar sem surtar ou fugir de mim pra sempre. — Mika dá um tapa no braço de Henrique e todos riem.

— Eu nem sou assim... — mas ela é interrompida por um coro de nãoooooos e imaginas e começa rir com todos.

Continuo de pé, enquanto todo mundo começa a conversar entre si novamente. Fico observando a cena. Alexandre não olha para mim, sorri ou esboça qualquer reação, o que me deixa extremamente irritada e com vontade de sair dali. Mas não posso. Então, puxo a cadeira ao seu lado e me sento. Assim que termino de me ajustar e peço ao garçom uma xícara de café bem forte, sem açúcar, ele coloca a mão no meio das minhas coxas e acaricia. Eu me assusto com o gesto.

— O que você está pensando? — Tiro a mão dele da minha perna. — Por que eu acordei sozinha? — vomito a pergunta que não me deixa pensar em outra coisa desde que abri os olhos.

— Depois conversamos, Maribel. — Ele sorri pra mim e volta a prestar atenção no que Henrique está falando, sobre seu contrato de aluguel ser ainda de mais um ano e ele estar pagando à toa, já que até Tamarindo, seu gato, já se mudou para o apartamento de Mika e vive em conflito com Nutela, o cachorro da noiva.

— Talvez eu possa te ajudar — Alexandre diz, enquanto o observo. — Tenho uma proposta para dar aulas aqui na capital e estou bem inclinado a aceitar. Precisarei de um lugar para morar se resolver vir pra cá. — Olho surpresa, mas não tenho nem tempo de dizer algo.

— Como assim?! — Sol, amiga de Eric e Alexandre, que está sentada entre Be e Sue, parece ficar furiosa. — Eu vou ser a única a ficar abandonada em Vale da Esperança? — Mas Alexandre nem tem tempo de responder, porque Eric e Sissi parecem crianças pequenas pedindo algo para a mãe.

— Aceita, vai! — Sissi faz carinha de inocente, a que ela usa sempre que quer algo de alguém.

— Cara, seria perfeito. E o apartamento do Henrique é super perto da nossa casa. — Eric enlaça sua esposa.

— Se você vier morar aqui, eu também venho. Não vou ser a única esquecida da turma em Vale da Esperança.

— Isso seria ótimo. — Sue responde. — Você pode ficar comigo e com a Be até achar um lugar...

Eu me desligo de todo o resto do assunto. Como assim, ele está pensando em se mudar para cá e nunca mencionou nada em nossas conversas? Além disso, eu só queria transar com ele. Não quero compromissos, nem relacionamentos e, muito menos, um namorado agora. Espero que essa decisão não tenha nada a ver comigo. Ah, não! Agora não me importa mais por que ele não dormiu ao meu lado. Só preciso esclarecer que não quero nenhum relacionamento agora na minha vida — a não ser um sexual, com muitas transas perfeitas como a de ontem.

04

— Na verdade, Sol, se você quiser, pode ficar comigo — ofereço e abro um meio sorriso para ela.

Sinto Baby tensionar ao meu lado e fico sem entender por quê.

— Vou pensar nisso. Mas você ainda vai voltar para Vale da Esperança, né?
— Sol pergunta, enfiando um pedaço de pão na boca.

— Claro. Ainda tenho mais dois meses de férias, tempo suficiente para decidir o que vou fazer.

Há algumas semanas, recebi um convite de uma das melhores escolas da capital não só para trabalhar, mas para coordenar um novo programa de Geopolítica que eles pretendem implementar. Na escola que eu trabalhava, sempre foquei muito na conscientização política de adolescentes. O projeto acabou envolvendo algumas escolas da região. A coisa foi crescendo, crescendo, crescendo e acabou ganhando mais espaço na mídia.

Ainda não havia me decidido se viria ou não trabalhar na capital, mas o que aconteceu ontem me ajudou — e muito — a ter certeza de que, ano que vem, minha vida pode ser diferente.

Uma casa nova, uma cidade nova... Quem sabe não é exatamente disso que eu esteja precisando?

— Só digo logo — Henrique interrompe meus pensamentos. — Meu apartamento é pequeno e você provavelmente verá muito do que eu e Mika fazemos quando estamos em casa.

O cara dá uma piscadinha marota e a mesa inteira cai na gargalhada. Todos sabemos como os dois começaram a namorar: pela janela. O apartamento de Henrique fica de frente para o de Mika, e eles se conheceram assim.

— A primeira providência que tomarei quando me mudar é colocar uma cortina, fica tranquilo — garanto. — Mudando de assunto, a que horas vocês saem para a lua-de-mel? Honestamente, não pensei que vocês estariam aqui.

— Nosso avião sai daqui a três horas. Só vamos terminar de tomar café da manhã e vamos. — É Sissi quem responde, ainda abraçada a Eric.

— É... eu também pensei que só a veria novamente depois da lua-de-mel — Mika confessa. — Achei que Eric fosse te sequestrar.

Meu amigo vai começar a falar, mas sua nova esposa o impede, falando

primeiro:

— Se fosse por ele, a gente nunca sairia da cama. Eu amo a anaconda do meu marido, mas minha caverna do amor precisa de descanso às vezes. Cinco vezes em uma noite é meu limite.

— Muita informação! — Sol grita, tapando os ouvidos.

Enquanto alguns riem, outros parecem desconfortáveis. Menos Eric, que exibe um sorriso de orelha a orelha, parecendo bastante satisfeito consigo mesmo.

Ele aponta um dedo para mim e eu imito o gesto. Trocamos um sorriso conspiratório.

O papo continua solto, mas noto que a mulher ao meu lado permanece calada, apenas observando.

O problema de Baby é que ela pensa demais. Às vezes, tenho a impressão de que vive em um mundinho particular, onde cria e descreve teorias em sua cabeça. Deve ser difícil administrar um grupo de mulheres, mas ela faz isso com maestria. Estar no controle, saber os porquês de tudo e nunca perder o foco devem fazer com que ela se sinta sobrecarregada. A mulher vive rodeada de problemas, inclusive os cria mesmo quando não existem.

Quando me viro para ela, Baby me encara como se eu fosse o cara mais babaca do universo. Eu só não entendo o porquê.

— O que aconteceu? — pergunto, ficando cada vez mais incomodado com o modo como está me tratando.

— Nada. Absolutamente nada. — Ela me oferece um sorriso lindo, porém completamente falso.

— Sério? Nada?

— Não me lembro de nada fora do comum. O dia de hoje está bastante normal. Acordei sozinha, tomei banho sozinha, desci para o café da manhã sozinha. Tudo conforme o planejado.

A alfinetada nada sutil que ela dá deixa claro o motivo de ela estar com essa cara fechada para mim.

— Mas foi você quem pediu para eu ir embora ontem — sussurro para ela, uma sobranceira erguida e muitas perguntas na cabeça.

Baby me olha espantada, como se estivesse ouvindo isso pela primeira vez.

Ótimo. Adoro casos de amnésia alcoólica.

— Eu te encontro no seu quarto daqui a pouco e a gente conversa — digo, tentando me manter tranquilo.

Será que ela realmente acha que, depois de ontem, eu viraria as costas e iria embora, fingindo que nada aconteceu?

Baby não me responde, apenas faz que sim com a cabeça, seus olhos verdes procurando alguma coisa em meu rosto que confirme o que eu acabei de dizer.

— O que vocês tanto cochicham? — Mika pergunta de forma bastante indiscreta.

— Que se você e Henrique ficarem trepando perto da janela, então Alexandre também vai começar a desfilar pra vocês — Baby retruca na hora e eu caio na gargalhada.

— Ei! Eu sou o único homem que minha mulher pode ver pelado — Henrique entra na conversa, parecendo chocado com a possibilidade.

— Então é melhor vocês guardarem suas... intimidades para o quarto, não acham?



O café da manhã demorou muito mais do que eu imaginava. Ninguém parecia querer fazer qualquer outra coisa senão bater papo e dar risadas. Enquanto o grupo estava lá, feliz e sem qualquer preocupação, eu estava ficando tenso. Não sabia o que se passava pela cabeça de Baby. Se tem uma coisa que eu odeio é problema não resolvido — e eu precisava entender cada detalhe do que estava acontecendo.

Todos nos despedimos de Eric e Sissi, que irão passar duas semanas no sul da Itália, curtindo a lua-de-mel. Alguns foram passear, outros disseram que iam curtir um pouco mais a mordomia do quarto de hotel. Por “outros”, lê-se “Mika e Henrique”. E por “curtir a mordomia”, lê-se “trepas” (provavelmente de janela aberta).

Porém, eu estava aflito. Subi para o quarto, escovei os dentes e esperei alguns minutos para descer e falar com Baby. Não queria parecer tão ansioso assim.

Agora, estou aqui, batendo na porta do quarto dela, aguardando que ela me deixe entrar.

A primeira batida é ignorada. Assim como a segunda. Da terceira vez que tento, escuto vozes no corredor — vozes muito familiares — e resolvo me esconder. Não acho que Baby ficaria feliz se suas amigas me vissem aqui.

Dobro a esquina do corredor, mas fico por perto. Preciso ouvir o que estão dizendo.

— Eu vi a troca de olhares entre vocês dois — uma voz feminina diz. — Nem tenta enganar a gente.

— Com certeza. Dava pra cortar a tensão com uma faca — uma outra mulher

concorda. Provavelmente Sue e Be, as únicas integrantes da banda que estão desocupadas no momento.

Os comentários delas são seguidos de silêncio, mas logo escuto a voz de Baby:

— Eu não quero falar sobre isso, ok?

— Tá, mas só confessa uma coisa: vocês dois... — a primeira voz deixa a frase morrer, sem precisar usar palavras para dar o recado.

Quando as duas meninas soltam gritinhos de alegria, sei que Baby acabou de confirmar a teoria. Em seguida, ouço um coro de “como foi?”, “ele é bom?”, “onde?” e “você gozou?”. Tento conter minha risada, não quero que elas saibam que estou aqui. Estas são informações privilegiadas.

É muito bom estar no lugar certo, na hora certa.

— Foi ótimo, ele é uma delícia e eu gozei horrores!

Abro um sorriso ao ouvi-la falar da noite de ontem. Pelo visto, não fui o único a ter uma das melhores experiências sexuais da minha vida.

— Então por que essa cara emburrada? — uma delas pergunta.

Isso! É isso que eu preciso saber.

— Porque o filho da puta me comeu e depois foi embora, como a maioria dos homens faz. Nem um “tchau, obrigado pela foda” ele disse.

Ah, Baby, temos muito para conversar...

— Nossa, amiga, que escroto. Ele, com aquela carinha de professor bonzinho e menino bem-educado, não passa essa imagem de cafajeste.

— Nem um pouco — confirma Baby. — Mas eu já estou acostumada. A maioria dos homens é assim.

Elas conversam por mais alguns minutos no corredor e minha ansiedade só aumenta. Eu preciso falar com Baby o quanto antes e desfazer todo esse mal-entendido.

Quando escuto as duas se despedirem e a porta fechar, dou mais alguns minutos para que elas saiam. As vozes vão diminuindo, indicando que estão se afastando. No momento em que não escuto mais nada, saio do meu esconderijo — agradecendo à sorte por não ter sido pego — e vou até a porta do quarto dela.

Desta vez, na primeira batida, ela abre.

— O que você está fazendo aqui? — ela pergunta, ambas as mãos na cintura. O vestidinho rosa que ela usa deve ter sido escolhido a dedo para me torturar.

— Eu disse que viria. A gente precisa conversar — digo e entro no quarto. Não vou dar chances para ela fechar a porta na minha cara.

O que aconteceu ontem foi bom demais para ser esquecido.

— A gente poderia ter conversado mais cedo, se você não tivesse saído escondido — ela acusa.

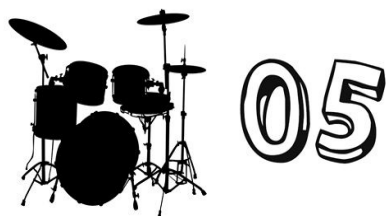
— Como eu te disse antes, eu só fiz o que você pediu, linda. — Ela vai falar alguma coisa, provavelmente retrucar meu comentário, mas eu a interrompo. — Vou te dizer o que aconteceu, porque, pelo que parece, você não se lembra dos detalhes.

Eu preciso deixar claro tudo que ocorreu ontem à noite. A última coisa que eu quero é que ela pense que eu sou que nem os outros caras.

— Por favor... — ela faz um gesto com a mão, indicando que eu continue.

— Quando saímos do almoxarifado, eu te carreguei para cá. Literalmente. Você estava em meus braços, e quem quer que nos visse pensaria que você era a noiva, não fosse pelo vestido vermelho e curto que você estava usando. — Ela ruboriza com o comentário e eu sinto vontade de beijá-la, mas me controlo e continuo com a história. — Quando cheguei aqui e te coloquei na cama, na esperança de poder passar a noite ao seu lado e continuar hoje de manhã, você se sentou e disse que eu precisava ir embora. Fiquei sem entender o que estava acontecendo e perguntei o motivo. Foi quando você disse que eu era uma foda deliciosa, mas uma foda de uma só noite, e que não queria nenhum envolvimento. — Baby arregala os olhos, mas logo volta ao normal. Algo clicou em sua mente. — Imagine só a ironia...

Levanto-me da cadeira e pego uma água com gás no frigobar. Baby não tira os olhos de mim. Não sei o que está passando em sua mente, mas com certeza ela não estava esperando pelo que acabei de contar.



— Realmente... — Alexandre para de abrir a tampa da garrafa que acaba de pegar no frigobar para me encarar. — O que aconteceu ontem foi maravilhoso. — Ele sorri. — Bom, pelo menos a parte que me lembro. — Um riso discreto foge de sua boca. — Mas eu não quero me envolver com ninguém agora.

Alexandre arregala uma de suas sobrancelhas e volta a tarefa de abrir a garrafinha de água que está em sua mão enquanto me observa. Ele pega um copo em cima do frigobar, serve o conteúdo no recipiente, tudo isso sem parar de me olhar, e toma vagarosamente. Não imagino o que ele está pensando, mas só de ver sua boca sorvendo a água, minha calcinha fica molhada. Quando ele termina, finalmente abre a boca:

— E o que você quer, Baby? — Seu tom é sério.

— Sinceramente, Alexandre? — Não o deixo responder. É uma pergunta retórica. — Eu não sei. Passei pulando de relacionamento para relacionamento desde a minha adolescência e nenhum deles me trouxe o que eu realmente procurava. — Suspiro. Não quero falar sobre meus quatro ex-namorados e como nenhum deles nunca foi o suficiente pra mim.

— E o que você procura? — Ele parece menos tenso nesse momento. — Isso você sabe?

— Eu sei. Só não acho que esse seja o tipo de conversa que quero ter com você. Não me leve a mal, Alexandre. Foi ótimo, posso até te dizer que foi um dos melhores sexos da minha vida. Mas você é o melhor amigo do marido de uma das minhas melhores amigas. Já imaginou o problema que seria se tivéssemos algo e não desse certo? Fora que, nesse momento, eu tenho milhares de coisas da banda pra me preocupar: com a gravação do nosso primeiro CD, as campanhas de publicidade, agenda de shows... E agora que Mika resolveu aceitar se casar com o Henrique, provavelmente tenho outro evento pra organizar. E tem meu trabalho na ONG...

— Você trabalha em um ONG? — Ele me interrompe e parece realmente surpreso.

— Sim, sou professora também. Desde pequena, eu me imaginava em uma sala de aula, lendo e discutindo os livros de romance que eu sou apaixonada. Me formei em Letras, mas com a banda nunca trabalhei com isso, apesar de sempre

querer. Então, no ano passado, montei um projeto e procurei uma ONG. Desde então, dou aulas de literatura e escrita criativa para adolescentes carentes.

— Nossa! Eu amo trabalhar com adolescentes. Também sempre me imaginei fazendo isso. É uma das coisas mais gratificantes da minha vida, por isso, quando recebi o convite pra trabalhar aqui na capital, e com o convite pra coordenar um projeto de Geopolítica, sinto que posso fazer a diferença, sabe? — Alexandre realmente está empolgado com a possibilidade. — Fora que morar na capital me deixaria mais perto de você e...

— Não — interrompo sua fala. — Não quero, nem posso me envolver com ninguém agora. E se não desse certo... — ele me impede de continuar.

— Baby, não estou dizendo que quero namorar você. — Tento disfarçar a minha cara de indignação quando ele me diz isso. Como assim, ele não quer me namorar? O que ele está pensando em dizer isso na minha cara? — Só estou pedindo que não feche as janelas. — Ele ri. — Entendeu o trocadilho? — Minha cara de fúria deve estar bem visível, porque ele fica meio perdido. — Janela, Mika, Henrique... Esquece. — Alexandre passa as mãos pelo cabelo, evidenciando que está confuso. — O que eu quero dizer é que não feche as possibilidades. O que rolou ontem foi muito bom e podemos repetir. Sem compromissos. Como você quer.

— Você está propondo que sejamos amigos de foda? — Essa possibilidade parece bem interessante e tenho certeza que Lady Bu adoraria.

— Se você quiser... — Ele pisca para mim. — Tenho certeza de que Lord Dickson adoraria.

— Lord Dickson? — pergunto confusa. Será que Dickson é o sobrenome de Alexandre?

— Sim... — Ele faz um gesto apontando pro próprio pau. Não me seguro e caio na gargalhada. — O que foi? Meu pênis é muito especial para mim para chamá-lo de qualquer coisa que não seja seu nome.

— Ok, ok! — Continuo rindo. — Lady Bu também vai gostar dessa brincadeira.

— Lady Bu, é? — Alexandre toma mais um gole de água. Larga o copo e começa a caminhar em minha direção. — E será que ela quer brincar agora?

Ele caminha devagar. Passo por passo. Sem tirar os olhos dos meus. O jeito com que me encara faz com que todos os meus pelos se ouricem. Sinto um calor subindo pelo meu corpo e me levanto.

— Senta. — Ele apenas ordena e obedeço. — Se vamos fazer isso, você precisa saber que tenho alguns fetiches e fantasias fora do comum.

— Tipo Cristian Grey? — Se for esse tipo de fetiches, com certeza Lady Bu estará fora da brincadeira.

— Quem? — Ele para de caminhar e me olha confuso.

— O cara dos Cinquenta Tons de Cinza. Não acredito que você não saiba quem ele é. Tem os livros, o filme...

— Não tenho a menor noção de quem seja — ele confessa e continua parado.
— O que ele curte?

— Sadomasoquismo. Não é exatamente esse nome que dão, mas pra mim é isso que é. Mas eles amenizam dizendo que é Bondage, Disciplina, Dominação, Submissão, Sadismo e Masoquismo, BDSM. E se for isso, Alexandre, já aviso que estou fora. Não curto violência no sexo. Só uns tapinhas de vez em quando na bunda, mas...

— Calma, linda! Também não curto violência. Minhas fantasias e fetiches são outros... E acho que você também vai gostar. — Ele volta a caminhar em minha direção, agora encarando meus lábios. — Pelo menos, pela amostra que tivemos ontem à noite — ele para em minha frente e se ajoelha —, tenho certeza de que você também vai gostar.

Alexandre encosta levemente os lábios nos meus e inclina meu tronco sob a cama. Ainda ajoelhado, ele tira minha calcinha devagar. O toque de sua mão pelas minhas pernas, enquanto retira a minipeça de roupa branca que uso, quase me causa um orgasmo. Ele vai aproximando os lábios da minha entrada e só a possibilidade de ser chupada já faz meu corpo se contorcer.

— Quero sentir você gozando na minha língua, Baby. Apenas relaxe.

Eu tento, mas alguém começa a bater desesperadamente na minha porta.

— Puta que pariu! — Dou um pulo da cama. Alexandre também levanta do chão, assustado.

— Baby, Baby! Abre essa merda! Já sei como quero meu casamento e precisamos conversar. — Pela voz e o assunto, sei que é Mika.

— E agora? — falo baixinho para Alexandre. — Se seremos amigos de foda, os outros não devem saber, né? Vai pro banheiro. — Vou empurrando-o em direção à porta do lavabo.

— Mas... — Não deixo que ele termine.

— Entra aí que vou dispensá-la. Só um pouquinho. — Dou um selinho em sua boca e fecho a porta.

Eu me olho no espelho só para ter certeza de que não estou com cara de quem acabou de ter a foda empatada. Então, corro e abro a porta.

— O que você estava fazendo que demorou tanto? — Mika entra enlouquecida no meu quarto. — Decidi. Quero casar na praia.

— Mas você odeia praia. Ainda mais praia cheia. E depois...

— Eu sei, Baby. Mas foi onde realmente ficamos pela primeira vez e aprendi a gostar por Henrique. E assim, não dá pra gente casar pela janela. Então, vai ser

na praia, no fim da tarde do dia quatorze de março.

— Mas isso é daqui a quatro meses, Mika. Não dá pra organizar um casamento em quatro meses.

— Vai ter que dar, Baby. É esse o dia e sei que você consegue. — Ela me dá um beijo na bochecha e sai saltitando do quarto. — Depois conversamos sobre os detalhes, preciso avisar às outras que me decidi.

Sento-me na cama novamente e fico sem saber o que fazer. Como assim, tenho que organizar um casamento em quatro meses? Alexandre abre a porta do banheiro.

— Esqueceu de mim?



— Bem que poderia, depois da bomba que Mika acabou de jogar em mim — ela diz e se permite cair no colchão, braços abertos como se fosse o Cristo Redentor e uma expressão de desespero no rosto.

— Não entendi. — Deito-me ao seu lado e espero que ela explique o que aconteceu durante esses dois minutos que estive preso no banheiro.

— Mika invadiu o quarto e disse que irá se casar na praia, no dia quatorze de março. — É praticamente um choramingo, e já posso ver suas engrenagens começarem a funcionar.

A mulher é um poço de eficiência e, por mais que ela esteja desesperada agora, não tenho dúvidas de que conseguirá resolver tudo a tempo — e com perfeição.

— Pelo modo como você está, acho que quatro meses não são suficientes para organizar um casamento.

— Exato! — ela diz, sentando-se na cama novamente. — O problema não é só isso. Se eu pudesse passar meus dias apenas organizando as coisas do casamento, tudo bem. Mas não dá. Eu também administro uma banda, preciso organizar os horários da gravação, como faremos com a publicidade... — Baby esfrega os cabelos, deixando-os ainda mais bagunçados que antes. Minha mente vai direto para as outras situações em que poderíamos fazer algo parecido. Mas essa não é a hora de pensar nisso. — ...fora que eu tenho as aulas. Tudo bem que eles estão de férias, mas preciso começar a me preparar. Não posso deixar tudo pra última hora. E ter um casamento pra organizar vai tirar todo o meu tempo.

Ela começa a falar sem parar, listando as um milhão de coisas que tem para fazer nesse curto período de tempo. Baby anda de um lado para o outro, nervosa, tentando pôr em palavras toda a angústia que está sentindo.

— Baby, para. — Eu estanco à sua frente e coloco ambas as mãos sobre seus ombros. — Você vai cavar um buraco até a China de tanto que anda — brinco, mas pelo olhar de raiva que ela me lança, não me restam dúvidas de que ela não ficou feliz com meu comentário.

— Isso é um mito.

— Não importa. Só preciso que você pare de se estressar antes que as coisas comecem de fato. Respira fundo, conta até dez e, em vez de perder o controle,

comece a pensar em estratégias para se manter organizada, mesmo com tantas coisas a fazer — digo, tentando acalmá-la. Pelo visto, dá certo, pois ela começa a respirar de maneira menos ofegante e seu olhar ganha uma tranquilidade que não estava lá há alguns segundos.

— Isso... Você tem razão. — Afasta-se de mim e vai em direção ao frigobar.

Ao invés de pegar uma garrafa de água ou algo do tipo, ela retira de lá duas minigarrafinhas de alguma bebida alcóolica. Ela oferece uma para mim e começa a abrir a outra.

— Um brinde — ela diz e eu continuo sem entender.

— Um brinde a...?

— Ao que vai acontecer em breve.

De repente, sua expressão ganha uma firmeza nova, como se algo tivesse despertado uma força extra que ela guarda apenas para momentos especiais — pelo visto, um super combo de responsabilidades pode ser considerado um.

— Se serve de alguma coisa, não tenho dúvidas de que você vai se sair muito bem. Eu tenho observado o modo como você trabalha. — Não acrescento que tenho observado o modo como ela fala, anda, dança, come... — Você é a pessoa mais eficaz que eu conheço.

Bato minha garrafinha na dela e dou um gole no líquido âmbar. Ela faz o mesmo.

— Obrigada pelas palavras, mas são as ações que falam mais alto. — Baby respira fundo e, em um só gole, esvazia o pequeno recipiente.

— Exato. E algo me diz que você é muito melhor fazendo do que falando.

Termino meu whisky também e coloco as duas garrafinhas vazias em cima da bancada do quarto. Tudo sob seu olhar cuidadoso. Baby avalia cada um dos meus passos, e algo me diz que ela sabe exatamente o que iremos fazer em seguida.

Viro-me para ela e vou em sua direção, fitando-a com a mesma intensidade com que ela me analisa.

Ainda temos um assunto muito importante para resolver e, apesar de termos sido interrompidos, nada vai tirar da minha cabeça a vontade de ficar com Baby novamente.

— Agora — digo, chegando ainda mais perto dela —, temos um assunto a ser resolvido.

Vejo quando ela volta a assumir a postura que grita “fique longe”, mas algo em mim diz que é apenas uma forma de ela se proteger. Não sei como foi sua vida ou como foram seus outros relacionamentos, mas ela vai descobrir que eu não sou que nem eles. Não quero ser que nem eles.

— Eu acho que já tínhamos combinado o que aconteceria entre a gente.

— Na verdade, acho que você estava prestes a me convencer a ser sua amiga de foda com alguns orgasmos — ela diz e dá um passo à frente, aproximando-se ainda mais de mim.

— Vamos chegar a essa parte, mas antes gostaria de estabelecer algumas... regras, vamos colocar assim.

— Tem certeza que você nunca leu Cinquenta Tons? — ela pergunta, uma sobancelha erguida.

— Por que eu...? Quer saber, não importa. Antes de começarmos com isso — faço um gesto entre a gente —, acho bom deixarmos claro que ambos não estamos esperando mais do que sexo. Não haverá um relacionamento, exigências e emoções no meio. — Baby faz que sim com a cabeça e posso sentir um pouco do seu alívio quando eu deixo claro que não quero compromisso. Mas tem uma coisa muito importante que ela precisa saber. — Contudo, eu não curto poligamia. Não estou a fim de sair de casa e encontrar você com outro cara.

Não quero nem imaginar o que aconteceria... Tem algo em Baby que me atrai de uma forma diferente. Posso garantir que nunca me senti assim em relação a outra mulher antes. Ela tem uma presença, uma sensualidade que me instiga de tal forma que é impossível me manter afastado. Se eu mal conseguia quando ela tinha um namorado, imagina agora, que está solteira e disposta a passar um pouco do seu tempo comigo.

Nunca fui um homem ciumento — nunca tive motivos para ser —, mas preciso saber que, pelo tempo que der, ela será minha — e só minha.

Fecho a distância entre nós e emolduro seu rosto com minhas mãos. Antes que ela possa dizer qualquer coisa, desço meus lábios sobre os seus, permitindo-me sentir seu gosto mais uma vez. Desde ontem eu estava sonhando com isso, com a possibilidade de tê-la de novo. Preciso que ela se renda a mim, a nós. Porque essa força, essa corrente entre a gente não pode ser ignorada.

— Você está falando demais — Baby diz e vira o rosto para um lado, deixando sua boca encostar em minha mão. Ela dá uma mordiscada e depois lambe minha palma, sem tirar os olhos dos meus. — Eu acho que, em vez de falar, você deveria manter sua boca ocupada com outra coisa.

As palavras dela me surpreendem e, ao mesmo tempo, me excitam mais do que eu sou capaz de explicar. Em um gesto impulsivo, arremesso-a na cama, arrancando de Baby um gritinho de surpresa, e levanto a saia de seu vestido. A calcinha, que já fora tirada antes, está em algum lugar do quarto, o que me dá livre acesso ao lugar onde quero estar desde ontem, quando saímos daquele almoxarifado.

Coloco suas pernas ao redor do meu pescoço e paio sobre Lady Bu, deixando minha respiração quente criar a expectativa do que vai acontecer.

— Antes de eu me deliciar com você — digo, meus olhos fixos nos dela, que já começam a nublar de tesão —, preciso que você aceite minhas condições.

— Alexandre... — ela geme meu nome, se mexendo embaixo de mim, morrendo de vontade que eu cumpra minha promessa. Eu também estou doido por seu gosto em minha língua. Chego a salivar só de sentir seu cheiro e saber que, em breve, estarei afundado dentro dela, gozando alto e chamando seu nome.

— Fala, Baby, diz o que eu quero ouvir — peço, louco para que ela fale logo e acabe com essa tortura.

Baby coloca ambas as mãos nos meus cabelos, tentando me puxar para onde ela mais quer.

— Fala! — Minha voz sai mais alta, desesperada.

— Sem compromisso, sem emoções, sem outras pessoas.

Assim que as palavras saem de sua boca, a minha se enche com seu gosto e minha língua começa a brincar.

Que os jogos comecem...



A única coisa que não preciso agora é saber os detalhes da lua de mel de Sissi e Eric. Mas foi o que decidimos fazer hoje. Então parece meio impossível não pensar em sexo, com os detalhes — sem necessidade — que a Sissi conta.

— Ainda não decidimos sobre a lua de mel — Mika interrompe os relatos apaixonados e empolgantes de Sissi. — Nem sei se teremos uma, porque precisa conciliar entre os shows da banda e o novo projeto em que Henrique está trabalhando.

— Vocês não precisam viajar em seguida do casamento — Be sugere — Meus pais viajaram em lua de mel quase um ano depois de se casarem e, segundo minha mãe, foi a melhor decisão da vida deles.

— É, posso ver isso com Henrique. O que você acha, Baby?

— Pode ser uma boa ideia.

— Só isso? O que está acontecendo com você? — Mika me olha com cara de espanto. — Você nunca dá uma resposta tão curta assim e sempre aponta todas as possibilidades pra ver qual a mais perfeita. — Mika bufa. — Desde o casamento da Sissi você está estranha...

— Não é nada, Mika. Só estou com muita coisa na cabeça e sem sexo...

— Como, sem sexo? — Sue pergunta. — Você e o...

— Eu e o Roger não estamos mais nos vendo — dou um grito pra frear Sue antes que ela conte às outras (leia-se Mika e Sissi, já que ela e Be sabem) sobre Alexandre.

— Eu não estava falando do Roger, Baby. Estava falando do A...

— Ah, sim! — interrompo-a novamente. — Você ia me perguntar do André, o carinho que conheci na academia — minto. — Não estamos mais saindo também.

Sue vai começar novamente a conversa e sei que ela quer falar o nome de Alexandre, mas, por sorte, Be entende a minha cara de desespero e a cutuca.

— Você realmente anda estranha... — Sissi diz. Mas a empolgação de contar sobre a lua de mel é tanta que ela rapidamente continua falando sobre a viagem e eu agradeço por sair do foco da conversa.

Duas semanas. Exatamente duas semanas que transamos e prometemos ser exclusivos, amigos de foda, sem emoção ou compromisso. O problema é que são

muitos problemas.

Primeiro, estou subindo pelas paredes pela falta de sexo. Mesmo que role umas conversas mais quentes e até a gente já tenha gozado fazendo sexo pelo telefone, não é a mesma coisa. Sinto falta do calor, do peso do corpo... enfim, de contato físico real.

Segundo, eu estou sentindo falta do Alexandre. Exatamente. Algo tipo... saudades? E isso é péssimo, já que emoções estão de fora do nosso contrato de amigos de foda.

Terceiro que parece ser muito incompatível sentir saudades, não ter emoções, não ter compromisso e, ainda assim, sermos exclusivos.

Quarto e muito importante: não posso contar às minhas amigas. Principalmente a Sissi. Porque imagina o problema que daria se não desse certo.

Quinto e talvez o mais importante: Alexandre nunca passaria no meu teste de namorado compatível e se os outros que passaram foram desastres, imagina o Alexandre que, se fizer dois pontos de dez, será muito.

Então, definitivamente isso está errado. Pior do que estar errado, está me tirando o foco e fazendo com que eu saia de todo o meu planejamento — e eu já tinha planejado todo o meu ano: seria um ano sabático de relacionamentos. Só sexo sem compromisso. Agora eu teoricamente tenho o que eu queria, mas não consigo parar de pensar na possibilidade de ter um relacionamento com Alexandre e todas as consequências disso — o que também é muito louco, porque, ao mesmo tempo, eu não quero um relacionamento com o Alexandre. Na verdade, eu não quero nenhum tipo de relacionamento, porque cinco é o meu número de sorte e sei que meu quinto namorado será o último.

Por isso, esse relacionamento final só pode começar depois de eu transar com pelo menos mais três caras sem nenhum tipo de envolvimento emocional — já que o Alexandre está contando como o primeiro cara — e aí sim conhecer meu último namorado.

Esse é o plano. Desde... sei lá, meus quatorze anos quando comecei a namorar o Juninho. Por isso, eu não posso me envolver com o Alexandre, porque ele não pode ser o quinto cara, já que é o primeiro sem envolvimento emocional e...

— Porra, Baby! Em que mundo você está? — Mika sacode meus ombros pra que eu responda ao que parece uma vida de silêncio abduzida pelos ETs que moram no meu cérebro. — A gente está a quatro minutos e trinta e dois segundos te chamando.

— E eu cronometrei — Be mostra o timer do celular.

— Desculpa, meninas. — digo, me levantando do sofá. — Vocês têm toda a razão. Eu preciso me focar — começo a abanar como uma doida para elas —,

mas agora eu preciso resolver isso. Juro que amanhã estou de volta ao normal.

Saio correndo pelo apartamento de Sissi e vou embora. Eu sei o que eu preciso fazer e como fazer. Eu só vou dar para outros caras. Não existe essa de amigos de foda exclusivos. Isso é compromisso e não temos compromisso. O bom de morarmos todas no centro é que nunca falta um pub animado na esquina. Entro no primeiro e me sento ao balcão.

— Quer uma bebida? — o barman me pergunta.

— Cinco doses de tequila. — Ele olha pros lados e ri. — É sério, amigo, e pode enfileirar os shots.

Mesmo que minhas amigas não estejam aqui, são cinco doses. Eu bebo por elas. A gente combinou que, não importasse onde fosse, se a gente bebesse tequila, teria que beber por todas as faltantes. É isso que eu faço. Tomo dose por dose, repetindo o ritual cinco vezes seguidas e rapidamente. Na última dose, eu já estou pronta pro meu objetivo. Olho pros lados, procurando o alvo, mas antes que eu escolha, um cara se aproxima de mim.

— Está procurando alguma coisa, gostosa? — Ele toca levemente meu braço dando um sinal bem claro de que ele pode ser o que estou procurando. Analiso-o dos pés à cabeça antes de dar minha resposta. Sei que parece frio, mas é sexo casual, então a carne pode ser importante.

— Sexo casual. — Mas não olho para ele de fato quando respondo.

— Você é direta. Então, que tal irmos? — Muito bem, Maribel. Objetivo alcançado.

No momento em que penso em me levantar e ir embora com esse cara que, não sei se pelas doses de tequila ou se por ser verdade mesmo, parece uma versão mais nova do Brad Pitt, misturado com o Antônio Bandejas, me lembro da promessa. “Sem emoções, sem compromisso, sem outras pessoas.”

— Desculpa. Eu não posso fazer isso.

Pago as tequilas e saio meio correndo do bar. A primeira coisa que faço ao alcançar a rua é pegar meu celular. Eu preciso resolver isso e agora.

— Alexandre, a gente precisa conversar — falo assim que escuto a respiração dele do outro lado.

— Tudo bem, o que houve? Você está bem? — a voz realmente parece preocupada.

— Estou ótima. Não é isso, é sobre o nosso acordo e...

— Baby, onde você está?

— Na rua, indo para casa, mas não esquento...

Ele me interrompe de novo:

— Faz assim, me liga assim que você estiver em casa. Mas por vídeo. A gente precisa se ver.

— Alexandre...

— Me liga assim que entrar em casa. Beijos na Lady Bu.

E, assim, ele simplesmente desliga o telefone e não me deixa falar. Se eu não estivesse tão ofegante pelo passo acelerado e tonta pelas tequilas, eu ligaria de volta, mas nesse momento preciso de toda a concentração pra chegar em casa.



Só de ouvir o desespero na voz de Baby eu entro em estado de alerta. Eu não sei o que está acontecendo com ela, mas preciso descobrir. Todas as vezes que nos falamos, ela parece estar bem, nunca dá indícios de que há algo a incomodando... Por isso, fico tão confuso quando desligo a ligação.

Quando nos falamos ontem, tudo estava bem. Trocamos algumas mensagens — umas mais quentes do que outras — e conversamos sobre assuntos diversos. Não senti, em um momento sequer, qualquer hesitação da parte dela. Mas, por mensagens, podemos interpretar as coisas conforme queremos; não há tom de voz. Por isso que eu prefiro quando as coisas são feitas do modo tradicional. Se, por conta da distância, não é possível estar com ela pessoalmente, então tentaremos o mais próximo possível disso.

Olho para os lados e penso no que fazer enquanto espero Baby me ligar. Deixo o programa aberto, conecto o fone de ouvido e ajusto a cadeira.

Impaciente, é assim que estou no momento.

As últimas duas semanas têm sido bastante corridas. Por sorte, estava em casa quando Baby ligou, porque, ultimamente, eu tenho ficado muito mais na rua — tentando resolver vários problemas e colocar a vida em dia para que eu possa me mudar. Acho que, por isso, a mudança ainda não está pronta pra sair. A cozinha já está semiempacotada, o meu quarto também, mas ainda não tive tempo de separar o que eu preciso levar aqui da sala.

Já decidi que deixarei os móveis. Inclusive, estava encomendando várias coisas pela internet quando Baby ligou. Mas agora não consigo fazer mais nada a não ser olhar para a tela do computador e esperar que a mulher me ligue.

Eu não deveria estar tão envolvido assim... Ao mesmo tempo, não vou me forçar a qualquer coisa só porque eu acho que deveria fazer isso ou aquilo. Às vezes, temos que deixar que tudo aconteça naturalmente.

Só espero que ela pense da mesma forma.

Para passar o tempo, resolvo dar uma olhada na minha estante de livros e decidir se, dentre eles, há algum que eu queira doar. São muitos, e sei que, vários deles, nunca mais lerei. Separo alguns em uma pilha, decidido de que eles não farão mais parte da minha coleção. Precisamos nos desfazer de algumas coisas para que as novas possam entrar. Quando estou voltando do quarto, trazendo

comigo uma caixa de papelão para colocar os livros separados, o familiar toque da videochamada me interrompe. Deixo a caixa de lado e corro para a frente do computador. Respiro três vezes, na tentativa de mascarar o meu nervosismo, e clico no botão verde. Assim que o faço, o lindo rosto de Baby aparece na tela. Eu deveria abrir um sorriso, mas a expressão dela me deixa preocupado. Os olhos verdes não carregam o brilho de sempre; a pele clara deixou de ser rosada e passou a ser pálida; os cabelos estão bagunçados.

— O que aconteceu? — pergunto, tentando descobrir o que a deixou daquele jeito.

— Nada... Acho que esse é o problema. — Baby passa as mãos pelos cabelos, bagunçando-os ainda mais.

Quando ela olha para todos os lados, menos para mim, imagino, então, que o problema esteja relacionado comigo.

— Conversa comigo, linda — peço, minha voz amena.

Não quero forçá-la a nada. Preciso que ela converse comigo e me ajude a resolver o que quer que seja. A última coisa que quero, no momento, é afastá-la ainda mais. Se os trezentos quilômetros entre nós não fossem o suficiente para isso, agora sinto que há mais barreiras que a estão impedindo de me aceitar — o que é estranho, porque não pedi nada demais.

— A gente tem que parar com isso — ela diz abruptamente. — Na verdade, eu não quero mais esse lance de exclusividade. Para ser sincera, eu quero dar e, como você não está aqui, preciso de alguém que me satisfaça.

As palavras dela deveriam me pegar de surpresa, mas é de Baby que estamos falando, e ela é tudo menos uma mulher indecisa. O fato de precisar estar sempre no controle faz com que ela não se ajuste bem a qualquer coisa que, para ela, foge do normal.

Mas eu não estou aqui para trazer comodidade.

— Ok. — Entro em seu jogo.

Ouvindo minha resposta fria, Baby ergue as sobrancelhas. Pelo visto, ela não estava esperando por isso.

— Ok... — ela diz, hesitante, sem saber se olha para mim ou para o teclado.

— Se você não quer estar comigo, não vou te obrigar, Maribel. — Usar seu nome faz com que ela preste mais atenção em mim. — Eu quero você, muito. Mas, se você não me quer, não vou implorar. Eu sei o que posso te oferecer, basta você estar disposta a aceitar.

Juro que, neste momento, tudo que eu queria era estar ao lado dela. Não poder tocá-la é uma tortura.

— Você fala como se fosse a coisa mais simples do mundo...

— E é simples. Você que está desistindo na primeira dificuldade. — Eu sei

que isso é golpe sujo, mas não vou deixar que ela se livre tão fácil de mim. Não sou homem de desistir das coisas e, se minha intuição estiver certa, Baby também não é assim.

— Eu não estou desistindo, Alexandre. — Vejo um pouco do brilho desafiador voltar ao seu olhar e sei que as coisas estão indo na direção certa. Mesmo assim, não a interrompo. — Só acho que as coisas estão complicadas demais para algo que deveria ser descomplicado. E prazeroso. É fácil ter um amigo de foda que te faz gozar com frequência, mas é bem difícil ter um que você não pode tocar.

— Você não pode me tocar, mas isso não quer dizer que eu não imagine suas mãos no meu corpo... sua boca na minha... sua respiração ofegante enquanto eu te levo à beira do orgasmo...

— Alexandre... — ela chama meu nome e sei exatamente do que ela precisa agora.

— Em breve eu estarei aí, linda, e pode ter certeza de que você não vai mais se sentir frustrada. Sempre que você quiser, vai poder me ter ao seu alcance. — Esta é uma promessa que sei que poderei cumprir. Inclusive, estou fazendo de tudo para ir para a capital o quanto antes. Tudo por causa dela.

— Eu não sei, Alexandre. Tudo parece tão simples pra você, mas sou eu quem estou sofrendo aqui.

— Sério que você acha que eu não estou sofrendo?

De supetão, levanto-me da cadeira e, de forma nada cerimoniosa, abaixo minha calça. Baby arfa com o que vê: a boxer branca que estou usando delinea minha ereção, deixando claro que ela não é a única excitada da conversa.

— Só de te ver, de pensar em você, eu já fico assim, Maribel. Meu corpo está morrendo de saudade do seu.

— Alexandre... — sussurra, desta vez o tom de repreensão não está lá. Ele foi substituído por algo diferente. Desejo, talvez.

— Tudo que eu quero é poder estar aí, te tocar, te lamber, provar seu gosto. Eu estou morrendo de saudade do seu gosto na minha língua, Baby. Então, linda, por favor, não ache que você é a única que está sofrendo.

Eu me afasto um pouco da câmera, possibilitando que ela me veja por inteiro, não apenas Lord Dickson. Quero que ela me veja, que sinta a minha agonia por não poder estar ao seu lado, satisfazendo suas necessidades e me deliciando com cada uma delas.

— Quando você chega? — Baby pergunta, me olhando de cima a baixo. A cena poderia ser ridícula: eu, um metro e oitenta e cinco, com uma blusa social de manga comprida e as calças arriadas, mas a tensão impede o lado cômico, deixando em evidência apenas o tesão que sinto por ela.

— Logo, Baby. Logo — digo, desabotoando minha camisa. — Mas enquanto

isso, não vou deixar que você fique... insatisfeita.

Sento-me novamente na cadeira, agora usando nada mais no que a boxer branca. Por um momento, Baby hesita, sem saber ao certo o que está para acontecer. Ela apenas me analisa e depois olha para os lados, como se quisesse ter certeza de que está realmente sozinha.

— Isso, linda... Pode confiar em mim. Prometo te deixar bem saciada... por hoje. Agora, tira a blusa pra mim, preciso ver seu corpo — eu peço, minha voz mais grave do que o normal. Só de pensar no que está prestes a acontecer, Lord Dickson estremece.

Baby ainda não está muito confiante, mas não posso deixar que ela desista. Não apenas por esta ser uma das minhas fantasias — já que nunca fiz sexo virtual —, mas porque não posso permitir que uma mulher tão deliciosa quanto ela se sinta insatisfeita.

Ela merece todos os orgasmos que desejar — e se puder ser eu a proporcionar cada um deles, então posso me considerar sortudo pra caralho.

Pelo que posso perceber, ela coloca o notebook em cima da mesa de centro e se recosta no sofá, olhando para mim com expectativa.

— Baby, já que eu não posso encostar em você, preciso que você faça isso por mim. Coloque ambas as mãos por dentro da sua blusa e sinta como sua pele é macia — começo a guiá-la. No momento em que ela faz o que peço, solto um suspiro de alívio. — Isso, linda... Devagar... Sinta o seu calor. Feche os olhos, escute apenas a minha voz e se permita relaxar.

Baby obedece a meus comandos. Controlo-me para não começar a me masturbar agora. Quero que ela entenda que, neste jogo, a prioridade não sou eu.

Digo para continuar se tocando, mas sem pressa. Aos poucos, seus movimentos ganham mais ritmo. Minhas palavras a encorajam a continuar, a se permitir sentir prazer. Baby finalmente tira a blusa, deixando seus seios à mostra, apenas cobertos por um sutiã de renda preta, que contrasta com sua pele alva.

A vontade que tenho é de lambe-los entre eles, e é exatamente o que digo a ela.

— Abaixar as alças do sutiã, me atice com a possibilidade de ver esses peitos deliciosos — peço, excitado de um modo que não consigo nem verbalizar. Aperto com força os braços da cadeira.

Baby entra no jogo. Ela chega para frente, me dando uma visão perfeita de seu decote, e começa a me provocar. Brinca com as alças, subindo e descendo, e segura os seios, apertando um contra o outro. Quando finalmente se liberta do pedaço de pano, ela me dá uma visão perfeita de seus mamilos, que foram feitos para serem chupados por mim. Minha boca começa a salivar só em pensar no gosto que eles têm.

— Porra, Baby... Quero poder passar minha língua nesses biquinhos e fazer com que se ericem em minha boca — digo, arrancando um gemido seu.

Meu controle se rompe no momento em que ela abaixa os shorts, ficando completamente nua à minha frente. Desço a última peça em meu corpo e Lord Dickson pula para fora, grande e grosso, desejando a mulher do outro lado da tela com desespero.

Seguro-o com força. A dor permite que eu me acalme um pouco, pelo menos por enquanto.

— Abre as pernas pra mim, linda... Lord Dickson tá com saudade da Lady Bu.

Baby hesita e eu a encaro, minha mão subindo e descendo por meu pau, que trinca de tão duro que está. A cena à sua frente deve ter sido o suficiente para encorajá-la a fazer o que peço. Lentamente, ela coloca ambos os pés no sofá, afasta as pernas e me dá uma visão perfeita de sua boceta molhada.

Caralho...

— Verifica se ela está molhada pra mim... — peço, mesmo que não precise de confirmação. A imagem não mente: Baby está tão excitada quanto eu.

O modo como se expõe pra mim me dá esperanças de que ela também me deseja, que adora quando eu assumo o controle.

Baby passa os dedos por sua fenda, subindo e descendo, se torturando com o contato. Nossos ritmos combinados. Seu corpo estremece toda vez que encontra o clitóris inchado. Ela arfa e seus olhos ameaçam fechar. Sempre que isso acontece, eu digo para que os mantenha abertos. Quero que ela veja exatamente o que está acontecendo e preciso de seus olhos em mim. Só de saber que estamos compartilhando algo tão íntimo e de forma tão explícita, uma gota brilha na ponta do meu pau.

— Alexandre, eu quero gozar... — ela pede, seus dedos ganham mais velocidade. Baby está desesperada, e eu também. Mas não posso acabar com nossa brincadeira ainda.

— Eu quero que você coloque um dedo dentro de você. Só um... com cuidado.

Baby arregala os olhos, mas faz exatamente o que digo. Com um movimento devagar de vai e vem, ela se penetra — e melhor de tudo é ver como seu dedo sai melado.

— Continua, linda... Mas com a outra mão, quero que você brinque com seu clitóris. — Baby parece confiar em mim cada vez mais. Ela obedece e se entrega ao momento.

Enquanto ela se masturba, eu digo o quanto a desejo, o quanto a cena me excita. Com detalhes, narro o que vou fazer com ela da próxima vez que nos

encontrarmos. Seu corpo me excita muito, mas é o modo como ela me olha — como se pudesse enxergar o meu lado mais depravado — que faz com que eu perca o controle.

Nós dois começamos a gemer mais alto, nossos movimentos mais erráticos. Temos apenas um objetivo: gozar.

— Mais rápido, linda... Imagina que estou com você, entrando e saindo dessa boceta gostosa com força. Sente meu pau dentro de você, grosso, grande e louco pra jorrar tudo que eu tenho.

Minhas palavras sujas parecem excitá-la ainda mais, e eu preciso me controlar para não acabar com a nossa brincadeira. Quero que ela goze, que ela veja que, mesmo à distância, eu sou capaz de fazer com que ela se sinta bem.

No momento em que joga a cabeça para trás e curva as costas, sei que ela finalmente atingiu seu orgasmo. Bato com mais força: quero gozar junto com ela. Baby chama meu nome e é meu fim. Solto um urro com a força que o clímax me atinge.

Porra... Preciso mais dessa mulher.



Não sei onde eu estava com a cabeça em concordar com Alexandre sobre sermos amigos de foda exclusivos. Quer dizer, eu sei onde a minha cabeça estava. Ela estava concentrada em fazer qualquer coisa pra aliviar o tédio que eu estava sentindo. “Sem compromisso, sem emoções e sem outras pessoas.”

O problema é que a exclusividade, de alguma forma, não significa um compromisso? Então me parece que amigos de foda e exclusividade são duas coisas que não combinam. Ainda mais quando se está extremamente estressada com tantas coisas para organizar, fazer, resolver, e faz mais de mês que não se transa, porque seu amigo de foda mora a trezentos quilômetros de distância.

Por mais que eu tenha tido vários orgasmos virtuais nas nossas conversas nesses trinta e seis dias sem sexo real, eu realmente estou sentindo falta de calor humano — pra não dizer que é do Lord Dickson entrando e saindo de mim que realmente sinto falta.

O fato é que: se não existem outras pessoas, isso é um compromisso — e eu estou tendo muitas emoções pela falta de sexo. Ou seja, definitivamente não está dando certo.

Eu tenho pensado muito em dizer pro Alexandre que não vai rolar desse jeito, mas todas as vezes que tento, ele muda de assunto, começa com uma conversa de duplo sentido — e ok, eu confesso: adoro nossas conversas provocativas — e eu perco o foco. Só que a verdade é que não dá mais. Não quero continuar dessa forma. Em vez de amigos de foda, parece que nos tornamos um casal à distância e, quando eu disse que não queria relacionamentos, eu estava falando exatamente disso.

Roger, meu último namorado, quando estávamos terminando, disse que eu era maníaca demais por organização e perfeição e, por isso, o que eu procurava eu nunca iria encontrar. Ele até tem razão. Sou organizada e perfeccionista ao extremo, mas o que procuro não é nada tão utópico assim. Roger até poderia ter sido esse cara, se depois de uns meses de namoro ele não tivesse simplesmente se acomodado. Porque é isso que acontece em todos os relacionamentos: as pessoas se acomodam — e não quero mais isso.

Quero alguém que seja divertido, parceiro, satisfaça todas as necessidades da Lady Bu, mas que seja responsável, saiba conversar sobre tudo e,

principalmente, não se acomode. Que saiba me provocar e que me faça realmente sentir especial. E tem mais: meu próximo namorado, definitivamente, deve ser o último. Enquanto eu não o encontro, quero manter minha vida sexual ativa, pra também manter a minha sanidade em dia.

Ou seja, não dá pra continuar sendo amiga de foda do Alexandre. Primeiro, porque isso não está mantendo a minha vida sexual ativa e, segundo, porque é impossível eu poder conhecer alguém com um compromisso de exclusividade.

— Baby?! — Sue me tira dos meus pensamentos. — Tchê! Em que planeta você está? Parece que não está ouvindo nada do que dissemos. — As outras meninas também me encaram, esperando a resposta de uma pergunta que não ouvi.

— Desculpa, meninas. Realmente estou com muitas coisas na cabeça. — Faço sinal com a mão para a atendente da padaria, que prontamente me atende. — Um café bem forte e sem açúcar, por favor. — O que vocês estavam me questionando?

— As músicas do CD, Baby! — Mika grita. — Precisamos decidir ao certo quais vamos gravar. Temos duas músicas a mais do que a gravadora pediu e não conseguimos desempatar pra decidir.

— Talvez a gente devesse conversar com o produtor musical e deixar que ele decida. Podemos gravar todas no estúdio e a gravadora decide depois quais entram ou não. O que acham? — Sei que não é a resposta que elas querem ouvir, mas também não sou capaz de decidir agora quais as músicas que ficarão de fora do nosso primeiro CD.

— Eu acho uma boa ideia — Sissi parece ser a única que entende que tem coisas demais na minha cabeça.

— Eu também — Be concorda.

— Então, pronto — Sue parece querer colocar fim na discussão que tem nos atormentado por duas semanas. — Gravamos todas que temos e deixamos a decisão para eles. Parece realmente uma ideia genial, afinal, eles têm mais conhecimento do mercado musical e assim não nos sentimos culpadas por deixar alguma música de fora.

— Além disso — Mika parece ter ficado realmente satisfeita com a ideia —, as que não entrarem no CD podemos depois pensar em um clipe bem simples pra jogar na internet. — Ela mesma bate palminhas pra sua solução. — Agora, meninas, se não temos mais nada pra conversar, preciso ir. Tenho que entregar as chaves do apartamento do Henrique para o Alexandre, que está se mudando hoje pra cá.

— Quem? — pergunto em estado de choque. — O Alexandre? Amigo do Eric? — Não é possível.

— Exatamente. Ele resolveu aceitar o emprego — Sissi conta. — Eric, inclusive, viajou de madrugada com a caminhonete pra ajudá-lo — Sissi faz uma cara de criança sem doce — e eu já estou morrendo de saudades.

Todas começamos a rir do jeito meloso de Sissi. Desde que ela e Eric começaram a namorar, ela ficou mais... qual seria a palavra certa... emotiva? Mika se despede, Sissi vai junto e ficamos apenas Be, Sue e eu na mesa.

— Vocês nunca mais se falaram depois do casamento? — Be me pergunta.

— Não — minto. Não contei para nenhuma das meninas o que rolou depois, nem do nosso acordo de amigos de foda exclusivos, e apenas Sue e Be realmente sabem da noite do casamento.

— Talvez vocês devessem conversar — diz Sue.

— Talvez. — Talvez, não. Com certeza vamos conversar e sério. Como assim, ele não me conta que estava realmente se mudando? Que tipo de amigos somos que ele não conta algo tão importante quanto o fato de que estará morando a duas quadras da minha casa?



Chego em casa morta de cansada. Depois da reunião com as meninas, fui ver os fornecedores de salgados e doces pro casamento, passei na gravadora pra acertar os últimos detalhes da gravação do CD que começa amanhã e fui em uma reunião com Roger — sim, meu ex — sobre o show de lançamento do CD que será no bar dele. Terminar um relacionamento e continuar trabalhando com o ex não é tão simples. Ainda mais quando é você que terminou e o cara não aceita. Sabe aquele ditado que diz que só conhecemos alguém depois que nos separamos dessa pessoa? É verdade. Roger não pode me ver que dá alguma alfinetada, mas, por ser extremamente profissional, eu engulo todas e nem respondo. Só que isso cansa. Muito.

Mesmo passando o dia inteiro ocupada, em nenhum momento saiu da minha cabeça o fato de que Alexandre está se mudando hoje, não me contou nada e, pior, não deu notícias o dia inteiro. O que ele está pensando? Pego o celular e digito.

“Precisamos conversar. E sério.”

Cinco minutos depois recebo a resposta.

“Então abre a porta para mim.”

“Não entendi.”

“Abre a porta, Baby. Estou na frente do seu prédio.”

Putaquepariu! Não era isso que eu tinha em mente. Pensei em conversar por telefone e acabar com essa situação. Mas saber que Alexandre está na minha

porta faz meu coração pulsar mais rápido — e essa não deveria ser a reação para alguém “sem compromissos e sem emoção.”

10

Um mês. Um mês resolvendo problemas, achando alguém para alugar a minha casa, empacotando minha vida, me despedindo das pessoas e tentando deixar tudo pronto para uma nova fase que está por vir.

Enquanto meus amigos, Eric e Sol, sempre tiveram sonhos de cidade grande, eu nunca fantasiei em me mudar para um lugar onde o barulho vencesse o silêncio, a pressa vencesse a calma, a loucura vencesse a sanidade. Porque é exatamente essa a sensação que tenho quando estaciono meu carro na frente do prédio em que vou morar nos próximos anos.

Olho para cima, admirando os muitos andares dos edifícios ao meu redor. Minha nova casa não fica na avenida principal, mas a rua é bastante movimentada. Por ser muito perto do centro, o vai e vem de pessoas não para, e chego a ficar tonto com o modo como todos parecem não notar que há mais gente no caminho.

— Você se acostuma. — Eric dá um tapinha na parte de trás do meu ombro e olha para mim de forma condescendente, deixando claro que sabe muito bem o que eu estou pensando.

— Vamos ver — digo. Pego algumas caixas da mala do carro e carrego-as para dentro do prédio.

Eric faz o mesmo. Ele foi até Vale da Esperança me encontrar e me ajudar a trazer todas as coisas para cá. Não contratei um caminhão de mudança. Comprei algumas coisas online — que Henrique ou Eric receberam para mim — e trouxe apenas minhas roupas, livros e itens pessoais.

Se estou para começar uma vida, não vejo sentido em levar tudo que fazia parte da antiga. Deixei os móveis na minha casa. O casal que a alugou ainda não tinha muita coisa e ter tudo montado foi um excelente incentivo para que eles se mudassem mais rápido.

O que mais me tranquilizou foi o fato de tudo ter se encaixado perfeitamente. Apesar de muitas coisas para fazer e resolver, no fim, deu tudo certo e acabei me sentindo brincando de Lego.

Acho que a maior dificuldade durante todo esse tempo foi manter o segredo de Baby. Obriguei Eric e Henrique a não contarem nada pra ela. Porém, em algum momento, eles devem ter dado com a língua nos dentes e revelado para

suas digníssimas o que estava acontecendo.

Eu tenho planos de fazer uma surpresa para ela. Mais de um mês sem nos vermos, o encontro com certeza será intenso. Mesmo à distância, eu não conseguia parar de pensar em Baby. Ela sempre estava ali, na minha mente, me lembrando do que poderíamos fazer assim que eu chegasse à capital — e agora terei como colocar em prática tudo aquilo que imaginei durante esse tempo.

Eric e eu finalmente conseguimos subir todas as caixas. Meu amigo não está no modo falante, e acho que isso se deve ao fato de estar algumas horas separado de Sissi. Ele não confessa, mas virou um pamonha desde que conheceu a loira. Ele sobe e desce praticamente correndo, doido pra acabarmos logo com isso e ele poder voltar pra casa. Quando a última caixa é depositada no chão do apartamento, ele suspira aliviado e olha para mim.

— Pronto, já não vou para o inferno reservado a amigos que não ajudam na mudança — ele diz, batendo as mãos na calça jeans para espanar a poeira.

— Fica tranquilo, você está absolvido.

— Finalmente! — exclama, mas ainda consigo sentir o nervosismo nele. Pensei que fosse ansiedade, mas, pelo visto, não é só isso, já que Eric, apesar de ter acabado de me ajudar a trazer tudo pra cima, ainda não saiu.

— O que tá acontecendo? — pergunto e sento-me no sofá de couro que tem na sala. Henrique também não se livrou de suas coisas. Ou melhor, ele não jogou fora o sofá preto e nem a geladeira.

— Eu preciso te contar uma coisa, mas você precisa jurar que não vai contar pra ninguém — Eric pede, a apreensão marcando seu rosto.

Ele olha de um lado para o outro, como se quisesse ter certeza de que não há mais ninguém com a gente. Reviro os olhos, achando ridícula essa preocupação toda dele. Somos amigos desde garotos, óbvio que não irei sair contando seu segredo pra ninguém.

— Você tá parecendo minhas alunas do sexto ano. Senta aí e fala logo. Te ofereceria uma cerveja, mas... — Dou de ombros. Ele sabe que não tenho nada aqui.

Preciso fazer compras.

Não.

Preciso de Baby.

Eric pode estar ansioso, mas eu também estou. Provavelmente muito mais do que ele. Para minha vantagem, consigo esconder muito melhor o que eu estou sentindo.

Eric esfrega o rosto com as mãos e depois toma seu lugar no sofá. Quando ele solta um suspiro e joga a cabeça pra trás, sei que a situação é pior do que eu podia esperar.

— Vai falar ou ficar aí fazendo drama? — incito. Agora, sou eu que estou ansioso.

Eric passa os próximos trinta segundos em silêncio, pelo visto, tomando coragem para jogar a bomba.

O que está acontecendo?

— Sissi e eu...

— Porra! Vocês mal se casaram e já vão se separar?!

Eric olha espantado para mim, olhos arregalados e boca aberta.

— Claro que não! Eu não deixo aquela mulher nem se ela me pedir. Eu ia ser o ex-marido que dorme no quintal.

Solto uma risada, porque sei que, sem sombra de dúvida, ele seria capaz de algo assim.

— Para de palhaçada, então, e me conta o que está acontecendo.

Estou impaciente. Quero logo poder sair daqui e dar um jeito de encontrar Baby. A ideia inicial era trazê-la para cá e mostrar a ela onde estou morando, mas, pelo visto, não vou conseguir esperar mais algumas horas longe dela. E se Eric não começar a falar logo o que tem de errado com ele, vou acabar perdendo a chance de me encontrar com Baby ainda hoje.

— A Sissi acha que está grávida — ele joga a informação e me encara.

Boquiaberto. É assim que estou.

— Ela...?

— Ainda não sabe. O resultado do exame sai hoje. Ela disse que não confia em testes de farmácia, por isso fez o de sangue. É por isso que eu estou assim: eu quero ir pra casa e descobrir se ela está ou não esperando um filho meu — Eric confessa e posso sentir sua ansiedade daqui.

— Qual resultado que você quer que apareça naquele papel? — pergunto.

— Honestamente? Não sei.

— Então corre pra casa e descobre! Arranca o band-aid de uma vez só. Se você está assim, Sissi deve estar quase enlouquecendo.

Eric se levanta do sofá e anda de um lado para o outro.

— Eu não sei se estou pronto pra ser pai — ele confessa. Seu semblante deixa claro que está morrendo de medo da possibilidade.

— Ninguém está pronto pra certas coisas, mas se Sissi estiver, de fato, grávida, então tenho certeza de que você será o melhor pai que conseguir.

Eu me levanto e paro de frente ao meu amigo. Coloco uma mão em seu ombro e o encaro. Eric pode ter vários defeitos — ser cabeça dura e insensível com a maioria são apenas alguns exemplos —, mas o cara tem um senso de responsabilidade que poucos sonham em ter. Se sua esposa realmente estiver grávida, não há dúvidas de que ele irá fazer o que for necessário para que tudo

aconteça da melhor forma possível.

— Pare de ficar se perguntando o que vai acontecer e fale com ela. Em vez de imaginar diversos cenários para uma situação hipotética, vá pra casa e descubra a verdade. — Eric engole em seco e faz que sim com a cabeça. — E não importa o que aconteça, vai dar certo. O máximo que vai acontecer é eu ganhar um afilhado.

Eric dá um sorriso, mas não parece feliz de verdade. Eu entendo. Nem consigo imaginar a possibilidade de ser pai agora. Mesmo assim, acho que estou precisando praticar bastante e, para isso...

— Tem como você me dar uma carona?



“Abre a porta, Baby. Estou na frente do seu prédio.”

Eu envio a mensagem, louco para que ela me deixe entrar e possamos fazer tudo aquilo que venho sonhando desde a última vez que ficamos juntos.

Enquanto estava no carro com Eric, ela enviou a primeira mensagem. Achei bastante oportuno. Pelo modo como ela disse que queria conversar comigo, sei que alguém contou a ela sobre a minha mudança, estragando completamente meus planos de surpreendê-la.

Tudo bem, existem outras maneiras de fazer com que uma mulher grite de alegria.

Eu fico parado em frente ao prédio que ela mora, esperando ansiosamente para olhar Baby nos olhos pela primeira vez em um mês. Aqueles olhos verdes que assombram meus sonhos. Sonhos de tê-la de joelhos à minha frente, me chupando e olhando para mim enquanto me dá prazer.

Quem sabe hoje não será meu dia de sorte?!

Quando Baby abre a porta, seu semblante irado me faz ter certeza de que, se eu quiser que hoje seja meu dia de sorte, terei que me esforçar muito.

Droga, não era assim que eu esperava que as coisas fossem acontecer.

— Não vai me dar um beijo? — pergunto, me aproximando dela.

— Por que você não me disse que estava vindo? — Baby não responde minha pergunta. Coloca ambas as mãos na cintura e me encara como se eu fosse o inimigo.

Pelo visto, ela não é muito fã de surpresas.

— Porque eu não quis — digo, simplesmente. Quando ela arregala os olhos, eu acho melhor complementar minha frase. — Eu queria te fazer uma surpresa, mas, pelo visto, não deu certo.

— Eu acho que essa coisa toda de amigos com benefícios não vai dar certo. — Baby não me dá tempo de continuar. Em vez de me escutar, ela joga uma bomba em cima de mim, mudando completamente o foco da conversa.

Mais uma vez, ela tenta terminar com o que quer que seja que existe entre nós. Mais uma vez, eu não vou deixar que isso aconteça.

Apenas olho para ela, que parece mais nervosa do que Eric com a possibilidade de ser pai. Das duas, uma: ou ela estava com saudades e não sabe se expressar ou está com medo de que as coisas saiam de controle.

Às vezes, em vez de lutarmos contra a maré, é melhor nos rendermos a ela.

— Você que sabe — digo, repetindo exatamente o que fiz da última vez que ela falou que não me queria mais, e dou de ombros, fingindo que algo dentro de mim não está gritando com a frustração de saber que, de certa forma, ela quer se manter afastada. — Mas que tal você me convidar pra subir e me oferecer uma xícara de café? Afinal, eu acabei de dirigir trezentos quilômetros, subi e desci umas vinte vezes carregando caixas e não comi nada hoje.

Baby olha para mim como se não estivesse entendendo meu ângulo. Mas a única coisa que quero é uma oportunidade de mostrar a ela que nós dois na mesma cidade seria algo incrível.

Ela ergue uma sobrancelha, olhando-me de cima a baixo, mas acaba fazendo o que pedi e abre a porta.

Subimos de elevador em silêncio e eu sei que ela está louca para dizer várias coisas, provavelmente me xingar pela distância, pelo segredo e por vários outros motivos.

Tudo bem. Vou deixar que fale o que quiser e extravase da forma como achar melhor. Quando estiver mais relaxada, farei a minha proposta novamente. Agora que estamos no mesmo CEP, as coisas podem ser diferentes e eu terei como mostrar a ela que ser minha “amiga” será bastante divertido.

Fora que estou louco pra beijar sua boca e me perder entre suas pernas.



Se eu pretendia terminar o relacionamento — que não é um relacionamento de fato — com Alexandre, convidá-lo pra subir e tomar uma xícara de café não me parece a melhor ideia do mundo. Por outro lado, sexo de despedida pode ser a salvação da minha sanidade mental... Afinal, um mês é muito tempo.

O silêncio no elevador parece me sufocar e, quando entramos em meu apartamento, vejo-o atento a todos os detalhes.

— Pelo visto, seus interesses vão muito além de música e escrita — ele diz, enquanto observa minha estante de livros. — Não sabia que você curtia meditar. — Alexandre pega da estante um livro sobre meditação simplificada.

— Adoro. Ajuda a me manter focada. Não tenho café. Tenho chá gelado, vinho e tequila na geladeira. E uns tacos da janta de ontem, mas posso fazer um macarrão com molho de requeijão que é uma delícia.

Eu realmente não estava esperando visitas, muito menos o Alexandre, e minha geladeira costuma ser bem vazia, já que nunca paro em casa.

— Vinho está ótimo e posso te ajudar com o macarrão. — Ele caminha em minha direção, me observando pelo balcão da cozinha americana.

— Não precisa. — Abro o armário, pego as taças e coloco-as em cima da bancada. Também deixo ali o saca-rolhas que estava na gaveta e o vinho branco. — Abre pra gente, por favor?

Alexandre parece mais quieto que o normal e fica me observando enquanto preparo a janta. Não sei, mas amigos de foda deveriam jantar juntos? E a minha ideia não era terminar com ele? Então por que estou fazendo a janta?

— A gente realmente deveria terminar com isso. Nunca vai dar certo — deixo escapar pela boca o que minha cabeça está pensando.

— Por que você quer terminar, Baby? — Alexandre me estende uma taça e segura a outra. — Agora que estamos na mesma cidade, a gente poderia...

— Mas essa coisa está errada. Amigos de foda não podem ser exclusivos, porque se existe exclusividade, existe um compromisso e nós combinações sem compromissos e emoções. Eu não sei se consigo deixar minhas emoções afastadas... — paro de falar. O que eu estou fazendo?

— Foi você que me expulsou da sua cama dizendo que não queria um relacionamento, lembra? — Alexandre pisca pra mim de uma forma brincalhona.

Ele sabe que não lembro exatamente desse momento. — Além disso, eu gosto de monogamia, mesmo que seja em uma amizade colorida, e não tenho problemas em estar em relacionamentos...

— Alexandre — dou um gole no vinho, interrompendo sua fala —, você jamais passaria no meu teste de namorado compatível.

— Você tem um teste de compatibilidade pra namorados? — Sua sobrancelha direita se ergue num claro sinal de surpresa. — Como é esse teste? Tenta.

— Não, não faz sentido. Nós não vamos namorar, definimos isso desde o início e depois... — Eu me viro para pia. Não quero ficar encarando Alexandre nesse momento e nem sei por quê. Sempre terminei meus relacionamentos de forma prática e olhando nos olhos. Deve ser porque ele não é exatamente um relacionamento. — Pensa na complicação se isso não desse certo. Você é o melhor amigo do marido de uma das minhas melhores amigas. Além disso, eu planejei curtir durante todo esse ano e só depois pensar em relacionamentos. E...

— Baby... — Não noto que ele está tão próximo de mim. Sinto sua respiração em minha nuca quando ele chama meu nome. — Olha pra mim. — Ele coloca a mão em minha cintura. — Por favor.

Viro-me lentamente. Sei que se eu encará-lo, vamos acabar nos beijando e... bem, Lady Bu está com saudades do Lord Dickson. Talvez, só talvez, realmente sexo de despedida possa me fazer bem.

— Por que você está tão obcecada com o status do que temos? — Não era exatamente o que eu esperava que ele falasse ou fizesse. — Você disse que planejou curtir esse ano. Então vamos fazer isso. Curtir. Sem pensar em tantas coisas.

— Mas, Alexandre, essas regras não darão certo. E tem... — Ele não me deixa terminar de falar e gruda os lábios nos meus.

— E tem muito tesão rolando entre a gente. Vamos só curtir. Não é isso que você quer? — ele fala em minha boca. Não sei se é o jeito como fala, a possibilidade que deixa Lady Bu latejando ou se sou eu mesmo que senti muita falta dele, mas me deixo levar pelo momento. Nossas bocas se grudam novamente, mas, dessa vez, as línguas invadem a boca um do outro, dançando com maestria, como se já fossem bem habituadas a se encontrarem. A boca de Alexandre se desvencilha da minha e corre pelo meu pescoço até minha orelha.

— Eu planejei tanto esse reencontro. — Ele mordisca a minha orelha. — Não teve um dia nesse mês que eu não tenha pensado e imaginado esse momento. — Sua língua desce pelo meu pescoço, enquanto suas mãos sobem por baixo da minha camiseta. — Era só o que eu queria.

— Eu também...

Parece que minha resposta era tudo que Alexandre precisava. Ele tira minha

camiseta, e sua boca encontra meus seios, enquanto suas mãos me erguem pela cintura e me colocam sentada na bancada que divide a cozinha e a sala. Enlaço minhas pernas em sua cintura e puxo o corpo de Alexandre o mais próximo do meu. Perco completamente os sentidos, quando ele morde o bico do meu peito. Minhas mãos se enroscam em seus cabelos e não consigo parar de me esfregar nele.

— Alexandre, por favor... — suplico. Foi um mês inteiro de espera e a única coisa que eu quero é senti-lo dentro de mim.

— Eu também faço planos, Baby — ele diz em meu ouvido. — E depois, precisamos jantar antes. — Ele afasta levemente o corpo do meu e me dá um selinho.

— Nãooooo! — Enfio a cabeça no pescoço dele. — A gente não pode só brincar um pouquinho? — faço uma voz dengosa pra disfarçar a minha frustração.

Alexandre ri e se afasta. Junta minha camiseta do chão e me alcança.

— Acho melhor você ficar com roupas... Senão, talvez eu não resista até depois do jantar.

— Ah, é?! — Em vez de vestir a camiseta, começo a desabotoar meus shorts jeans. — Mas, sabe... eu estou com tanto calor e adoro cozinhar sem roupas. — Alexandre trava no lugar em que está, observando a cena. Lentamente, tiro os shorts. — Gosto de me sentir livre. — Passo as mãos pelo meu ventre, subindo pelo meu tronco. Acaricio meus próprios seios por cima do sutiã e encontro o fecho. Abro-o e deixo a peça de roupa branca deslizar pelos meus braços. Fico apenas de calcinha. — Agora sim. Está bem melhor.

Alexandre continua parado, me observando. Passo ao seu lado quase nua, sem olhar para ele, e pego meu celular. Coloco para tocar minha playlist sexy e volto rebolando para o balcão. Não encaro Alexandre novamente. Se ele quer me torturar me deixando com mais tesão, ele não tem noção de com quem se meteu.

Ainda rebolando e mexendo os quadris ao som de Let's get it on, do Marvin Gaye, me viro para a pia da cozinha e volto à tarefa de preparar o macarrão. Tento ignorar totalmente seus movimentos e sigo rebolando, cantarolando, só de calcinha, como se ele nem estivesse ali.

“Don't you know how sweet and wonderful life can be / I'm asking you, baby, to get it on with me / I ain't gonna worry / I ain't gonna push, won't / push you, baby / So c'mon, c'mon, c'mon, c'mon, c'mon, baby / Stop beatin' 'round the bush...”

Viro-me, de olhos fechados, para a direção de Alexandre, cantando a música, passando a mão pelo meu próprio corpo, enquanto rebolo lentamente, descendo e subindo em meus joelhos.

Quando abro os olhos, não estou preparada para o que vejo: Alexandre está totalmente sem roupas, se masturbando enquanto danço — e isso me deixa ainda mais excitada do que eu já estava. Vou caminhando em sua direção, ainda dançando, rebolando. Quando chego bem próximo a ele, me viro de costas e me encaixo em seu corpo. Rebolo no Lord Dickson. Ele segura os meus cabelos e os puxa para trás, lambe minha orelha e pescoço. Afasto-me e me viro de frente para ele. Deixo nossos lábios chegarem bem perto um do outro.

— É... melhor colocar pelo menos a camiseta. Não quero me gripar. — Dou um selinho em sua boca, junto a camiseta do chão e a visto.

Xeque- mate!



Eu não estava preparado para Baby. Achei que estivesse, mas a desgraçada parece ter como objetivo me levar à loucura. Tudo bem, eu aguento (eu acho).

Depois do showzinho em seu apartamento, ela tem feito a mesma coisa com regularidade. Não o strip-tease — o que, confesso, é uma pena, pois adoraria que ela fizesse um por dia —, mas essa ideia toda de me atíçar, me deixar a ponto de explodir, e dizer que chega. Tenho certeza de que ela enxerga isso como uma forma de revanche por eu tê-la deixado “na seca”, como ela mesmo diz, por tanto tempo.

Não importa. Ela acha que está me afastando, mas, na verdade, está me dando a oportunidade de mostrar que eu posso ser um excelente amigo e, no fim do dia, fodê-la com vontade.

Ainda não sei o que aconteceu, mas depois de comermos macarrão e tomarmos uma garrafa de vinho, ela decidiu que aceitaria minha proposta. Desta vez, sem voltar atrás. Mas ela tinha um plano malvado guardado. Pobre Lord Dickson.

Uma semana se passou desde então, e ela continua me torturando. A gente já saiu algumas vezes, fomos a um restaurante, boate e até galeria de arte, e nada de ela me deixar fazer qualquer coisa para me aliviar. Ainda por cima, diz que, como somos exclusivos, não posso me aliviar com mais ninguém.

Plano maligno, não disse?!

Será que ela também não está sofrendo?

Só me resta ficar quieto e aceitar. Porém, continuo tentando arduamente.

“Estou com saudade da sua boca...”

Envio uma mensagem, na esperança de que ela responda e me peça para ir à sua casa. Mas sei que estou delirando.

“Estamos no estúdio. Tem planos para mais tarde?”

Pelo menos não é um “vai se foder”. Progresso.

“Tenho que passar na escola daqui a pouco, mas à noite estou livre.”

O coordenador me pediu para que eu fosse até lá para me ambientar. Claro que eu disse que iria, até porque estou bastante curioso. Quero saber onde vou trabalhar no próximo ano. Pelo que pesquisei, a escola é uma das maiores da capital — daquelas cuja mensalidade custa mais do que o aluguel do meu

apartamento.

“Ótimo. Te encontro no Neo, às oito. Vamos tocar lá.”

A mensagem dela não me anima em nada. Desde que cheguei, ainda não tive a oportunidade de sair com a turma toda e, pelo pouco que percebi, Baby ainda não está pronta para mostrar pra todo mundo que, de certa forma, estamos juntos. Pior ainda vai ser estar na presença do ex e não poder beijá-la. Não quero que ele ache que Baby está disponível.

“Perfeito.”

Não é nada perfeito, mas não posso deixar que ela saiba disso agora.

Olho para o relógio e me dou conta de que falta pouco mais de uma hora para a minha reunião na escola.

Em vez de procrastinar até a última hora, eu termino de me arrumar. Pego meus documentos, o pendrive onde guardo o material da minha pesquisa e saio de casa. Quero chegar mais cedo, causar uma boa impressão.

O que me deixa mais feliz é que o trajeto não é muito longo. Em menos de vinte minutos, eu chego lá — e durante esses vinte minutos, tudo que faço é pensar em Baby.

A escola é enorme e fica no topo de uma colina, numa metáfora muito apropriada, que deixa claro que todos ali estão acima dos demais. Ainda bem que tem um carrinho elétrico — tipo um bondinho — que nos leva até o topo.

O porquê de terem me chamado para liderar um projeto de Geopolítica ainda é um mistério, mas não vou fazer julgamentos precipitados. O salário é ótimo, a oportunidade acrescenta muito no meu currículo e, confesso, estava precisando de novos ares.

O carrinho me deixa em um enorme jardim. Ao fundo, uma escadaria leva até o prédio principal, que mais parece um museu do que qualquer outra coisa.

Chão de mármore encerado, escadas para todos os lados, portas de madeira escura e bem esculpidas... Não, isso não é um museu. Parece mais que estou em uma espécie de Minihogwarts.

Não sei nem pra onde ir, não há qualquer placa que indique onde é a coordenação. Olho para os lados e encontro um senhor, que deve ter em torno de sessenta anos, sentado atrás de uma escrivaninha e com um uniforme.

— Boa tarde — digo e ele me dá um aceno de cabeça. — O senhor poderia me dizer onde é a coordenação?

Ele explica que a sala que eu procuro fica no final do corredor à esquerda. Sigo na direção indicada, à procura do meu destino. Pinturas a óleo decoram as paredes e a opulência da escola me incomoda um pouco. Tento ignorar meu desconforto e continuo com passos firmes. Finalmente, chego à porta da coordenação. Eu bato algumas vezes na madeira e espero alguém indicar que eu

entre. Porém, não ouço qualquer coisa do outro lado. Eu estranho, mas não invado o local — não é a primeira impressão que quero causar. Bato mais uma vez e não obtenho resposta. Quando vou dar meia volta, escuto passos no corredor. O homem que se aproxima aparenta ser, pelo menos, uma década mais velho que eu. Ele é baixo, roliço e usa um terno que fica comprido nas pernas. Definitivamente, não era quem eu esperava encontrar.

— Alexandre Ferraz? — ele pergunta, estendendo a mão para mim. Faço que sim com a cabeça, aceitando o cumprimento. — Sou Humberto Saldanha, o coordenador pedagógico da Escola Rio de Ouro.

— Muito prazer.

— Vamos entrar. Temos muito para conversar.

A próxima meia hora passa rápido. Humberto me explica a história da escola — que foi criada com o intuito de trazer um ensino de qualidade à elite da cidade. Pelo que ele me diz, há uma enorme fila de espera, tanto para alunos quanto para professores. Mesmo assim, não é qualquer um que pode entrar aqui.

Respiro fundo e penso no salário que receberei ao fim de cada mês. O contrato que assino tem uma cláusula de exclusividade e, por isso, acabo recebendo 50% a mais de salário.

Os benefícios também são diversos: plano de saúde e dentário, vale alimentação, vale material, férias, horas pagas para correção de trabalhos e elaboração de provas. No meu caso, que, além de dar aulas, ainda serei o responsável por um departamento novo, o “bônus” é maior ainda.

De acordo com ele, ganhamos mais do que em qualquer outra escola. Para isso, é exigido que sejamos melhores que os demais professores.

A infraestrutura é surreal, bem diferente do que eu estava acostumado. Aqui, há laboratórios de Química, Biologia, Informática, salas de música, dança, artes. Além das aulas extracurriculares, esportes diversos, clubes e outras atividades que incentivam os alunos a buscarem sempre mais.

Fico tonto só de pensar, mas não esboço qualquer reação contrária. Deixarei isso para quando estiver tomando uma cerveja mais tarde.

Depois de explicar o funcionamento da escola, o calendário e a forma como devemos corrigir provas — com punhos de ferro, aparentemente —, Humberto me leva para um tour.

Eu não sei o que pensar. A escola é um sonho. Muito bem equipada, limpa, as salas são amplas, o material é espetacular e o salário é fora de qualquer padrão. Porém, algo me diz que terei sérios problemas em trabalhar aqui.

Não sei quanto tempo ficamos lá dentro, mas quando cruzo a enorme porta de entrada, já é noite.

Olho para o meu celular e vejo que já tenho uma mensagem de Baby à minha

espera.

“Estou saindo do estúdio.”

Noto que ela me enviou a mensagem há mais ou menos meia hora.

“Saindo daqui agora. Te encontro lá?”, pergunto, louco para encontrar com ela e voltar para o mundo real. Minha cabeça gira com tanta informação. Olho para trás, a escola iluminada à noite é ainda mais impactante. Desço as escadas e vou em direção ao carrinho elétrico, que está parado à minha direita.

“Tô quase chegando.”

Respiro aliviado. Pelo menos, a verei daqui a pouco.

“Preciso muito te beijar.”

Minha resposta é sincera e eu espero, de verdade, que ela não escolha o dia de hoje para me torturar.

Eu tenho uma ideia do que posso fazer para conquistá-la e, ainda por cima, realizar mais uma fantasia que tenho guardada. Vamos ver se vai dar certo.



Eu tenho planos pra hoje à noite — e esses planos envolvem vários orgasmos e parar com essa tortura. Sim desde que o Alexandre veio morar na capital e interrompeu o que deveria ter sido uma foda de amigos coloridos, porque a gente devia jantar primeiro, eu resolvi jogar o mesmo jogo.

Se somos amigos que transam quando estão a fim, pois bem: agora quem define quando está a fim sou eu. Óbvio que eu estou a fim e subindo pelas paredes, mas precisava me fazer um pouco de difícil também pra recuperar o controle da situação. Já que o meu planejamento de quatro sexos casuais foi ladeira abaixo por causa do Alexandre, então desviaremos um pouco do programado. Agora, quatro fodas com meu amigo de foda e depois voltamos ao plano inicial. Tudo friamente calculado.

O único problema é que mensagens do tipo “preciso muito te beijar” não são exatamente o que se espera de um amigo de foda. Ele deveria me dizer “preciso muito te comer”. Beijar parece sentimental e ainda estamos na vibe “sem emoções, sem compromisso, sem outras pessoas”. Além de tudo, nossos amigos não sabem do acordo, então beijos em público estão fora da programação, mesmo que eu também esteja louca para beijá-lo. E transar. Ah, só de pensar no Alexandre, eu fico eufórica. Lembrar do jeito que ele me toca... Não! Esse não é o tipo de pensamento que posso ter nesse momento, dentro do carro, com minhas quatro melhores amigas, indo para o show no bar do meu ex-namorado, que certamente tentará conversar comigo mais uma vez.

— Posso fazer uma pergunta? — interrompo o silêncio no carro. Sissi está concentrada na tarefa de dirigir enquanto todas as outras estão interagindo com seus celulares.

— Claro — Be e Sue respondem em coro. É tão estranho como, desde que foram morar juntas, elas estão cada vez mais parecendo uma pessoa só.

— Peraí, Baby. Só vou acabar de escrever essa sacanagem pro Henrique — Mika responde sem desviar os olhos do teclado.

— Pergunta, Baby. Prometo não bater o carro. — Sissi dá uma risada.

— Vocês acham que eu sou muito controladora e planejo demais as coisas?

— Claro que não. Você é nossa salvadora. A gente nunca chegaria onde está, gravando um CD, com agenda de shows e fã clube — sim, agora temos um fã

clube — se não fosse por você. — Mika desvia os olhos do celular pela primeira vez desde que saímos do estúdio.

— Eu não estou falando das coisas profissionais. Estou falando da minha vida.
— Eu me sinto um pouco frustrada.

— Baby — Sissi usa uma voz mais doce —, as coisas na vida da gente simplesmente acontecem. Olha minha história com Eric. Se o ônibus não tivesse quebrado, nós provavelmente não nos conheceríamos. Não dava pra planejar isso.

— E eu e o Henrique? — Mika dá uma risada. — Se a gente não tivesse se visto pela janela...

— O que está saindo do seu controle? — Be pergunta.

— Não sei. Só que eu tinha um planejamento e, de repente, eu conheci o... —
Paro de falar na mesma hora.

— Conheceu quem? — Sissi pergunta, animada.

— Como assim, conheceu alguém? — Mika pergunta, indignada.

— É o A? — Be pergunta, fazendo mistério.

— Só pode ser o Ale... — Sue começa a falar, mas Be a cutuca.

— Calma, gente. Eu conheci um cara. Era pra ser só sexo casual, mas sei lá. Parece que penso nele o tempo todo e eu sei que ele nunca passaria no meu teste de namorado compatível. Além disso, tem muita coisa em jogo... — Eu me arrependo de ter feito a primeira pergunta. Sei que um mar de dúvidas agora vai surgir e não estou a fim de falar mais sobre isso.

Por sorte, entre as perguntas de “qual o nome dele”, “como é”, “o sexo é bom” e outras indiscrições, chegamos à frente do Neo e eu desconverso, dizendo que depois falamos sobre isso, apesar de que não vou contar a elas sobre Alexandre, o que me faz ser necessário pensar em uma história pra contar as minhas amigas. Não quero mentir para elas, mas não dá pra largar essa bomba, ainda mais sendo Alexandre o melhor amigo de Eric e cada vez mais próximo de Henrique também.

Entramos no bar e não avisto Roger. Ainda bem. Pelo menos, não teremos mais uma conversa do tipo “por favor, Baby, me dá uma chance, eu posso ser o que você quiser”. Arrumamos os instrumentos, afinamos, passamos só alguns trechos de música com o dj pra ter certeza que tudo estará perfeito pro show e nos sentamos a uma mesa, onde Henrique nos esperava.

Enquanto as meninas conversam animadas sobre as gravações e Mika não desgruda da boca de Henrique — nem parece que esses dois moram juntos agora —, não consigo tirar os olhos da entrada do Neo. Vejo Eric chegando com outro cara e fico eufórica pensando que é Alexandre. Quando eles se aproximam e vejo que é outra pessoa, me sinto meio frustrada.

“Vamos começar o show logo.” Envio uma mensagem para ele.

“Estou na esquina já. Só queria poder chegar e te beijar.”

— Vamos, meninas? — digo, me levantando e dando um último gole na minha cerveja.

— Mas tem vinte minutos ainda pra começarmos — Mika protesta.

— Te acalma, Baby — Sissi diz. — Você anda muito estranha ultimamente.

— Senta aí — Eric diz. — Alexandre e Sol estão chegando. Vamos fazer um brinde antes. É a primeira vez que meus melhores amigos vão estar em um evento não-oficial com a gente e quero brindar isso!

— Eu sei, mas é que... — Quando olho para a entrada, avisto Alexandre, Sol e Roger vindo em direção à nossa mesa.

— Viu?! Eles chegaram. — Eric se levanta de sua cadeira e vai em direção aos amigos.

Não dá pra disfarçar que Alexandre e Roger não tiram os olhos de mim, mesmo falando com Eric. Roger é mais rápido, se desvencilha e se aproxima de nós. Sinto o olhar de Alexandre queimando em minha direção.

— Boa noite, meninas. — Ele para ao meu lado, coloca a mão na minha cintura e dá um beijo na minha bochecha. — Prontas pra mais um show? Agora que estão ficando famosas, não vão nos abandonar, hein? — Ele sorri para todas e aproxima sua boca do meu ouvido. — Podemos conversar depois? — sussurra.

— Não é uma boa ideia, Roger. — Afasto-me um pouco dele. — Já tivemos essa conversa e...

— Oi — Alexandre interrompe. — Quanto tempo não nos vemos! Desde o casamento, certo? — Ele me puxa para um abraço, dá um beijo bem no canto da minha boca e parece que as minhas pernas resolvem não cumprir mais a função de sustentar meu corpo. — Você está linda. Estou tentando me controlar pra não te agarrar aqui na frente de todos e fazer você gritar o meu nome enquanto goza — Alexandre sussurra no meu ouvido.

— Hey! — Eric grita, chamando nossa atenção. — Vocês dois, aí... Sei que planejar nosso casamento uniu vocês, mas, sabe como é... Sou um amigo ciumento e a Sissi também, então podem parar com essa intimidade. — Ele ri.

— Cara, deixa de ser gay — Alexandre brinca, afastando o corpo do meu, o que me deixa com um vazio. — É muito mais gostoso abraçar a Baby do que você. — Todos riem, menos o Roger, que parece bem incomodado com nossa intimidade.

— Bem, meninas, estou indo pro palco. Bora? — digo, me afastando da mesa. Elas levantam, se despendem e me seguem.

Hora do show!



Certas coisas não deveriam me irritar, como, por exemplo, o ex-namorado de Baby. Roger é um cara bacana. Das poucas vezes que o vi, nós conversamos na boa e, pelo visto, ele e Sol parecem ter ficado amigos.

Quando cheguei à porta do Neo, os dois estavam no maior papo, mas eu estava tão desesperado para ver minha garota que nem me liguei muito neles. A gente se cumprimentou e logo entramos no bar. No instante que cruzei a porta, meus olhos imediatamente a encontraram. É como se houvesse um radar que me fizesse saber onde ela estava.

Fui direto a seu encontro, mas tive que me controlar para não puxá-la para um beijo, principalmente depois daquela demonstraçãozinha idiota do Roger. Lugar de ex é no caixão, morto e enterrado. Esse negócio de ter um ex que ainda é amiguinho da Baby — ou, pelo menos, que se acha no direito de dar abraços e invadir o espaço dela — não me deixa nem um pouco tranquilo. Por fora, me mostro indiferente. Por dentro, estou ardendo de raiva. Minha vontade é de jogá-la em cima da primeira mesa que eu vir e deixar claro pra todo mundo que ela não está disponível.

Sim, sexo na frente dos outros é um fetiche que eu tenho. Mas, no caso, não faria isso para realizar mais uma fantasia minha, e sim para deixar claro que eu sou o único que pode sentir seu corpo nu, que pode beijar seus seios e me perder em seu calor — e se isso faz de mim um babaca possessivo, então foda-se.

Se eu não posso marcar meu território, pelo menos deixo que ela saiba um pouco como estou me sentindo. Para a minha alegria — e alívio, confesso —, ela estremece quando eu sussurro algumas putarias em seu ouvido.

Outra coisa que não deveria me irritar é o fato de Baby conseguir chamar atenção, mesmo estando na parte de trás do palco. Nunca imaginei que uma mulher tocando bateria pudesse ser tão sexy. Na maioria das vezes, são os homens os responsáveis por ditarem o ritmo das músicas, afinal, tocar bateria requer bastante força e resistência. Não é qualquer um que consegue tocar o instrumento por duas horas seguidas.

Eu já deveria ter entendido que essa mulher é capaz de qualquer coisa, mas ainda me surpreendo todas as vezes.

Juro que fico hipnotizado.

Por mais que Mika domine o palco com facilidade — não só por sua voz maravilhosa, mas também por seu estilo e, claro, peitos enormes —, todas as mulheres da banda são lindas, cada uma a seu modo, e chamam tanta atenção quanto a vocalista.

Pelo que posso perceber, não sou o único homem encantado na plateia. Consigo ver uma baba escorrer do canto da boca de Eric, que está a um passo de desabotoar a calça e começar sua própria versão de I touch myself. Henrique não fica atrás. Ele também não consegue tirar os olhos de Mika. Para a minha infelicidade, Roger é outro que está vidrado no que acontece no palco, mais especificamente na mulher atrás da bateria. Isso sem falar em todos os outros homens confinados nessa lata de sardinha intitulada Neo, mas eu tento ignorá-los.

Lindas, talentosas e carismáticas: não tem como a banda Estrogenium não acabar estourando uma hora ou outra.

O melhor de tudo é que elas parecem estar se divertindo muito no palco. Elas se entreolham, como se fossem cúmplices, como se soubessem de um segredo que ninguém mais pudesse ter ideia. É muito interessante ver o modo como interagem.

Aceno para uma mulher atrás do bar e peço a ela um chope. Preciso de algo bem gelado, que acalme o turbilhão que ver Baby se entregando à música está me causando. Henrique e Eric me acompanham. Eles também não parecem estar muito bem.

— É impressão minha ou elas ficam...

— Aham — Eric diz, sem sequer me deixar terminar a frase, e dá um gole generoso em sua cerveja. — É uma tortura.

— Você nunca tinha visto uma apresentação da Estrogenium? — Henrique pergunta, mas seus olhos não deixam o palco nem por um segundo.

— Não, nunca — confesso. — Acho que a única vez que eu vi as meninas cantarem foi no casamento do Eric e da Sissi.

— Ah, mas isso não valeu. Foi completamente diferente — meu amigo comenta, fazendo um gesto de indiferença com uma das mãos.

— Estou vendo. É bem diferente, mesmo.

Nessa hora, Mika solta uma nota alta e arranhada que faz com que a plateia vá à loucura — principalmente Henrique, que começa a gritar alucinadamente, dizendo que aquela é a mulher dele.

Pode parecer ridículo, mas, se fosse comigo, faria a mesma coisa. Tem muito abutre pairando por aí. Melhor deixar claro como são as coisas.

Não sei quanto tempo dura o show, se dez minutos ou dez horas. O tempo parece não fazer diferença quando elas tocam música atrás de música. Todos

cantam, dançam e se entregam ao pop rock delas. Por mais que ainda estejam tocando alguns covers, agora várias canções são originais — o público parece gostar ainda mais delas, e várias pessoas já sabem as letras. Pelo visto, as meninas estão ganhando bastante espaço no mercado indie.

Baby havia comentado comigo que elas já tinham quase quatrocentos mil seguidores no canal do YouTube, onde estão, aos poucos, postando as coisas novas, além dos covers de sempre. Pelo modo como a plateia participa do show, dá pra ver que elas estão criando uma base de fãs. Merecidíssimo. As meninas deixam claro que sabem o que estão fazendo e merecem subir mais um degrau.

— Nós já passeamos muito por aí — Mika diz —, mas é sempre bom voltar pra casa. E é isso que o Neo significa pra gente. Obrigada por nos receberem com tanto carinho! Nos vemos no próximo show.

Todos aplaudem, gritam, assobiam... Ninguém parece querer que elas saiam.

Eu olho para os lados e vejo Henrique sair em direção ao palco, pouco se importando com as pessoas em que esbarra até chegar lá. Já Eric parece ter drenado sua terceira cerveja.

Meu amigo anda estranho. Ele ainda não me disse nada sobre Sissi estar ou não grávida. Ao mesmo tempo em que estou morrendo de curiosidade e louco para perguntar o que está acontecendo, não quero ser daqueles que não sabem a hora de ficar calado. Eric me conhece desde guri. Se ele precisar conversar, com certeza virá até mim.

Bato em seu ombro e faço com que ele se vire para mim.

— Não vai sair correndo pra agarrar sua esposa? — pergunto.

— Bem que eu queria, mas não posso. A loirinha disse que eu preciso aprender que existem horas para brincar de esconder a banana e horas de deixar a banana escondida. Eu juro que essa mulher não faz o menor sentido. — Ele solta um riso debochado, mas eu sei, talvez melhor que ninguém, que não há qualquer outra pessoa capaz de amar Sissi mais do que Eric. Mesmo que, para isso, ele precise lidar com as excentricidades dela.

— Onde está a Sol? — mudo de assunto.

— A Sol está...

— Oi, gente. — As meninas da banda se aproximam. Menos Mika, que deve estar em algum lugar com Henrique. Baby já me contou sobre eles e sobre a necessidade que têm de... baixar a adrenalina após o show.

Confesso que, após assistir a todas elas no palco, eu também estou precisando me acalmar um pouco. Lord Dickson não está nada bem. Não apenas pela tortura de hoje, mas por toda tortura que Baby tem feito conosco.

Acho que está na hora de colocar meu plano em prática.

Sissi se aproxima de Eric e o envolve pela cintura. Como se instintivamente,

ele a puxa para perto. Sue e Be conversam bem animadas. Já Baby está quieta demais para o meu gosto. A gente troca olhares, mas eu tento me manter indiferente. Afinal, faz parte do jogo de hoje.

Quando eu a vejo pedir licença e se afastar, sei que chegou a hora de dar o primeiro passo.

Respiro fundo e controlo minha ansiedade. Estou louco para sentir seu gosto, para me deliciar com seu corpo suado.

Nem um minuto depois, aproveito que todos estão bastante entretidos com o assunto que está rolando e me afasto também. Não quero chamar atenção.

Procuro Baby pelo salão, mas não a encontro em lugar algum. Talvez ela tenha ido ao banheiro. Assim que chego ao pequeno corredor, vejo-a sair por uma porta. Apesar de o bar estar cheio, estamos apenas os dois aqui. Sei que não será assim por muito tempo, então preciso aproveitar minha chance. Baby estanca no lugar quando me vê. É como se ela não soubesse o que fazer comigo aqui.

— Alexandre, eu...

— O show de vocês foi excelente — digo, interrompendo-a.

— Ah, obrigada. As meninas estavam bem animadas hoje.

Dou dois passos para frente sem tirar os olhos dela, que parece desconfortável.

— Sim, elas estavam — concordo. — Mas você foi um show à parte. — Baby ruboriza com o comentário e sei que esta é a minha deixa. — Sou Breno, muito prazer.

Quando eu estendo a mão para ela, Baby franze o cenho, parecendo bastante confusa. Ela olha de mim para a minha mão, mas não a aperta.

— Alexandre, o que você está fazendo?

— Você deve estar me confundindo com alguém, gata. Meu nome é Breno, e o seu?

Dou um passo em sua direção, quase invadindo seu espaço e deixando claro que não pretendo me afastar. Na verdade, tudo que eu quero é estar cada vez mais perto.

Desta vez, ela me olha com curiosidade e, quando eu ofereço meu sorriso mais safado, algo nela parece notar o que está acontecendo.

— Meu nome é Sandra. — Ela estende a mão e eu a pego.

— Sabe, Sandra... — puxo-a para mais perto — ...eu fiquei impressionado com você.

— É? Por quê?

— Se eu contar, você promete que não vai fugir? — instigo.

— Talvez eu fuja se você não contar.

Isso! Ela está no jogo.

— Você fica sexy demais atrás daquela bateria. Dá pra ver que não te falta estâmina. — Pisco para ela, que joga a cabeça pra trás e começa a rir.

— Sabe, Breno, a maioria dos homens não sabem o que fazer com toda essa minha disposição. A maioria não aguenta até que eu esteja... tranquila novamente.

Sandra me olha com atenção e, deliberadamente, morde o lábio inferior.

— Acho que está na hora de você dar uma chance a outro cara. — Sandra continua com o sorriso no rosto e eu elimino ainda mais da distância entre nós. Assim, posso sentir seu cheiro. Apesar de estar suada, ela tem cheiro de pecado, de mulher. Sandra está com as costas na parede, presa. — Me diz uma coisa, gata, você tem namorado? — pergunto e ela arregala os olhos, tendo sido pega de surpresa.

— Na verdade, tem um cara na minha vida, mas, ultimamente, ele não tem... comparecido.

Sinto vontade de rir com o comentário, mas me contenho. Apenas faço um sinal negativo com a cabeça, como se estivesse reprovando o comportamento do tal homem.

Se alguém passasse por nós, eu não saberia. No momento, todo meu foco é nela. Nossos olhares se sustentam e tudo que eu quero é que seus olhos verdes continuem fixos nos meus, para que ela saiba exatamente o que está fazendo comigo.

— Ele é um idiota.

— Também acho — ela concorda e eu solto uma risada baixa.

— Eu tenho uma proposta. — Quando ela coloca as mãos no meu peito, em um gesto ousado para o momento, entendo como um encorajamento para continuar. — Eu não posso me envolver. Sabe, Sandra... Eu sou louco por uma mulher, mas, pelo visto, ela não me quer. Então, não vou me entregar a mais ninguém. Mas te ver assim, naquele palco, me deixou com tanto tesão que eu não sei se sou capaz de continuar sem sentir seu gosto.

Puxo sua mão para baixo, arrastando-a por minha barriga e chegando em meu pau, que está duro que nem ferro. Sandra arfa e sinto sua mão tremer.

— É isso que aconteceu comigo no segundo que você se sentou atrás daquela bateria. — Faço sua mão me acariciar para cima e para baixo e a pressiono ainda mais contra mim. — Eu sei que só teremos hoje... Mas, porra, Sandra... — Eu me mexo também, sentindo-me cada vez mais excitado. — Pede o que você quiser que eu te dou.

Em um surto de coragem, Sandra aperta meu pau, ainda por cima da calça, e cessa meus movimentos.

— O que eu quero é alguém que me faça gozar duas vezes. Você acha que é o

homem certo para isso? — Seus olhos não desgrudam dos meus enquanto ela me faz a pergunta, e eu juro que sinto meu pau latejar só em pensar no que pode acontecer.

— Depende — digo e ela me fita com curiosidade. — Você vai se deixar sentir prazer?

Em vez de responder com palavras, Sandra começa a desabotoar minha calça. Neste momento, me dou conta de onde estamos e, por mais que eu queira que ela grite meu nome, hoje não quero que ninguém a veja fazendo isso. Só que escutem...

Por isso, puxo-a para dentro do banheiro feminino e arrasto-a para dentro de uma das cabines. De forma mais brusca do que eu faria normalmente — não fosse meu estado de pura excitação —, eu a imprenso contra a porta, suas costas viradas para mim.

— Diz que você quer ser minha esta noite — exijo.

— Alexandre...

Quando ela erra o nome, dou um tapa estalado em sua bunda.

— Se você está comigo, não vai me chamar pelo nome de outro. É falta de respeito, Sandra.

Prendo suas mãos atrás do corpo. Aproveito que ela está assim, completamente entregue, e passo a língua bem devagar por seu pescoço. Seu gosto salgado me enlouquece, deixando-me ainda mais excitado.

Sandra solta um gemido e joga a cabeça para o lado, se entregando a mim e fazendo exatamente o que eu pedi: ela está se deixando sentir prazer. Rebola contra meu pau, deixando claro que também precisa de mais.

Ainda a mantendo presa, deixo minha outra mão invadir o shorts curto e branco que ela usa. Sinto seu calor de imediato e sou obrigado a fechar os olhos para conter o grunhido que quer sair. Diferente de mim, Sandra solta um murmúrio de prazer.

Do outro lado da cabine, alguém entra no banheiro.

— Vai gozar pra todo mundo ouvir, Sandra? — sussurro em seu ouvido e ela faz que sim com a cabeça.

Meus dedos começam a brincar com sua boceta, que, a cada movimento, fica mais molhada.

— Isso, gostosa, rebola na minha mão — estímulo, enquanto continuo fazendo movimentos circulares em seu clitóris. — Chama meu nome, chama — peço, pressionando meu pau contra sua bunda para que ela não duvide que eu estou tão louco de desejo quanto ela.

— Ai, Breno... — ela diz, mais alto do que um sussurro, fazendo com que quem quer que esteja no banheiro saiba exatamente o que estamos fazendo aqui.

— Se você gemer mais alto, eu te faço gozar mais rápido.

Sandra não desaponta e começa a gemer sem parar. Intensifico meus movimentos e ela vem junto comigo. Eu me esfrego nela, buscando um pouco de alívio. Ouço as pessoas sussurrando e fico ainda mais duro.

— Isso, gostosa... Goza pra todo mundo ouvir. Mostra pra eles que você é a única aqui que está sentindo prazer.

— Breno! — ela grita meu nome, atingindo seu clímax em minha mão. Sandra estremece em meus braços e não para de gemer.

Sem pensar duas vezes, eu libero suas mãos e tiro a camisinha do bolso de trás.

— Mãos na porta! — ordeno e ela obedece.

Abaixo minha calça e faço o mesmo com seu shorts. Desenrolo o látex em meu membro e alinho-me à sua entrada.

— Agora eu quero sentir você gozar no meu pau — digo e a penetro de uma só vez.

Sandra grita meu nome de novo e as pessoas do outro lado da porta arfam com a surpresa. Desta vez, eu me junto a ela. Sua boceta é perfeita: quente, apertada e muito molhada. Gemo e meto com força. Estamos desesperados, loucos por mais. Vou fundo, rápido, de novo e de novo.

— Porra, Sandra... Que xoxota gostosa da porra. Você vai me fazer gozar muito — eu digo, desta vez não é um sussurro. Quero que todo mundo aqui saiba exatamente como essa mulher mexe comigo.

Estamos suados, ofegantes, mas não há como parar agora. Puxo seu cabelo para trás, fazendo com que ela descanse a cabeça em meu ombro. Beijo seu pescoço enquanto entro e saio do paraíso. Os sons são altos, não apenas nossos gemidos, mas a minha pélvis batendo contra sua bunda.

Sandra começa a gemer mais alto e eu me permito ir mais rápido. Quando a sinto me apertar, começo a relaxar. Sei o que está por vir.

O orgasmo me toma rápido e devastador. O pulsar do meu pau dentro dela faz com que Sandra atinja o ápice de seu prazer. Chamamos um o nome do outro, enquanto esvazio tudo na camisinha.

Porra! Essa mulher é perfeita.



Quando eu pensei em passar um ano sabático e ter transas ocasionais, nunca na minha cabeça passou que uma dessas fodas seriam dentro do banheiro feminino do Neo.

Eu até pensava nisso quando namorei o Roger. Tipo, era meio que uma fantasia, mas algo que nunca rolaria. Até encontrar o Alexandre. Quer dizer, o Breno.

Eu não sei foi a adrenalina do show, a briga com as meninas ou o fato de ver Roger e Alexandre, lado a lado na plateia, me olhando com aquela cara de bobo que homens fazem quando estão apaixonados. Detalhe que Alexandre não está apaixonado por mim, afinal nosso acordo é “sem emoções, sem compromissos e sem outras pessoas”, mas o jeito que ele me olhava era assustador.

Fora que ele estava mais que lambível com uma camisa social cinza chumbo com as mangas dobradas e os primeiros botões abertos — e ao seu lado Roger, o cara com quem terminei só porque achei que estava na hora de seguir em frente. Confesso: vê-lo ali, babando por mim, mexeu comigo de alguma forma.

Enfim, o fato é que a briga com as meninas foi algo estranho. Nunca brigamos assim, ainda mais minutos antes de entrar no palco, e parece que todas nós estamos escondendo coisas umas das outras e sentindo-nos tão culpadas por isso que a menor discordância virou a bomba atômica de Hiroshima.

Mika queria começar o show com uma música, eu sugeri outra. Sissi estourou enquanto a gente discutia, dizendo que não aguentava mais tantas discussões, e Be começou a chorar. A gente precisava começar o show e, pela primeira vez, entramos no placo totalmente estressadas umas com as outras. Apenas uma coisa foi positiva nessa “briga”: meu maior medo sobre nosso futuro foi pro ralo. Sempre imaginei que, se um dia a gente brigasse, o show seria horrível e perderíamos público. Mas hoje ficou provado que, aconteça o que acontecer, o show da Estrogenium é profissional.

Então, transar com Breno — estou começando a pensar que posso contar como a segunda foda ocasional do meu ano sabático — foi um alívio. Pro estresse e também pra Lady Bu, que não aguentava mais só se encontrar com meus dedos ou com Judd — Harry Judd, meu vibrador e obviamente uma homenagem ao baterista da McFly mais sexy de todos os tempos.

A única coisa que não passou pela minha cabeça foi como sairíamos do banheiro feminino, muito menos que daríamos de cara com a Sol justamente quando estávamos tentando deixar a cabine.

— Eu sabia que conhecia essa voz, mas demorei pra associar ela a você! — Sol dá uma risada safada.

— Não te entendi — me faço de desentendida enquanto lavo as mãos, ajeito o batom e arrumo meus cabelos e roupa na frente do espelho. Não ia confessar que estava transando no banheiro com um dos seus melhores amigos.

— Eu estava procurando o Alexandre. Não encontrava em lugar nenhum. Aí resolvi fazer um xixi e, pra minha surpresa, eu o encontrei justamente no único lugar que não imaginei... — Sol dá outra risada safada. — Na verdade, eu devia ter imaginado, porque...

— Ok, Sol! — Alexandre sai de dentro da cabine reservada. — Já entendemos que você nos pegou no flagra. — Ele para em frente à pia do banheiro, lava as mãos e ajeita a camisa. — Mas acho que aqui não é o melhor local pra conversarmos.

— Eu também acho — interrompo Alexandre. — Então, vou saindo. — Quando seguro a maçaneta da porta do banheiro, me lembro de algo importante. — Sol, por favor, não comenta sobre a gente pra ninguém, tá? É só algo casual e não quero criar expectativas, principalmente na Sissi e no Eric.

— Vocês são cheias de segredos umas com as outras, né? — Sol diz isso e fica me encarando. — Mas tudo bem, eu entendo. Não vou comentar nada.

Aceno com a mão e saio do banheiro. Mas fico pensando no que Sol quis dizer com sermos cheias de segredos umas com as outras. Na verdade, nunca tivemos segredos. Eu sei que eu quero manter Alexandre em sigilo para não gerar confusão, mas que segredos as outras têm? Talvez seja isso que tenha gerado a tensão antes do show.

— Estava te procurando — Roger diz assim que chego à mesa onde as meninas estão. — O show estava ótimo. A energia de vocês hoje estava além do normal, e você estava mais sexy do que nunca na bateria. — Ele dá um beijo em minha bochecha, quase no canto da boca. — Eu queria ver se vocês...

— Cara, onde tu estavas? — Eric dá um grito assim que avista Alexandre se aproximando, o que faz com que eu pare de prestar atenção no que Roger está dizendo. — Sol estava te procurando.

— Já falei com ela, Eric. Relaxa. Eu só estava dando uma volta pra conhecer o lugar. — Ele olha pra Roger, que continua ao meu lado e próximo demais. — Você tem uma casa incrível aqui. Parabéns.

— E com as meninas tocando, o Neo fica ainda mais incrível — Roger responde a Alexandre e volta a me olhar. — Então, topam?

— O quê? — pergunto. Não ouvi o que ele falava antes de Alexandre se aproximar e confesso que nem agora consigo prestar muita atenção, porque tudo que quero é carregar Alexandre pra minha casa e transar o resto da noite inteira com ele, com Breno ou com qualquer outra personalidade dele, desde que Lord Dickson esteja dentro.

— Fazermos um fim de noite lá em casa, como a gente fazia antes.

— Não acho que seja uma boa ideia, Roger — digo. — Estou cansada, temos estúdio amanhã à tarde e...

— Eu também tenho coisas a fazer amanhã, sabe como é... mudança, cidade nova... — Alexandre, que agora está ao meu outro lado, se intromete no assunto. Até parece que ele sente ciúmes do Roger. — Mas quem sou eu? Só o cara novo e metido. — Ele mesmo ri. — Se os outros toparem, por mim, tudo bem.

Roger pergunta aos outros, mas todos parecem não curtir a ideia, o que me dá um alívio. Não quero adiar meus planos. Ele se afasta, bastante frustrado, mas só eu percebo. Sento-me em uma cadeira e Alexandre se senta ao meu lado. À mesa, conversas paralelas acontecem a todo instante. Entre uma foto e outra que alguém da plateia pede pra tirar com a gente, Eric e Sissi conversam animados com Sol, Be e Sue, Henrique e Mika com um amigo de Henrique, e eu analiso a todos, pensando no que Sol disse no banheiro.

— Tudo bem? — Alexandre me questiona enquanto coloca discretamente a mão em minha coxa, por baixo da mesa.

— Tudo sim — sussurro. — Só estava pensando no que a Sol disse sobre termos muitos segredos.

— Ignora a Sol. Ela não pensa muito antes de falar. — Ele ri.

— Tá bem. Falando em pensar... — dou um sorriso safado para ele —, estou pensando em sair daqui e deixar Lady Bu e Lord Dickson brincarem o resto da noite.

— Eu adoraria. — Ele desliza a mão pela minha coxa, até a virilha, e aperta com força. — Mas Sol acabou de me avisar que vai dormir lá em casa essa noite.

Definitivamente, agora eu tenho um amigo de foda que tem uma amiga empata-foda e sem papas na língua. Nada de mais brincadeiras pra Lady Bu hoje.



— Quando isso entre vocês começou? — Sol pergunta assim que fecho a porta da minha casa. Eu nem tenho tempo de tirar os sapatos antes que o interrogatório comece. — Quem tomou a iniciativa? Quem fica por cima? Quantas vezes vocês já fizeram a dança do esconde o panda?

Ela teve que esperar durante todo o percurso, já que viemos com Mika e Henrique — que moram do outro lado da rua —, e isso provavelmente a enlouqueceu. Ter que esconder todas essas perguntas por um enorme período de doze minutos realmente pode ser complicado.

— Sol, eu não sei que tipos de filme pornô você anda assistindo, mas eu nunca brinco de esconder o panda.

— Você entendeu. Agora, desembucha logo! Quero detalhes.

— Eu estou exausto. Podemos conversar sobre isso amanhã? — pergunto, louco para tomar um banho e deitar na minha cama. O dia hoje foi bem corrido e tudo que eu não quero é ter que passar horas explicando que estou há meses com essa mulher na cabeça e, agora que tenho a oportunidade de tê-la na cama, não pretendo me afastar dela.

— Isso se chama maldade — Sol diz, cruzando os braços na frente do corpo. — Nós sempre contamos tudo um para o outro.

— Ah, é? Beleza. Já que você é a Maria sinceridade, então me diz o que está fazendo aqui na capital em vez de estar trabalhando na loja?

— Eu pedi demissão semana passada — ela deixa escapar.

— Como assim? Mas você só estava lá há dois meses.

Não acredito que, mais uma vez — acho que a sétima nos últimos dezoito meses —, Sol vai mudar de emprego. Sua incapacidade de ficar em um lugar por muito tempo já é bastante conhecida, mas daí a ser irresponsável é uma grande diferença — e é o que tem acontecido ultimamente.

— Eu não quero falar sobre isso. — Ela tenta sair de perto, mas eu paro na sua frente, impedindo-a de deixar a sala.

Sol me encara, a testa franzida e o olhar prometendo me aniquilar a qualquer momento. Ela respira fundo, mantendo o contato visual, e eu faço o mesmo. Se ela quer jogar esse jogo, então não serei o único a sair expondo minha vida por aí. Sol permanece em silêncio e eu tomo isso como uma pequena vitória.

— Eu conto sobre Baby se você contar o que está fazendo aqui, Sophia. — Uso seu nome de propósito. Sol nunca gostou muito dele, sempre dizendo que parecia nome de Barbie e que ela era muito mais do que uma loira peituda, a começar pelo fato de ela não ser loira. Coisas da Sol.

— Acho saudável começarmos a manter segredos. Já somos adultos, na casa dos trinta, não precisamos mais ser livros abertos, não acha? — ela comenta e eu preciso me segurar para não rir.

Quando invertemos a mesa...

— Super concordo com você — digo, passando por ela e dando um tapinha de leve em seu ombro. Estanco ao seu lado e a observo por um minuto.

Sei que ela está escondendo alguma coisa, mas saberei o que é na hora certa. Mais cedo, ela apenas me disse que precisava de um lugar pra dormir esta noite. Jamais diria não para um pedido simples desse.

Foi um choque encontrá-la aqui, na capital, sendo que ontem, quando nos falamos, ela não tinha avisado que sairia de Vale da Esperança. Cada um com seus motivos.

— Se você precisar conversar... — deixo a frase morrer. Ela sabe que pode contar comigo, com Eric também. Somos amigos há muitos anos e não será dessa vez, independente da situação, que virarei as costas para ela.

Não deixo que Sol me responda, apenas sigo meu caminho e vou em direção ao banheiro. Preciso de um banho. O dia hoje foi exaustivo. A única coisa boa foi estar com Baby e realizar mais uma fantasia minha.

Essa mulher ainda me mata de tesão.

Primeiro, arrancar o vestido de madrinha do seu corpo. Depois, sexo via Skype. Por último, sexo no banheiro de uma boate com pessoas ouvindo... Se continuar assim, ela vai acabar realizando todos os fetiches que tenho na minha lista. Eu sei que ela é enorme e tem coisas que duvido que Baby vá querer fazer, mas não custa nada tentar. Vai que ela topa...

Perco mais tempo do que o necessário no banho, só pensando nas possibilidades. Eu deveria estar me sentindo saciado, mas as imagens que conjuro em minha mente impedem Lord Dickson de sair da posição de sentido.

Merda! Não quero ter que bater uma agora. Tento mudar os pensamentos de direção, mas eles acabam indo para o que eu e Baby fizemos hoje. O jeito como ela gemia meu nome... Aquela mulher é um perigo para a minha sanidade.



Dormir com Sol não é tão prazeroso quanto dormir com Baby. Acordar ao

lado da minha melhor amiga é estranho, principalmente porque ela cismou que não consegue dormir de shorts e eu odeio dormir de camisa. Ou seja, estamos ambos seminus.

Não que qualquer coisa possa acontecer entre a gente. Em primeiro lugar, Sol é minha amiga desde sempre e, se algo fosse rolar, já teria rolado há muitos anos. Em segundo, ela é lésbica. Em terceiro, eu tenho meu acordo com Baby — sem emoções, sem compromisso, sem outras pessoas.

— Você é uma gracinha quando acorda — Sol brinca e empurra meu ombro.

— Isso é muito desconfortável — comento e solto uma risada baixa. Em seguida, coloco meu antebraço sobre os olhos, tapando a luz do dia. Ainda não estou pronto para acordar.

— Adoro quando você se faz de tímido. Quem não te conhece que te compre...

Sol se levanta da cama e vai para o banheiro, enquanto eu permaneço exatamente no mesmo lugar. Quero tirar o dia para ser um plâncton. Nem sei exatamente o que é um plâncton, mas parece ser algo que me faria feliz hoje. Tenho que começar a me organizar para o início das aulas — que logo, logo está aí —, e pensar em passar os próximos dias preparando aulas já extingue em mim qualquer vontade de viver. Ou seja, plâncton.

— Quer café? — Sol grita de algum lugar do apartamento.

— Claro — respondo e sei que está na hora de levantar. Vou primeiro para o banheiro. Preciso mijar e jogar uma água no rosto, na esperança de que ela me ajude a sair desse estado planctoniano.

Assim que chego à sala, meus olhos sofrem com a intensidade da luz. Sol escancarou as janelas e o sol de verão entra com toda sua força, provavelmente em uma tentativa de me cegar.

— Que horas são? — pergunto, espantado com a claridade.

— Quase meio-dia — Sol revela e eu arregalo os olhos.

Caralho! Não sei há quanto tempo eu não durmo a manhã inteira. O hábito de sempre trabalhar cedo faz com que eu acorde antes das seis todos os dias, inclusive aos domingos, feriados e durante as férias. Pelo visto, estava mais cansado do que imaginei. A culpa toda é dessa loucura de mudança, fora a noção de estar sendo engolido pela máquina capitalista e um sexo de explodir neurônios com a mulher mais gostosa que já conheci.

— Terra para Alexandre — Sol diz e estala os dedos na frente do meu rosto.
— Você tá bem?

— Acho que dormi demais. Estou meio lerdo... — confesso e me sento no sofá, ainda sem conseguir raciocinar da forma normal.

Parece que estou de ressaca, mas nem bebi tanto assim ontem. Na verdade,

acho que me limitei a algumas cervejas e, depois do que aconteceu com Baby no banheiro, bebi, no máximo, só mais uma. Não é motivo para eu estar assim agora.

Sol me deixa sozinho na sala e eu olho para o controle remoto em cima da TV, desejando ter poderes telecinéticos.

Quando menos espero, Sol novamente se põe à minha frente, ainda usando apenas uma calcinha e uma camiseta, e me oferece uma caneca cheia de café.

Eu acho que minha amiga faz isso de sacanagem, só pode! Tudo bem que eu não me sinto atraído por ela (vide todos os motivos que citei anteriormente), mas é impossível ter uma mulher bonita que nem Sol na sua frente e você não querer nem dar uma apreciada no conjunto da obra, vamos combinar.

Pego a caneca e dou um gole no líquido pelando. Queimo minha língua no processo, provavelmente uma forma de o universo me alertar que não devemos olhar os peitos das nossas melhores amigas lésbicas. Mas foda-se. Dou outro gole.

— Porra, Alexandre. Que merda está acontecendo com você? — Sol exclama, ainda parada na minha frente.

— Tô meio argh... — explico em toda a minha eloquência.

— Já sei do que você precisa.

Sol coloca sua caneca de café em cima da mesinha que fica ao lado do sofá e se vira para a televisão, mas em vez de colocar um filme, ela coloca no canal de música. Britney Spears canta sobre uma mulher que namora um criminoso e eu reviro os olhos.

De repente, Sol começa a dançar na minha frente. A louca rebola e começa a fazer um playback. Eu fico ali, sentando, assistindo ao show e tomando meu café, enquanto minha amiga tenta inutilmente me animar. Depois de Britney, vem Shakira e seus quadris dançantes. Claro que Sol entra na brincadeira e começa uma dança do ventre bem... esdrúxula. Quando ela imita a voz da cantora, eu não me controlo mais e solto uma risada.

— Você é uma idiota, Sophia — digo e me levanto para pegar um refil. Mas Sol me empurra de novo para o sofá e continua sua dança (se é que isso pode ser chamado assim).

Quando eu olho para o lado da janela, vejo Mika e Henrique assistindo ao que está acontecendo.

Sol dançando de calcinha e blusinha e eu, sem camisa, sentado no sofá. A cabeça deles deve estar a mil.



Acordar cedo (leia-se: antes do meio dia), depois de uma noitada regada a cerveja, brigas, sexo e frustrações — sim, porque a Sol estragou meus planos de transar a noite inteira com Alexandre —, não é a coisa mais fácil do mundo. Ainda mais quando preciso acordar e encontrar minhas amigas que agora parecem ter milhares de segredos umas das outras. Inclusive eu.

Quando chego no estúdio, carregando três cafés reforçados, uma coca-cola para Mika e um chocolate quente para Be, penso que precisamos conversar. Mas escutar as risadas da Mika — coisa extremamente rara para essa hora da madrugada, porque para Mika qualquer coisa antes das quatro da tarde é madrugada e são apenas duas — me desarma.

— Baby, escuta essa... — Mika grita assim que me vê. — Tu não vai acreditar o que eu e Henrique vimos hoje, pela janela, quando acordamos. — Ela vem em minha direção, pega sua coca e um dos copos de café para Sissi e volta ao sofá em que estavam sentadas.

— Deve ter sido algo muito bom, pra você estar dando risadas e conversando essa hora. — Sorrio e Sissi cai na gargalhada.

— Ela está cismando com uma coisa, mas já disse que não tem a menor chance de ser verdade. — Sissi dá um gole no seu café.

— Como não tem chances, Sissi? Eu e o Henrique vimos. Somos testemunhas oculares.

— Ou indiscretas. Afinal, que tanto vocês continuam espiando pela janela se agora moram juntos? — Sissi pergunta.

— O vizinho de janela de vocês não é o Alexandre, agora? — pergunto, sabendo que a resposta é afirmativa.

— Isso, Baby. É o Alexandre. Sabe o que vimos hoje? Sol, só de calcinha e camiseta, fazendo um show de dança para ele, que assistia babando no sofá, só de shorts. E vocês sabem como a minha visão é ótima. Posso jurar que ele estava de pau duro. — Mika dá uma gargalhada.

— Se sua visão fosse boa, você não teria namorado o Henrique sem saber que ele era o tarado da janela. — Sissi ri. — E, depois, já te disse: a Sol é...

— O que tem a Sol? — Sue pergunta assim que entra no estúdio com Be.

— Ela e Alexandre têm um lance — Mika conta, ainda rindo.

— Impossível! — Sue e eu dizemos ao mesmo tempo e parece que nenhuma das duas tinha a intenção de falar isso em voz alta. Nós nos olhamos sem entender por que a outra disse aquilo.

— É isso que estou tentando dizer... Viu, Mika! Todo mundo sabe, só você e Henrique, que aliás me parecem dois tarados da janela agora, que não se dão conta. A Sol é lésbica. É mais fácil ela e o Alexandre estarem a fim da mesma mulher do que estarem se pegando — Sissi finalmente consegue concluir a informação que Mika não deixava.

— Ela é lésbica? — pergunto.

— Isso é algum problema? — Sue pergunta.

— Ser lésbica é errado? — Be questiona.

Mika e Sissi nos encaram, sem entender nossos questionamentos. Aliás, também não entendo os questionamentos de Sue e Be. Por que estão interessadas? Claro que o meu motivo de querer ter certeza é o fato dela estar dançando de calcinha na frente do meu amigo de foda, com o qual não tenho um relacionamento, mas tenho um acordo que deixa bem claro que outras pessoas brincando com Lord Dickson está vetado. Se Sol é lésbica, isso não seria exatamente um problema. Porém, eles são amigos há anos, têm intimidade, ela é gostosa — e muito, se eu fosse lésbica, com certeza ia querer pegá-la —, e pode ser bi... Ai, meu Deus! Será que Alexandre está pensando em fazer um ménage com nós duas? Não sei se sou capaz disso...

— Hey, Baby! Volta pra terra! Temos que começar a gravar. — Sue cutuca meu ombro. — Você está bem?

— Estou sim. Só acho que cansada.

Juro que tento me concentrar no que as meninas estão falando ou nas gravações, mas uma coisa não sai da minha cabeça: Sol. Não só o fato de ela possivelmente estar com as mãos no Lord Dickson nesse momento, mas também o que ela falou no banheiro do Neo: “você tem muitos segredos umas das outras, né?”.

Desde que a banda se formou, nunca escondemos nada umas das outras. Quer dizer, mais ou menos... A Sissi escondeu seu nome e sua família. A Mika, sua relação conturbada com a mãe e com o padrasto e, bem... Agora eu também estou escondendo Alexandre de minhas amigas. Mas que outros segredos Sol sabe que estamos escondendo umas das outras?

Quando terminamos o ensaio, uma ideia não sai da minha cabeça.

— Meninas, que tal marcarmos uma noite só nossa? Faz tempo que só nos encontramos em função do trabalho e que não conversamos sobre a gente. Acho que precisamos.

— Ai, Baby, eu adoraria, mas com essa função toda de gravações e shows, eu

tenho dado pouca atenção pro meu mecânico. — Sissi é a primeira a dar uma desculpa.

— Eu ando surtada com o casamento. — Mika é a segunda a pular fora.

— Quem sabe deixamos pra outra semana? — Sue sugere.

— Pode ser, meninas. Quando der, fazemos uma noite nossa — me dou por vencida. Eu realmente estava disposta a abrir o jogo e saber o que as outras também estão escondendo, mas, pelo visto, elas não.

Nós nos despedimos. Saio do estúdio e fico pensando novamente na Sol. Qual é a dela afinal? Ela nos pegou ontem no flagra, me deixou com essa neura de segredos entre mim e as meninas e ainda fez um show pro meu namorado? Quer dizer, amigo de foda. E por que Alexandre ficou babando? Se ela é lésbica, eles são amigos e não têm nada a ver, por que ele ficaria babando? Se ele pensa que vou topar um ménage, está louco.

De repente, me sinto extremamente irritada, frustrada e sem o controle da minha vida novamente. Minhas amigas não querem conversar, uma estranha sabe mais sobre nós do que nós mesmas e Alexandre ainda está descumprindo nosso acordo. Se ele pode, também posso. Mando uma mensagem.

“Qual é a da Sol? Fiquei sabendo do showzinho particular de dança pra você. Se você pode, eu também posso.”

Assim que envio, me arrependo. Parece até que sou uma namorada ciumenta e louca, mas nosso acordo é “sem compromisso, sem emoções e sem outras pessoas”. Agora, parece que ele tem outra pessoa; eu, emoções do tipo ciúmes e que estou cobrando como se tivéssemos um compromisso.

“Não é nada do que você está pensando.”

Sério, Alexandre?! A desculpa mais esfarrapada de todo mundo que é pego no flagra. Meu celular vibra novamente.

“Podemos nos encontrar? Jantar juntos? Que tal aqui em casa?”

Antes que eu pense em responder, outra mensagem.

“Ou você pode ser a janta.”

Fazer menções a sexo para uma pessoa extremamente irritada como eu pode ter dois efeitos: irritar ainda mais ou desarmar. No meu caso, com certeza desarma, só que ele não se deu conta de que tem uma hóspede. Ou será que está realmente cogitando a hipótese de sexo a três?

“E a Sol? Tô fora de sexo a três.”

Ele apenas responde:

“Oito horas, aqui em casa. Te espero e com muito sexo, só nós dois.”



Quem diria que Baby seria do tipo ciumenta... Não era ela quem queria tudo descomplicado, apenas sexo casual?

Aproveito sua insegurança para poder passar um tempo a sós com ela. Sol já foi embora, disse que continuaria na cidade, mas que não ficaria mais aqui em casa. Também não revelou para onde iria. Eu poderia ficar curioso, mas, no momento, estou apenas aliviado por ter meu apartamento de volta.

O dia ficaria mais interessante se não fosse o início da enchêção de saco por parte do meu chefe. Nós mal nos conhecemos e o cara já me mandou oito e-mails, todos eles exigindo resposta. Prevejo um ano letivo bem agradável pela frente.

Em vez de pensar nos problemas, eu resolvo ir ao supermercado e dar uma abastecida na minha despensa. Desde que me mudei, não fiz compras, apenas o essencial. Se começarei a ter visitas com frequência — e eu quero que Baby seja figurinha repetida aqui em casa —, então preciso que nada esteja faltando.

Não sou o melhor na cozinha. Só sei fazer o básico do dia-a-dia e, mesmo assim, prefiro comer fora. Quando morava em Vale da Esperança, almoçava com Eric todos os dias, mas agora as coisas serão bem diferentes. Ou seja, é melhor que eu tenha alguma coisa dentro de casa, afinal, passar fome não está nos meus planos.

Eu ainda não me familiarizei com o bairro onde moro, mas acabo descobrindo que tem um mercadinho a menos de duas quadras de distância e uma padaria logo na esquina. Menos mal. Faço uma nota mental para falar com Henrique e pedir a ele o guia básico de sobrevivência na cidade grande. Por mais que Eric já tenha morado aqui antes, ele se limitava muito mais ao campus da faculdade e aos bares à noite. Mas Henrique, assim como nós dois, também veio do interior e precisou se virar.

O mercadinho é pequeno e todo amontoado. É muita coisa em pouco metro quadrado, o que faz com que eu me sinta um pouco claustrofóbico. Pego uma cesta e vou às compras. Como eu não tenho um repertório muito vasto quando o assunto é culinária, opto por surpreender Baby com uma lasanha. É o máximo que posso fazer por ela no momento. Procuro uma receita na internet e vou enchendo a cestinha com os itens necessários. Tento encontrar os temperos, mas,

com o tanto de produtos que tem aqui, fico completamente desnorteado.

— Precisa de ajuda? — Escuto uma voz feminina atrás de mim e me viro para ela.

Péssima ideia.

— Fernanda?

— Alexandre? — ela pergunta, ao mesmo tempo que eu.

Nós dois nos encaramos por alguns minutos, nenhum dos dois sabendo como agir. De todas as pessoas no mundo, eu tinha logo que me encontrar com a filha do catiço que destruiu meu melhor amigo?

— Mundo pequeno, né? — Tento ser o mais civilizado possível, apesar da minha vontade de jogar um milhão de coisas na cara dela.

— Menor do que uma ervilha — Fernanda concorda e eu não tenho mais o que dizer a ela. — Você está morando aqui agora? Saiu de Vale?

— Pois é — confirmo, louco para acabar com esse papinho metido a civilizado.

— E o Eric? — a versão feminina do tihoso pergunta com toda sua cara de pau.

— O que tem ele?

— Também está morando aqui?

— Ele se mudou um pouco antes de se casar — digo, deixando claro que ela deve se manter afastada. A última coisa que quero é que meu amigo se foda novamente e que Sissi se sinta, de alguma forma, ameaçada.

— Entendi. E a Sol?

— Fernanda, por favor, vamos parar com a palhaçada. Eu não estou nem um pouco a fim de sentar e conversar sobre o passado. O que você fez não tem perdão e, sinceramente, não estou com a menor vontade de continuar aqui, conversando com você.

Não dou tempo para ela responder. Apenas viro as costas e vou em direção à saída. Deixo a cesta com todos os itens no chão. Foda-se! Vou pedir comida.



Respondo e-mails, preparo aulas e tento acalmar a raiva que me corrói. São quase oito horas e, daqui a pouco, Baby vai aparecer por aqui. Ela não me respondeu, mas sei que virá. Ela pode até não admitir, mas quer a minha companhia. No momento, eu preciso da dela. Não apenas quero me perder entre suas pernas, mas, hoje, preciso de algo que me acalme.

Decido tomar um banho e me arrumar para Baby. Enquanto a água lava meu corpo, eu respiro fundo várias vezes. Por mais que tente que meus pensamentos se restrinjam à Baby, eles parecem ter vontade própria.

O encontro com Fernanda me atingiu mais do que eu poderia imaginar. Foi muito duro ver meu amigo sucumbir daquela forma por conta do que aquela víbora fez. Eric mudou muito depois do que aconteceu. Ele se fechou de tal modo que conversar sobre qualquer coisa relacionada ao passado passou a estar fora de cogitação. Se não fosse por Sissi, com certeza ele ainda estaria naquela oficina, comendo todas as mulheres da cidade e pouco se fodendo para o resto.

Eu me enxugo a tempo de ouvir a campainha tocar. Apenas enrolo a toalha na cintura e vou abrir a porta.

— Oi, eu cheguei mais... — Baby para de falar assim que me olha.

— Entre. — Eu a puxo para dentro do apartamento e a envolvo em um abraço. Só em sentir seu cheiro, parte da raiva se dissipa. Por isso, aperto-a ainda mais.

Baby passa as mãos em torno do meu pescoço e fica na ponta dos pés, entregando-se ao abraço. Nossos corpos estão alinhados. Colados. Perfeitos. Não importa o que aconteça entre a gente, sei que nunca mais encontrarei uma mulher que se encaixe tão perfeitamente a mim.

Enterro minha cabeça em seu pescoço e permito-me inspirar seu cheiro. Baby estremece em meus braços e solta um gemido baixo. Quando suas mãos entram por meus cabelos, é a minha vez de sentir meu corpo se arrepiar.

— Ei... Tá tudo bem? — ela sussurra em meu ouvido.

— Você está aqui, então está tudo ótimo.

Não é exatamente verdade, mas, com certeza, tudo está melhor porque ela está aqui. Isso é fato.

Fecho a porta e, antes que ela possa contestar, eu a calo com um beijo. Não é um beijo comum. Nele, deposito toda minha angústia e toda minha vontade de estar ainda mais perto dela. Baby consegue afastar demônios que eu nem sabia que existiam, além de despertar desejos que eu havia escondido.

Assim como eu, ela me beija com vontade, com paixão. Nossas mãos exploram o corpo um do outro sem qualquer reserva. Puxo-a pela bunda, deixando claro que, apenas com esse beijo, já estou pronto para me enterrar dentro dela.

O beijo escala, ganha desespero. Quando Baby ergue uma perna, que eu seguro contra a lateral do meu corpo, Lord Dickson se encontra com Lady Bu, mesmo que ainda separados por algumas peças de roupa.

— Eu preciso de você — confesso. Baby não me responde, apenas envolve minha cintura com as pernas e se permite ser carregada até a cama.

Levo-a para o quarto e a deposito de pé na beirada da cama.

— Hoje, você é a Cristal, minha stripper preferida, e eu sou Estevão, um empresário solitário que precisa de companhia ocasionalmente. — Minha voz é grave e direta. Não é um pedido e Baby sabe disso. Seus olhos se arregalam, mas vejo o exato momento que brilham com a possibilidade de algo novo. — Agora, Cristal, dança pra mim.

— Mas não temos música, doutor Estevão — ela diz, me olhando com curiosidade.

— A gente resolve isso logo. — Pego meu celular, que estava na mesa de cabeceira, e coloco uma playlist que fiz pensando nela.

Quando American woman, do Lenny Kravitz, começa a tocar, Baby abre um sorriso no canto do lábio. Nada como um rock sensual para fazer com que ela entre no clima.

Cristal me empurra para a cama e se entrega ao personagem. Ela rebola enquanto se toca. Joga seus braços para cima, se mexendo no ritmo da música. Desce as mãos pelo corpo, acariciando suas curvas e deixando claro que está adorando a experiência.

Será que ela já fez strip-tease para algum outro homem? Só em pensar na possibilidade, sinto o ciúme me corroer. Foco toda a atenção na mulher à minha frente, que retira a blusa, expondo sua pele clara e suas muitas curvas. Seus peitos ameaçam pular do sutiã, mas ela continua dançando sem qualquer preocupação.

Audioslave começa a tocar Like a stone, e eu acho que o título simboliza muito bem o estado de Lord Dickson no momento.

Esta música é menos sensual, mas seu significado é perfeito e Cristal se torna mais agressiva. Desabotoa os shorts e deixa que eles desçam por suas pernas. Agora, apenas de calcinha e sutiã, ela vem para cima de mim e me faz deitar na cama. Porém, continua em pé, um pé de cada lado do meu corpo. Ela dança em cima de mim, mas sem me tocar. Quando a música diminui de velocidade, ela começa a se abaixar, permitindo-se ficar de joelhos. Sem pensar duas vezes, ela desata a toalha, desenrola a camisinha que lhe entreguei, chega sua calcinha para o lado, e senta-se sobre mim, engolindo-me de uma só vez.

Eu solto um gemido alto, e ela também.

— Porra, Cristal, que boceta gulosa.

Sem ter que pedir qualquer coisa, ela começa a me cavalgar com vontade. A música acaba e um outro rock começa a tocar, mas ele não importa. Nada importa. Nada além do jeito que essa mulher faz com que eu me sinta. Ela apoia as mãos no colchão, uma de cada lado da minha cabeça, deixando seus peitos bem perto da minha boca. Não perco a oportunidade e chupo os mamilos com força, um de cada vez, fazendo com que ela solte um grito de prazer.

Quando seus movimentos perdem velocidade, eu começo a me mexer embaixo dela. Seguro-a pela bunda e a ajudo com o sobe e desce.

— Estevão, mais fundo... — ela pede e eu obedeço. Meto com mais força até Cristal cair sobre mim, tremendo com o impacto do orgasmo. Só então me permito relaxar. Estoco mais algumas vezes e meu clímax toma conta. Sinto o prazer se espalhar por todo o corpo. Não consigo segurar o urro. Gemo alto, rouco, em seu ouvido.

Completamente relaxado pela primeira vez no dia, eu apenas a mantenho assim, meu pau amolecendo dentro dela, mas pouco importa. Não estou pronto para deixá-la ir.



Estou quase cochilando, quando Baby começa a falar:

— Você não vai me contar o que está acontecendo?

Além de linda, sexy e eficiente, também é perspicaz. Acaricio seu ombro enquanto ela arranha de leve minha barriga. É o pós-sexo perfeito.

— São várias coisas, na verdade — confesso.

— Posso saber quais?

A pergunta me espanta. Baby está entrando em um território perigoso. Nosso pacto diz sem envolvimento, mas contar a ela o que está acontecendo comigo é uma forma de envolvê-la na minha vida.

— Alexandre — ela chama meu nome e eu me dou por vencido.

Na verdade, não preciso ser convencido. Eu quero que ela faça parte da minha vida, mas não sei até que ponto ela quer o mesmo. Só que se Baby quer saber mais sobre mim, quem sou eu pra dizer não?

— Ontem, não tivemos muito tempo para conversar. — Ela solta uma risada e esconde o rosto no meu peito, como se estivesse com vergonha. Eu também começo a rir, mas não da situação, e sim dela. Quem diria que ela ficaria encabulada? — Enfim... Eu fui à escola que vou trabalhar.

— Ah, é? Todos dizem que é a melhor escola do estado.

Conto para ela sobre meu coordenador, sobre a maravilha que é, sobre a infraestrutura e todos os programas extracurriculares. Sobre a opulência, a mensalidade e até sobre a exigência de comprometimento.

— E isso te incomoda? — pergunta, passando sua mão gentilmente por meu tórax.

— Estaria mentindo se dissesse que não. Aquela escola é a materialização da

divisão de classes. — Ela fica calada por um minuto e eu não sei o que ela está pensando. — Não sei por que eles querem um projeto de Geopolítica — confesso.

— Também não sei, mas, de repente, esta pode ser a sua chance de tentar fazer a diferença. Todo mundo pensa em mudar as coisas de baixo para cima na pirâmide social. Quem sabe você não consegue fazer alguma coisa, mas na ordem inversa?

Beijo o topo de sua cabeça, cada vez mais feliz por estar com Baby em meus braços.

— Hoje eu encontrei com a ex-namorada de Eric — mudo de assunto bruscamente. — A filha da puta que destruiu meu amigo anos atrás estava fazendo compras no mesmo mercadinho que eu...

— O que significa que ela deve morar por perto — Baby conclui e eu apenas digo um “aham”.

— Eu preciso falar com Eric sobre isso — comento.

— Sol tem razão. Todas nós estamos escondendo muitos segredos umas das outras. — É a vez de Baby mudar de assunto.

São muitas coisas acontecendo, muitas coisas nos incomodando. Em vez de conversar sobre isso, eu me coloco sobre ela, que abre as pernas para que eu me encaixe.

— Depois a gente fala sobre isso — peço. — Agora, quero te fazer gozar mais uma vez antes de ligar para o restaurante e pedir nosso jantar.



Estou começando a ser uma garota muito promíscua. Quando imaginei que, em uma noite, ia transar com dois caras diferentes, num espaço de tempo menor do que três horas? Pois é, Maribel. Parece que seu ano sabático está mais agitado do que você imaginava. Eu sei que Estevão e Alexandre, no fundo, são a mesma pessoa, e que o Breno também era o Alexandre. Mas juro que, às vezes, parece que são pessoas diferentes.

Depois de algumas horas de uma maratona sexual, que me exigiu mais que minhas cinco horas de ensaio diárias tocando bateria — e tocar bateria exige força e energia —, estávamos varados de fome. Eu seria capaz de comer um boi inteiro. Resolvemos pedir alguma coisa pra comer e, sem saber, Alexandre foi reprovado na questão número cinco do meu teste de compatibilidade de namorados — e essa é uma questão que considero muito importante: decisão na hora da fome. Pra mim, tanto fazia o que a gente fosse comer, desde que comesse logo. Pizza, sushi, mexicano, chinês, italiano ou qualquer merda de fastfood servia, desde que eu comesse. Só que ele ficou pelos menos vinte minutos pesquisando no ifood, Google e sei lá mais onde, possibilidades de entrega ali e, depois, uns dez minutos discutindo as opções para acabarmos comendo pizza. O que também faz com que ele reprove na questão número oito do teste, que não é exatamente uma questão, mas um mantra: “se acabar em pizza, não é legal”.

Eu sei que pareço meio louca com essas questões do teste, mas a verdade é que pizza sempre é a solução mais fácil, e se um mínimo de energia não é utilizado pra se fugir da pizza, é sinal que a energia não é gasta em questões simples. E eu acredito que tudo que é decisivo em nossa vida merece atenção. É a primeira vez que jantamos juntos na casa dele e ele não planejou nada antes... O que também faz reprovar no item três: “planejar os encontros”.

— Tenho vinho, cerveja e um licor. O que você prefere? — Alexandre pergunta, parado no batente que divide a sala do corredor do banheiro e do quarto, só de bermuda, secando os cabelos, como se aquilo não fosse a coisa mais sexy que ele já fez na vida. — Licor de merda... — ele ri —, mas não é feito de...

— Merda, eu sei — interrompo-o e solto uma gargalhada. — É um licor

português que tem esse nome, mas eu acho que é de banana com baunilha.

— Eu também. — Ele para de secar os cabelos e me encara sentada no sofá com a camiseta que me emprestou para colocar depois que tomei uma chuveirada. — Sempre disse que tinha banana e baunilha pro meu avô. Ele era português e adorava esse licor, mas sempre que eu dizia quais os ingredientes que tinham, ele me respondia: “Nãoooo! Tem gosto de várias merdas confiáveis! HAHAHAHA!”— Alexandre fez uma voz grossa, meio abaloada, provavelmente imitando o avô e forçando um sotaque português, o que o deixou muito fofo.

— Eu tenho uma prima, a Bianca, que foi morar em Portugal quando tínhamos dez anos. Éramos muito próximas e nos escrevíamos sempre. Quando tínhamos uns quinze, ela contou por carta sobre o licor de merda e, no Natal daquele ano, conseguiu convencer o pai a trazer algumas garrafas do licor para os parentes aqui. — Alexandre continua no batente da porta, agora escorado, prestando atenção ao que conto, com a toalha jogada no ombro e consigo achá-lo mais sexy que quando estava secando os cabelos. — Na noite da véspera de Natal, meu tio presenteou cada um dos irmãos com uma garrafa do licor. Meu pai tem cinco irmãos. Então, haviam cinco garrafas. Nós éramos oito primos adolescentes e, naquela noite, depois que nossos pais foram dormir, nós brincamos de “eu nunca” com o licor de merda.

— Vocês beberam as cinco garrafas? — Ele realmente parece espantado. — Mas ele tem vinte por cento de teor alcoólico... Deve ser por isso que sua bebida preferida é tequila. — Ele dá uma risada.

— Nós tomamos as cinco e enchemos de volta com água, jurando que nenhum de nossos pais iria experimentar o tal licor. A gente acabou com todo o mel que havia na casa dos meus avós, tentando dar a coloração certa pra bebida. — Só de lembrar, me dá vontade de rir e é difícil contar a história. — Mas o pior de tudo foi o dia seguinte. Nós, que bebíamos ainda muito pouco na época, todos com caras de ressaca e enjoados e um dos meus tios teve a brilhante de ideia experimentarem o licor. — Não sei se Alexandre está se divertindo com a história ou com minha risada incontrolável, mas o fato é que ele ri também. — Quando o primeiro tio provou e disse que tinha gosto de água com mel e o segundo e terceiro concordaram, tio Gustavo, pai da Bianca, provou ele não precisou nem de dois segundos pra saber o que tinha acontecido. Foi aquele alvoroço todo, reboliço, os pais brigando com a gente, abriram todas as garrafas... Enfim, depois de muitas brigas, meu pai perguntou: “afinal, tinha gosto de quê?”, e eu respondi “de banana com baunilha”. Meu tio gritou: “Nãoooo! Tem gosto de várias merdas confiáveis! HAHAHAHA!”

— Devia ser uma resposta padrão, então, em Portugal. — Alexandre começa a

rir de dobrar a barriga. — Eu fico imaginando vocês na maior ressaca, ainda tomando esporro.

— E quando a vovó descobriu que não tinha mais mel nenhum em casa, que não tinha onde comprar mais e ela não poderia fazer os pães de mel que sempre fazia pro lanche da tarde no dia de Natal?

— Eu só não sei como vocês aguentaram as cinco garrafas! Eu tenho duas fechadas aqui em casa, mas acho que, se beber mais do que duas ou três doses, devo ficar muito bêbado. — Ele me encara novamente, mas dessa vez me olha diferente. Algo no seu olhar me diz que teve alguma ideia que envolve Lord Dickson e Lady Bu. — Quer, então, tomar uma dose? — Alexandre oferece o licor, mas posso jurar que não é disso mais que estamos falando. Só que, nesse momento, eu tenho uma ideia.

— Não. Quero as duas garrafas e nós vamos brincar de “eu nunca”. — Eu sempre quis brincar de “eu nunca” versão sexual com um cara.

— Nós vamos...? Tá falando sério? — Algo me diz que estraguei seus planos.

— Muito sério. Senta aqui — chamo-o pra sentar ao meu lado. — Com as garrafas e dois copinhos — ordeno. Também sei mandar quando quero.

— Tudo bem. — Alexandre levanta as mãos para o alto. — Vamos brincar de “eu nunca” — ele diz, enquanto leva a toalha até a área de serviço e mexe na cozinha a procura dos copos.

— Você já brincou de “eu nunca”? — pergunto.

— Não. Mas sei como a brincadeira funciona — ele responde, revirando os olhos. — Meus alunos costumam brincar. — Alexandre coloca as garrafas e os copos em cima da mesinha de centro.

— Ótimo, então — digo, enquanto abro a primeira garrafa e sirvo uma dose em cada copo. — Eu vou começar. — Alcanço um copo para ele, pego o meu e cruço as pernas em cima do sofá, virando meu corpo de frente pra ele. Alexandre encara o meio das minhas pernas e saliva. — Preparado? — pergunto, fazendo-o olhar para mim em vez de ficar encarando Lady Bu. Ele acena com a cabeça, dizendo que sim. — Eu nunca chupei uma xoxota. — Dou risada e continuo segurando meu copo, sem beber uma gota.

— Porra, Baby! Assim não vale. — Alexandre bebe a dose inteira do seu copo de uma vez. — Eu também vou te sacanear, então. — Ele ri e me estende o copo para que o sirva novamente. — Eu nunca chupei um pau.

Bebo minha dose rindo. Encho meu copo novamente.

— Eu nunca chupei peitos.

Assim, seguimos com uma série de coisas óbvias que o outro já fez até que as perguntas óbvias vão ficando escassas.

— Eu nunca amei alguém de verdade. — Alexandre me encara. Seu olhar está

duro, sério. Talvez um pouco triste.

Mas quando não bebo a dose do meu copo também, ele larga o seu na mesa de centro e lentamente se aproxima de mim. Coloca uma mão no meu rosto, acaricia, sem falar nada, passa os dedos pelos meus lábios, até que sua boca substitui os dedos. O beijo é doce, sereno, lento. Ele vai me deitando no sofá enquanto me beija. Suas mãos não estão ligeiras, o beijo não tem a urgência de outras vezes. É como se fosse a primeira vez que realmente nos beijássemos, a primeira vez que realmente nos encontrássemos. Ouço a campainha tocar e dou um pulo do sofá, saindo debaixo dele.

— A pizza — grito. — Quando olho pra frente, vejo Mika observando pela janela. — Puta que pariu! Fodeu!



Pego as duas pizzas — uma, metade calabresa e metade presunto, e a outra, metade frango com catupiry e metade quatro queijos —, as duas latinhas de coca cola e tento me esconder atrás das caixas, enquanto a entregadora me olha de cima a baixo de uma forma nada agradável. Será que ela nunca viu um homem sem camisa antes? Pago pelas pizzas e volto minha atenção para Baby, que está parada, olhando para o nada. Coloco nosso jantar na mesinha de centro, sento-me no chão e abro as duas caixas. Só o cheiro já faz com que meu estômago grite de fome.

— Vem comer antes que esfrie — eu chamo, mas Baby não se mexe. Olho para ela e noto que seu rosto está pálido. Parece que ela acabou de ver assombração. — Baby... Baby!

Ela desvia sua atenção sabe-se lá de onde e se vira para mim. Porém, sua expressão ainda é de total espanto. Como se estivesse em transe, ela se senta ao meu lado, nem uma única palavra sai de sua boca.

— Ei... O que aconteceu? — pergunto, meu tom estampado com preocupação.

— Nada — ela responde no mesmo instante em que ofereço a ela uma fatia da pizza de calabresa. Baby não aceita o pedaço e faz menção de sair, mas eu a seguro, impedindo que se afaste.

Tento descobrir o que lhe causou tanta estranheza e acabo me deparando com a janela aberta, cortinas afastadas.

— A gente vai fazer o seguinte — digo e vou até a janela, fecho a cortina, sem ver se Mika ainda está lá, e volto para Baby. Sento-me no chão e puxo-a para o meu lado. É como se ela estivesse em estado de choque. Em seguida, estendo-lhe a fatia de calabresa e pego uma para mim também. — Vamos comer os dois primeiros pedaços em silêncio. Enquanto isso, você absorve seja lá o que estiver te incomodando. Depois, vamos fingir que somos pessoas normais e conversar durante o jantar, ok?

Ela ergue uma sobancelha, olhando para mim com escárnio. Mas eu finjo que nem percebo e começo a comer a melhor pizza que já provei na vida. Puta que pariu, eu tava com muita fome mesmo. Praticamente inalo a comida e esqueço que tem outra pessoa me acompanhando pelos próximos três minutos.

Quando consigo me acalmar (ao menos, parcialmente), dou um gole no refrigerante e volto minha atenção para Baby, que também parece estar comendo com vontade.

— O que aconteceu? — repito a pergunta que fiz há pouco, trazendo sua atenção para mim.

Baby me fita por um segundo enquanto termina de mastigar. Depois, ela limpa seus dedos com o guardanapo e começa a falar:

— A Mika acabou de me ver aqui.

Ah! Então foi por isso que ela estava com aquela cara de quem tinha visto um fantasma, confirmando minhas suspeitas em relação à janela.

— E qual o problema disso? — pergunto, alcançando mais uma fatia, agora da pizza de quatro queijos, para ela e, em seguida, pego outra para mim.

Baby hesita, depois olha pra mim como se eu tivesse criado mais três cabeças.

— Eu disse pra você que queria manter isso — gesticula entre mim e ela — apenas entre nós, Alexandre. Nossos amigos são casados, a gente faz parte do mesmo círculo de amizades. Quando isso acabar, ninguém vai ter que se preocupar ou escolher um lado, sei lá... Mas só vai ser assim se ninguém souber.

— Mas quase todo mundo já sabe — interrompo Baby, que arregala os olhos. — Na verdade, quase todas as suas amigas já sabem — aponto o óbvio. — Pelo visto, só a Sissi que está no escuro. — Baby vai falar alguma coisa, mas eu continuo: — Quanto aos meus amigos, duvido que qualquer um deles tenha algum comentário negativo em relação a isso que está acontecendo entre nós — enfatizo o isso para deixar claro que não gostei nem um pouco da forma simplória como ela definiu nosso relacionamento. Ele pode não ser tradicional, mas não acho que deva ser menosprezado.

Será que Baby não consegue enxergar a intensidade que temos?

Ela fica calada, apenas ponderando o que acabei de dizer.

— Sabe o que mais? Não vejo necessidade de a gente esconder ou falar nada pra ninguém. Somos adultos, sabemos o que estamos fazendo. Mais importante, não devemos satisfação a ninguém — completo.

Termino a fatia de pizza na minha mão e alcanço mais uma. A de Baby está intacta. Pelo visto, ela perdeu o apetite. O silêncio impera nos próximos minutos e eu começo a ficar ansioso. Odeio esse silêncio de incertezas.

— Não estou dizendo para sairmos por aí, gritando para o mundo que estamos em um relacionamento casual, mas também me incomoda estar com você e não poder te beijar — confesso. Coloco a pizza de lado e me levanto do chão. Baby observa meus movimentos com atenção. Ofereço uma mão a ela para ajudá-la a se levantar.

No momento em que ficamos frente a frente, passo a mão em torno da sua

cintura e a puxo para ainda mais perto.

— Isso não precisa ser complicado, mas eu odiei estar no Neo com você e ter que fingir que não morro de tesão toda vez que você solta uma risada. É simples, Baby, muito simples. Eu gosto de você, da sua companhia e do que temos juntos. Não estou pedindo para você ser minha namorada, muito menos para que mude seu sobrenome. A única coisa que quero é poder te beijar de vez em quando. Sei lá... — balanço a cabeça negativamente e solto o ar, frustrado — ...te puxar pra dançar ou te abraçar ao fim do show.

Em vez de comentar, Baby faz o inesperado: ela fica na ponta dos pés e me cala com um beijo. Suas mãos vão para a minha nuca, acho que numa tentativa de impedir que eu me afaste. Como se isso fosse possível...

Por mais que ela esteja usando esse beijo para desviar do foco da conversa, não importa. Quem sou eu para dizer não a ela? Se ela quer me beijar, serei todo seu. Por isso, aprofundo o beijo, puxando-a ainda mais contra mim.

Já perdi as contas de quantas vezes nos fizemos gozar hoje. Acho que, em toda a minha vida, nunca tive uma maratona como essa e confesso que, mesmo sem saber, Baby está realizando mais uma de minhas fantasias.

Só em sentir seu gosto, meu corpo se acende. É como se ele fosse programado para satisfazer essa mulher. O beijo escala, as mãos começam a buscar mais — e a encontrar também — e, quando vejo, estamos embolados no sofá, minha bermuda está abaixada o suficiente para que Lord Dickson esteja para fora e dentro dela. Apenas cheguei sua calcinha para o lado. A vontade de estarmos conectados mais uma vez era tanta que deixamos de lado todo o resto.

Dizem que tudo acaba em pizza, mas acho que, com Baby, tudo acaba em sexo. Amanhã, conversaremos. Hoje não.



Meu celular vibra desesperadamente. Sei que só existe um motivo para ele tocar assim: o grupo da banda. Na tela aparece a última mensagem de Be “Como assim, Mika! O que houve?”. Puta que pariu! Sento na cama rápido e destravo a tela do meu celular. Eu sabia que devia ter conversado com a Mika ontem à noite, mas, ao invés disso, achei que o momento era de calar Alexandre, antes que aquela conversa de sentimentos continuasse, e depois acabei pegando no sono. Agora o estrago está feito.

“Comunico a vocês que não comparecerei aos ensaios enquanto estivermos mentindo e enganando umas às outras.”

Pegou pesado, Mika.

“Quem está mentindo? Acho que devemos se adultas e profissionais. Eu não tenho que contar tudo pra vocês.”

Do que Sissi está falando? Mika pergunta a mesma coisa.

“Do que você está falando, Sissi? Tu também está de segredos?”

“Nós não podemos parar com os ensaios agora, Mika! Falta poucos dias de estúdio para terminarmos o CD. Não sei o que você pensa que estou escondendo, mas se estou é porque não acho que seja a hora de contar.”

Sue também está escondendo alguma coisa. Parece que Sol realmente estava certa. Temos muitos segredos.

“Você também, Sue? Quer dizer que estou cercada de um bando de periguetes traidoras? A gente não tinha prometido que não teríamos segredos? Eu sempre conto tudo para vocês, e vocês escondendo tudo de mim. Que amigas, hein?!”

Mika, quando entra no modo dramático, é igual à mula empacada. Sei que ela precisa de um tempo.

“Onde está a Baby?”

A mensagem é de Sissi.

“Pois é, onde está a Baby? A pessoa mais organizada, sincera e neurótica da banda? Também queria saber...”

Mika alfineta.

“Como assim, Mika? O que houve?”

É a mensagem de Be, parece que ela e Mika são as únicas que não estão escondendo nada e ambas digitam ao mesmo tempo. Quando a mensagem de Be

chega, me surpreendo.

“Eu acho que se ainda não contamos algo para as outras é porque a gente ainda está assimilando o que está acontecendo. Na hora em que me sentir preparada, eu divido com vocês.”

“Eu não acredito nisso! Não posso confiar em nenhuma das minhas melhores amigas. Legal!”

Mika envia a mensagem e sai do grupo. Eu não tenho noção do que dizer. Sei que a causadora de tudo isso sou eu, por não querer que minhas amigas — mais especificamente a Sissi — soubesse do Alexandre. “A única que está no escuro é a Sissi, todo mundo já sabe”. Lembro do que Alexandre disse na noite anterior. Ele mal abre os olhos, eu pergunto:

— Como você sabia que a Sue e a Be já sabiam da gente?

— Bom dia, Baby. Também dormi bem... — Ele se espreguiça. — O que houve?

— Você não respondeu à pergunta que eu fiz. — Sério que ele quer brincar de casal feliz quando acorda, eu estando no meio de uma crise profissional? — Preciso ir e resolver as coisas.

— Aonde você vai? — Ele se senta na cama. — Afinal, o que está acontecendo? Nós não ficamos de conversar hoje?

— Mika saiu do grupo, disse que não vai mais ensaiar enquanto tivermos segredos umas das outras e não podemos brigar nesse momento. Temos apenas mais alguns dias de estúdio pra finalizar a gravação do CD e, sem a vocalista, não tem como... — Respiro fundo. — Fora que nós fizemos uma combinação: sem emoções, sem compromissos e sem outras pessoas... É apenas isso que eu quero e você está dificultando as coisas.

— Não foi isso que pareceu ontem à noite... — Alexandre deixa escapar. — Afinal, do que você tem tanto medo, Baby?

— Eu não tenho medo, Alexandre. Só que me organizei para fazer uma coisa da minha vida e não estou a fim de mudar meus planos. Fora que, só ontem, você falhou em três quesitos do meu teste de compatibilidade pra namorados...

— Eu falhei? — Ele arregala as sobrancelhas. — Eu estava sendo testando e nem sabia? — Agora parece que ele ficou realmente irritado. — Olha, Baby, eu gosto de você, gosto do que temos e quero poder te abraçar e beijar em público, mesmo que nosso relacionamento seja apenas casual. Agora, se você não quer... — ele suspira, frustrado — ...não precisa ficar inventando desculpas. Você é livre, pode ir a hora que quiser.

— Por isso estou indo agora.

Alexandre não diz nada. Levanto da cama, procuro por minhas roupas pela casa e saio sem nem dizer tchau. Ótimo, Maribel! Você acaba de perder seu

emprego, suas amigas e até o sexo casual. Parabéns! Mas é hora de consertar as coisas. Pelo menos, com minhas amigas e meu emprego.

“Bom dia, meninas. Sinto muito pelo que houve e a culpada sou eu. Vou resolver as coisas. Encontro todas no estúdio na hora de sempre.” Menos de um minuto depois todas se manifestam.

“Eu achei que a culpa era minha. Preciso contar algo pra vocês.” Sissi é a primeira a se manifestar.

“Eu também, meninas! Mas não sei se estou pronta.” Be responde em seguida.

“Eu estou esperando Be achar que é a hora.” Sue responde e me deixa mais encucada ainda. Afinal, que tantos segredos a gente tem umas das outras?

A próxima mensagem que chega no meu celular não é das meninas, mas um outro problema que terei que resolver, em algum momento.

“Não devia ter deixado você sair assim. Acho que devemos conversar.”

Não respondo a mensagem de Alexandre. Tenho muito que pensar sobre isso e não tenho cabeça agora. Eu senti algo diferente e por isso me assustei tanto. Não foi pelo comportamento dele, foi como eu realmente me senti com ele. Acho que nunca amei alguém de verdade, e pareceu tão fácil amá-lo... Mesmo sabendo que ele nunca passaria no meu teste idiota de compatibilidade de namorados — nem na metade dele —, pareceu simples, fácil, leve e livre, como sempre achei que um relacionamento deveria ser.

O problema é que isso atrapalha totalmente meu planejamento. Alexandre não pode ser o primeiro sexo casual e o último ao mesmo tempo pra ser o cara definitivo. Mesmo que a gente conte os personagens que ele interpreta como sexo casual também, ainda assim ele nunca poderia ser o último... Ou talvez tudo isso seja uma grande bobagem que eu criei na minha cabeça para realmente nunca me apegar a ninguém e agora que tem um cara que realmente mexe comigo, eu fico tentando afastá-lo com toda essa minha bobagem e neurose.

Só que, nesse momento, eu preciso ser totalmente racional. Sacudo a cabeça para espantar Alexandre dos pensamentos e miro no prédio do outro lado da rua. Arranjo coragem pra atravessá-la. Por sorte, o porteiro do prédio de Mika já me conhece e me deixa subir sem me anunciar.

Quando toco a campainha, escuto Mika gritando lá de dentro:

— Pode dizer pra essa vaca mentirosa que não vou falar com ela, Henrique!

— Eu não vou falar nada, Mika. Você tem que resolver isso. É sua carreira, porra! — A voz de Henrique realmente está muito irritada. — Estou indo trabalhar e vou deixar a Baby entrar, e se você não resolver isso até eu voltar, você terá um outro problema e será comigo. — Henrique abre a porta, encosta-a atrás de si e sussurra pra mim: — Baby, ela está puta assim porque também está escondendo uma coisa, mas se você falar que eu disse, juro que nego até a morte.

— Ele ri. — Dá umas tequilas pra ela, amansa a fera, que tudo vai ficar bem... Sabe como a Mika é. — Henrique realmente parece estar se divertindo com isso. Ele pisca pra mim.— Estou saindo! Baby está entrando! — Ele abafa um riso com a mão, me empurra pra dentro do apartamento, acena e bate a porta com toda a força do mundo.

— Não tem geladeira em casa, não? Porra! — Mika grita do quarto e tenho vontade de rir. E talvez eu risse, se não precisasse realmente resolver as coisas.

Fico na sala, esperando que ela fale mais alguma coisa. Depois de um minuto e quatro segundos cronometrados no meu relógio, não aguento:

— Mika, a gente precisa conversar — falo com a voz baixa e mansa.

— Não quero conversar com você ou qualquer outra daquelas amigas falsas que eu tenho.

— Mikaela! Se você não vier pra sala agora me olhar nos olhos, eu vou te pegar pelos cabelos no quarto! — Toda a minha doçura e paciência se foram na tentativa de conversar.

— O que você quer? — Mika aparece no batente.

— Tomar uma tequila. — Suspiro e me jogo no sofá.

Ela vai até a estante, pega nossos cinco copos, a garrafa e serve cinco doses na minha frente.

— Não vai tomar a sua? — pergunto, pegando o primeiro copo. Ela não responde. Pego a segunda dose e penso que vou morrer se beber as cinco de estômago vazio a essa hora.

Mika pega um copo e bebe. Pega o segundo e vira também. Resta apenas uma dose em cima da mesa. Em situações normais, dividiríamos. Espero para ver o que ela pretende. Mia fica encarando o copo. Pega-o, toma metade, me alcança e se joga ao sofá ao meu lado.

Não sei exatamente quanto tempo ficamos ali, sentadas sem falar nada. Meu estômago está revoltado e me pergunto se, agora que Henrique mora aqui, eles têm alguma comida dentro de casa.

— Você já tomou café? — Mika pergunta. Meu estômago deve ter roncado mais alto do que deveria.

— Não.

— Vamos, então, pra padaria. Depois, pro ensaio. Não quero conversar só com você. Quero conversar com todas.

Aceno com a cabeça, concordando. Levanto do sofá e dou de cara com Alexandre, sem camisa na janela. Puta que pariu! Está difícil ser eu ultimamente.



Quando a porta bate, deixando-me sozinho no apartamento, o silêncio faz com que eu comece a me arrepender do que eu acabei de falar para Baby. Da forma mais estúpida possível, dei a ela permissão que precisava para deixar seus medos se sobreporem a seus desejos, e isso é bem perigoso.

Resolvo, então, mandar uma mensagem, mesmo sabendo que serei ignorado.

“Não devia ter deixado você sair assim. Acho que devemos conversar.”

Em vez de esperar a resposta que sei que não chegará, aproveito para ficar um pouco mais de tempo na cama e tentar dormir, só que meus pensamentos teimam em ir para ela. Merda. Será que, de agora em diante, vai sempre ser assim?

Estou preocupado, não tenho nem como negar. Baby saiu daqui completamente descontrolada. Sua expressão deixava claro que o mundo que ela conhece está desabando. Há algum tempo, a palavra “segredos” tem sido constante. Sol disse isso, Baby também... Pelo visto, as outras meninas também estão escondendo coisas umas das outras. Eu só não entendo por que Baby quer esconder o que temos. Se fosse por mim, colocaria nela uma camiseta com os dizeres “ESTOU TREPANDO ALUCINADAMENTE, MAS SEM COMPROMISSO, COM ALEXANDRE FERRAZ”. Caixa alta obrigatória.

Eu não sei o que incomoda mais a ela nesse nosso relacionamento, se é o fato de sermos casual, porém exclusivos, ou se o fato de sermos casual, ponto. Algo me diz que, apesar de sua postura decidida e autossuficiente, Baby não está acostumada a esse tipo de relacionamentos. Mesmo ela tendo exigido isso quando começamos, depois de estar com ela há um tempo, penso que ela não sabe muito bem como lidar com isso. Preciso descobrir uma forma de ajudá-la.

Outra coisa que me deixou estremeado foi essa parada de teste. Como assim, teste? Que teste? E eu estou reprovando? Preciso tentar descobrir mais sobre isso.

Enquanto Baby resolve seus problemas, vou aproveitar para resolver os meus também. Muito a contragosto, me levanto da cama e vou tomar um banho. Preciso de energia para conseguir desempacotar algumas coisas da mudança que ainda estão em caixas. Chega a ser vergonhoso.



Meia hora depois, tenho uma caixa desempacotada e já me sinto cansado. A idade está chegando. Em vez de continuar com esse trabalho, pego o celular para mandar uma mensagem para Eric. Sei que meu amigo está passando por uma fase confusa. Além disso, não aguento mais não saber se Sissi está ou não grávida.

Sento-me no sofá, coloco o pé na mesinha de centro e começo a digitar:

“Preciso da sua ajuda.”

Envio. Sei que as minhas palavras farão com que ele entre em estado de alerta. Eric pode parecer do tipo que pouco se importa para o resto do mundo, mas eu sei muito bem que não é assim.

“O que aconteceu?”

Consigo até escutar o tom que ele usa para fazer a pergunta.

“Passo na sua casa em meia hora. Me espere na porta, vou estar de carro e vamos a um lugar.”

Um minuto depois, ele me manda um ok. Termino de me arrumar e desço para ir me encontrar com ele. Temos muito a conversar. Não apenas a questão da gravidez, mas também quero contar para ele sobre Fernanda. Meu amigo merece saber que a víbora da sua ex está na cidade.



— Se eu soubesse que a ajuda envolvia fazer compras no supermercado, teria dito que estava doente — Eric diz, revirando os olhos, enquanto empurra o carrinho pelo corredor de produtos de limpeza.

— Mas eu realmente precisava da sua ajuda. O único mercado que conheço por aqui é aquele na minha rua. Além de minúsculo, é muito mal frequentado. — Apesar de Eric me fitar com curiosidade depois desse meu comentário, não quero falar agora sobre Fernanda. Temos coisas mais urgentes para tratar. Por isso, mudo de assunto enquanto coloco o amaciante de roupas dentro do carrinho. — Sabe onde tem uma cafeteria decente por aqui?

— Estamos em um hipermercado. Tem uma aqui dentro — ele diz, agora olhando para mim com desconfiança.

Para evitar que os assuntos venham à tona antes do planejado, começo a falar sobre a escola em que vou trabalhar. Conto tudo sobre o meu encontro com o coordenador e sobre quais serão minhas incumbências, além de estar em sala de aula.

Em seguida, pergunto a ele sobre como andam as coisas em seu trabalho.

Durante os sessenta minutos em que encho o carrinho com tudo de que preciso, nós conversamos sobre muitas coisas. Eric me conta como está sendo a vida de casado e também como está se saindo em ter que receber ordens de um chefe. Por mais que meu amigo seja um cara bastante competente quando o assunto é mecânica, subordinação não é o seu forte. Nunca foi — e eu só posso rir.

Terminamos as compras — não sem receber várias olhadas, provavelmente de pessoas que acharam que éramos um casal — e Eric mostra o caminho para a tal cafeteria. Na verdade, o hipermercado tem um tipo de praça de alimentação. Fazemos nosso pedido na cafeteria e depois escolhemos uma mesa, onde podemos deixar o carrinho cheio de compras ao nosso lado.

— Você realmente não vai perguntar o que quer saber? — Eric questiona depois do primeiro gole de café e eu solto uma risada. Conte com ele para ir direto ao ponto.

— Você quer começar falando ou quer que eu comece? — rebato com outra pergunta.

Em vez de responder, Eric olha para a mesa e bebe mais um pouco do líquido quente. Permito que meu amigo tome seu tempo e também fico em silêncio.

Não sei se é melhor que ele diga o que está em sua mente ou se falo logo sobre Fernanda. Mas antes que eu consiga tomar minha decisão, Eric me interrompe:

— A Sissi está grávida, cara — ele confessa. Sua voz é preocupada, trêmula, mas quando olha para mim, consigo sentir sua emoção. Seus olhos estão marejados, em uma demonstração muito atípica de sentimentalismo, mas eu sei que o motivo é mais do que justo.

Levanto-me da cadeira e me coloco ao seu lado. Meu amigo se levanta e eu o puxo para um abraço — daqueles bem masculinos, com direito a tapa nas costas.

— Você vai ser um paizão do caralho — digo para ele, que abre um sorriso nervoso.

Retornamos aos nossos lugares. Olho para ele, esperando que diga algo.

— Porra... — Esfrega as mãos no rosto, deixando clara toda a sua ansiedade. — Eu tô é apavorado!

— Imagino... Se estivesse no seu lugar, também estaria. Mas fica tranquilo que vocês dois serão excelentes pais — digo com sinceridade. — E a Sissi, como ela está em relação à gravidez? — quero saber.

Só em mencionar o nome da loirinha, Eric abre um sorriso orgulhoso. O cara realmente é louco por sua esposa.

“Quem te viu, quem te vê”, penso comigo mesmo.

— Ela está radiante — comenta. — Sério, Isabel não para de comprar livros sobre gravidez. Inclusive, acho que está até exagerando. Ela mudou radicalmente sua dieta e tem comido apenas coisas que são boas para o neném. Ela se inscreveu em um site de maternidade que mostra que tipo de comida cada estágio exige mais.

— Você tá brincando?

— Quem dera. Agora lá em casa, tudo gira em torno dessa criança que ainda nem nasceu. Eu deveria estar ficando louco, mas confesso que estou adorando cada nova maluquice dela. — Meu amigo sorri e balança a cabeça, como se estivesse se lembrando do que tem acontecido.

— Mas por que vocês ainda não anunciaram a gravidez pra todo mundo? — pergunto. Se ela está tão empolgada, já deveria ter contado para todo mundo.

— O risco de aborto é alto no primeiro trimestre. Tanto que Sissi ainda não comprou nenhuma roupinha. Ela só quer garantir que tudo esteja bem antes de sair espalhando a notícia — Eric explica.

— Quanto tempo?

— Nove semanas.

— Uau! Você vai ser pai, cara. — Por mais que eu desconfiasse, fico espantado com a notícia. Espantado de um jeito bom, já que não tenho dúvidas de que essa criança virá apenas para acrescentar coisas boas à vida deles, à nossa.

— Sissi está morrendo de medo de perder o bebê — confessa. — E eu fico com o coração na mão. Nunca soube dessa vontade louca dela de ter filhos, mas ela está parecendo uma leoa, enquanto eu assisto a tudo de camarote e tento ser o mais solidário possível. — Ele dá de ombros e, em seguida, bebe seu café de um gole só, como se fosse uma dose de alguma bebida alcóolica.

— Vai dar tudo certo — tento tranquilizá-lo, mas duvido que minhas palavras sejam suficientes para isso. — Só que esses segredos estão enfraquecendo a banda.

Eric ergue a sobrancelha e me olha como se não estivesse esperando esse comentário vindo de mim.

— Como você sabe disso? — questiona. Nada passa despercebido por ele.

— Do mesmo jeito que você compartilhou um segredo comigo, vou compartilhar um com você — digo.

— Nossa, ter vindo pra cidade fez da gente duas mocinhas. Nem os homossexuais do meu trabalho são mais boiolas que a gente — ele brinca e eu solto uma risada.

— Somos divas, fazer o quê? — entro na brincadeira. — Mas enfim... Eu e Baby... a gente meio que...

— Vocês estão juntos? — ele pergunta, arregalando os olhos.

— Não exatamente. — Eric faz uma cara de descrença quando escuta minha frase.

Então, eu começo a explicar para ele o que tem acontecido entre nós. Deixo os detalhes sexuais de lado — meu amigo não precisa ficar sabendo do que acontece entre quatro paredes —, mas conto todo o resto, desde como começamos a nos falar direito até o que aconteceu hoje pela manhã.

Como eu sabia que faria, Eric me escuta, comentando apenas em alguns momentos relevantes.

— Você não me parece nem um pouco confuso em relação ao que está acontecendo — ele afirma.

— Realmente, não estou. Na minha cabeça, tudo faz muito sentido. Eu gosto dela, não só do sexo, mas das nossas conversas. Já que assumimos nossa boiolyce, confesso que gosto do jeito como me sinto quanto estou com ela. Ao meu ver, é tudo muito simples. É ela a confusa da relação.

— Cara, de verdade, não sei muito como opinar. Acho que sou o pior de todos quando o assunto é relacionamento. Tenho a maior sorte do mundo da loirinha me querer por perto, porque eu só faço e falo merda — meu amigo comenta e eu solto uma risada, concordando com o que ele diz. — Mas, se você quiser, posso tentar sondar a Sissi e ver o que ela sabe sobre Baby e relacionamentos.

— Não precisa — digo, consciente do que estou falando. — Eu estou bem, só queria mesmo conversar com você. Tô vendo de perto como o segredo está colocando em risco a amizade das meninas. Não queria que com a gente fosse assim também.

— Acho que estamos tendo um momento... — Eric diz e bate os cílios.

Continuamos conversando sobre elas. Eu conto sobre como Baby está se sentindo em relação a tudo que vem acontecendo e Eric faz o mesmo, mas usando Sissi como referência.

— Cara, já que estamos colocando nossos corações na mesa... — ele solta uma gargalhada — ...tenho que te contar mais uma coisa. Só que eu tenho certeza de que você não vai gostar de ouvir.

Eric franze o cenho, estranhando meu comentário.

— Fala logo — pede, nitidamente apreensivo.

Eu respiro fundo. Sei que o que estou prestes a contar irá fazer com que meu amigo tenha mais um problema com que se preocupar, mas não posso me manter omissio. Então, em vez de ponderar as palavras, solto tudo de uma só vez:

— Ontem, quando eu estava no mercadinho perto de casa, acabei esbarrando com a Fernanda.

Eric fica calado, olhando para mim como se a ficha ainda não tivesse caído.

— A Fernanda, *Fernanda*? — ele pergunta, confirmando se estou falando da filha da puta que fez dele gato e sapato.

— A mesma. Para piorar, ela está morando na cidade. Perguntou sobre você, ficou se fazendo de boazinha. Eu logo a cortei, dizendo que você estava casado, morando na capital e mandei que ficasse afastada.

Eric apenas faz que sim com a cabeça. Em seguida, ele se recosta na cadeira e olha para o alto, soltando um suspiro cansado.

— Desculpa te falar isso, cara. Mas pensei que fosse melhor você saber por mim do que ser pego de surpresa — explico.

— Não, não... Você tem toda razão. Caralho, que merda.

— Pois é... Mas não deixe que ela estrague sua vida. As coisas estão boas. No trabalho, em casa... Foca em Sissi e no filho de vocês, mas se prepare caso ela resolva voltar do túmulo.

Depois da revelação, o papo morre. Resolvemos ir embora. Deixo Eric em casa e vou para a minha. Depois de ter guardado as compras no lugar, pego meu celular, na esperança de ter alguma mensagem de Baby.

Mas não tem nada lá.



Entre a casa de Mika e a padaria, e depois até chegarmos ao estúdio, as únicas palavras que falamos são utilizadas para fazer o pedido do café da manhã. De resto, apenas nos comunicamos com a cabeça e com o olhar, para concordar sobre a mesa em que sentamos e que estava na hora de ir embora.

Quando chegamos ao estúdio, as outras já estão lá. Mas também parecem estar em voto de silêncio. Ninguém fala nada quando vê Mika e eu chegando e, diferente de todas as outras vezes, não nos encontramos aos gritos, risadas, abraços e beijos. Parece que estamos em um funeral. Será o funeral da Estrogenium?

— Meninas... — começo, mesmo não querendo —, ...eu sei que precisamos conversar e parece que todas temos coisas a confessar. — Encaro, Mika e agradeço mentalmente Henrique pela dica. — Mas antes disso acho que...

— Sabe, meninas... — Sissi diz, meio sem jeito —, eu amo vocês e são minha família, mas eu sou casada com o Eric agora e, talvez, às vezes tenha coisas que eu queira compartilhar por um tempo só com ele... — Ela respira fundo. — Não acho que isso deveria ser um problema pra banda.

— Eu não acho que sejam os segredos o nosso problema — Sue parece realmente brava. — Acho que o problema é que nos preocupamos demais com a opinião umas das outras e acabamos escondendo coisas por isso... — Ela olha para Be e depois para mim. — Se a gente se ama, se respeita e é uma família, vamos nos amar independente do que as outras façam, desde que isso não atrapalhe a banda.

— Mas e se atrapalhar? — Sissi pergunta. — Quer dizer, não atrapalhar, atrapalhar... mas às vezes acontecem coisas na vida da gente que a gente não está esperando e aí...

— Sissi, você está grávida? — Mika dá um pulo do sofá. — É isso! Eu achei mesmo que teus peitos andavam muito grandes aquele dia que pediu um sutiã emprestado pro show.

Sissi encara Mika e não diz nada. Todas se entreolham e a encaram de volta esperando uma resposta.

— Eu...

— Não acredito! — Be dá um pulo e abraça Sissi.

— Teremos um bebê! Um mascotinho pra banda! — Sue também levanta e abraça Sissi.

— Eu sabia! Caralho! — Mika dá risada e se junta ao abraço coletivo.

Eu continuo encarando minhas amigas, sem saber o que fazer. Conto a elas sobre Alexandre? Sissi já está preocupada com a gravidez e, a conhecendo bem, sei que deve estar neurótica com várias coisas. Não posso deixá-la preocupada com um futuro ex-relacionamento sem compromisso, sem envolvimento emocional e exclusivo do melhor amigo do seu marido — e provável padrinho da criança —, com uma de suas melhores amigas — e possibilidade de madrinha da criança.

— Sissi, você está feliz? — finalmente pergunto, ainda a vendo meio confusa no meio das meninas.

— Estou, Baby! — Ela finalmente parece sair do transe. — Muito feliz. Apavorada, e com medo de ser uma péssima mãe, e atrapalhar a banda e nosso futuro...

— A gente vai dar um jeito. — Junto-me ao abraço e Sissi então começa a contar pra gente desde o dia em que desconfiou, por que não nos contou e todos os planos e coisas doidas que ela já está pensando para o bebê.

Depois que terminamos de ouvir Sissi e nos acalmamos da euforia de ser nosso primeiro bebê, cada uma se joga novamente nos sofás e o silêncio impera.

— Vocês já se perguntaram se é realmente isso que vocês querem fazer para toda vida? — pergunto às meninas. Mais do que sabermos os segredos umas das outras, precisamos decidir nosso futuro. — Alguma de nós tem dúvida? Porque, se tiver, acho que o momento de falar é agora. — Nenhuma delas se manifesta. — Então, daremos um jeito, meninas. Com nossos bebês, casamentos, vidas e tudo mais que vier para frente. Só precisamos ter certeza de que queremos realmente isso profissionalmente, e não podemos brigar entre nós e deixar atingir a banda.

— Eu sei que fui impulsiva — Mika diz. — Mas, por mais que eu fale de cabeça quente e fique brava com que eu vejo — ela me encara de volta, mostrando que ainda está se sentindo traída por eu não ter contado a ela —, acho que a Sue tem toda razão. Nós somos uma família e nos amamos, e nada do que a outra faça, por mais que a gente fique brava, vai mudar isso.

— Eu também acho — Be diz. — Mas ainda não quero contar para vocês nada. Isso não significa que eu não confio em vocês ou estou com medo dos julgamentos — ela encara Sue, que parece furiosa. — Apenas significa que eu quero entender antes de dividir com minhas amigas.

— É claro que podemos ter nossas coisas individuais. — Não sei o que está acontecendo entre a Sue e a Be, mas seja lá o que for é uma ótima maneira de

evitar ter que falar do assunto “Alexandre” para Sissi. — Eu também não me sinto à vontade para falar, ainda. — Mika me encara com os olhos cheios de labaredas.

— Mas, afinal, o que está acontecendo, Baby? — Sissi pergunta, preocupada. — Você sempre tem tudo sob controle e resolve as coisas... Não estou entendendo.

— Eu me envolvi com uma pessoa que não deveria me envolver. Era pra ser só casual, mas acho que realmente gosto dele. Só que ele também não quer nada sério. Ao mesmo tempo, eu não posso ficar com ele, porque ele foi o primeiro cara dos cinco sexos casuais que me propôs a ter antes do cara definitivo e ele já reprovou em três questões do meu teste de compatibilidade de namorado...

— Quem é? — Sissi pergunta.

— Aquele seu teste é uma babaquice! — Mika explode.

— Quais foram as questões em que ele reprovou? — Sue é a única que sempre levou a sério meu teste.

— Você não quer ficar com o Alexandre porque ele foi o primeiro que você transou casualmente? — Be grita.

— O Alexandre, Alexandre? — Sissi pergunta, confusa.

— Não! — grito.

— Sim! — Mika, Sue e Be respondem ao mesmo tempo para Sissi.

— O Alexandre, amigo do Eric, que é como se fosse o irmão que eu nunca tive e padrinho do meu bebê? — Pronto. Agora, eu tenho certeza que ele será o padrinho.

— Quem vai ser a madrinha? — Mika pergunta.

— Esse Alexandre mesmo — Sue responde.

— E quando começou? Por que só eu não sabia? — Sissi está realmente chateada comigo.

— No seu casamento — respondo, me dando por vencida.

— No casamento? — Mika interrompe. — E, afinal, quem vai ser a madrinha?

— Por que não me contou? E eu não sei quem vai ser a madrinha! — Sissi grita.

Começamos a falar todas ao mesmo tempo, umas culpando as outras, brigando, discutindo e ninguém se entende. Mika fica furiosa quando pergunto se ela também não está escondendo nada e vai embora. Sue também vai embora, mas por algo que Be falou e não fui capaz de ouvir, e Be sai atrás dela. Ficamos Sissi e eu em silêncio.

— Eu sei que eu deveria ter te contado... — falamos ao mesmo tempo e rimos.

— Eu queria te proteger... — ela diz. — Se eu te contasse, você já ficaria mais ansiosa pensando no nosso cronograma, nos shows, nas mamadas... e depois... — Sissi suspira —, eu estou com muito medo de perder esse bebê. As mulheres da minha família têm dificuldade de engravidar. Minha mãe teve cinco abortos até eu nascer...

— Eu sinto muito, Sissi. — Sento-me ao seu lado. — Eu também queria te proteger. Fiquei com medo de que se as coisas não dessem certo, você se sentisse mal por ter que escolher um lado... e eu só queria transar com ele, mas agora estou tão confusa...

— Você devia conversar com ele. Alexandre é um cara que consegue sempre deixar tudo simples...



Quando me deito na cama, não consigo dormir. Sei que a banda ficará bem e que as meninas depois vão se acalmar e tudo se resolverá. Não é mais isso que me tira o sono. Desde que Sissi me falou como Alexandre deixava as coisas simples, fico pensando em como talvez eu esteja complicando tudo com minhas neuroses e superstições. Quem sabe não é exatamente do que eu precise: um pouco de simplicidade? Pego o celular, vejo a última mensagem dele, sugerindo que a gente conversasse.

“Não sei se é o momento certo. Estou confusa. Mas talvez você possa simplificar as coisas, Sissi disse que você é ótimo nisso. E sei outras coisas em que você também é.”

Não espero que ele responda. O dia foi longo, cansativo, feliz e triste. Uma montanha-russa de sentimentos e confusões. Mentalmente, faço os cinco movimentos das baquetas que sempre faço antes de dormir e fecho os olhos. Agora, eu só preciso de uma boa noite de sono.



Às vezes, acho que essa mulher foi feita para me tirar do sério. Não estou dizendo no sentido de trazer irritação, e sim no sentido de fazer com que tudo em que eu pense seja nela — e isso é um risco. A cada hora que passa, me sinto mais envolvido. Ela me puxa, depois me afasta, depois me puxa de novo e depois me afasta mais uma vez.

Respiro fundo e tento entender o sentido da mensagem que ela acabou de me mandar.

“Não sei se é o momento certo. Estou confusa. Mas talvez você possa simplificar as coisas, Sissi disse que você é ótimo nisso. E sei outras coisas em que você também é.”

O que ela quis dizer com “simplificar as coisas”? E quais são essas outras coisas em que eu também sou ótimo? Sexo?

Se eu queria que nosso relacionamento fosse apenas sexo sem compromisso, por que me sinto tão mal em saber que é apenas assim que ela me enxerga?

Em vez de responder de imediato, penso sobre todas as possíveis explicações de significado desta mensagem. Respiro fundo e começo a andar de um lado para o outro na sala.

Será que eu devo respeitar o momento dela, já que Baby disse que não está pronta? Mas para o que ela não está pronta? Para me ver, para conversar, para fazer sexo?

Ela disse que está confusa. Pelo visto, não gosta de ficar confusa sozinha e resolveu me arrastar para o seu abismo de dúvidas. Em vez de curtir meu resto de noite com um filme ou um livro, fico ponderando se devo ou não falar com Baby, estar com ela...

É então que faço o que deveria ter feito há um tempo: se ela não sabe o que quer, então sou eu quem vou tomar as rédeas da situação.

Em tempo recorde, troco de roupa, meto o primeiro sapato que encontro e saio de casa, deixando para trás todas as dúvidas e determinado a fazer com que ela aceite o fato de que eu estou aqui, que quero estar com ela e que não vou desistir tão facilmente.



O único problema de agir por impulso é acabar sem saber pra onde ir. Neste caso, literalmente.

Assim que eu saí do prédio, percebi que não fazia a menor ideia para onde estava indo. Apesar de saber onde Baby mora, não tenho certeza se ela está em casa e acho que, mesmo se eu perguntasse, ela não responderia. Se ela não estivesse em casa, onde será que ela poderia estar? Talvez na casa dos pais...

É então que me dei conta de que sabia muito pouco a seu respeito, pelo menos as coisas mais simples. Eu deveria saber seu sobrenome, sua cor favorita, o nome do seu cachorro de infância. Mas parece que todo meu conhecimento se limita à sua personalidade. Não que isso seja ruim, inclusive, acho recomendável. Por outro lado, é muito pouco.

Parte disso se deve àquela ideia inicial de não nos envolvermos, mas pra tudo tem um limite. Quero saber muito mais sobre ela. Se tiver que ser sincero, confesso que quero saber tudo sobre ela. A mulher é um enigma, mesmo que previsível em muitos sentidos.

Em vez de ficar poetizando no meio da rua, eu resolvi apelar para aqueles que pudessem me ajudar. Dez minutos depois, estava batendo à porta de Eric. Felizmente, ele atende completamente vestido e Sissi estava na cozinha, preparando algo para comer.

Eu poderia ter ligado, mas sei lá... De repente, Sissi pode me ajudar de alguma forma.

Expliquei aos dois a situação, não sem antes abraçar a loirinha e parabenizá-la pela novidade. Em seguida, contei tudo para eles. Eric já sabia da história, mas não era só da ajuda dele que estava precisando. Como minha nova irmã me ama muito, além de confirmar que Baby estava, de fato, em casa, também me deu a chave reserva que tem do apartamento da amiga. Mal pude acreditar quando ela me estendeu o objeto prateado.

Sissi me garantiu que Baby não abriria a porta para mim e que, apesar da sua vontade, nós temos muito a conversar.

Em troca, Eric me fez prometer que eu seria o responsável por, pelo menos, três desejos de grávida que ela viesse a ter ao longo da gravidez. Poderia até ter reclamado ou tentado barganhar, mas minha vontade de estar com Baby era tanta que aceitei de bom grado as exigências que me foram feitas.

Agora, sabendo para onde ir, dirijo em direção à casa da mulher que tem morado nos meus pensamentos nos últimos tempos. A maré verde de sinais de trânsito aparece como um sinal de boa sorte. Ou, pelo menos, é assim que opto

por enxergá-la. O aplicativo me diz quando virar à esquerda ou à direita e eu obedeco a cada uma das instruções. Apesar de saber onde ela mora, ainda sou novo na cidade e preciso de algumas instruções.

Quanto mais perto estou, mais rápido meu coração bate.

Eu não deveria estar me sentindo assim, mas é impossível evitar. Preciso enterrar meu rosto em seu pescoço e sentir seu cheiro. Preciso do calor do seu corpo contra o meu. Preciso ouvir sua voz. Preciso dela.

Mas, principalmente, preciso que ela me aceite e que entenda que, seja lá de qual forma for, quero fazer parte de sua vida.

— Você chegou ao seu destino — a mulher do aplicativo avisa.

Olho para o lado e vejo um prédio baixo, de apenas três andares. De acordo com Sissi, ela mora no segundo. Procuro uma vaga e — porra, se isso não é sorte... — encontro uma logo à frente.

Em menos de dois minutos, estou à porta de Baby. Em vez de tocar a campainha, apenas escuto, em busca de algum sinal de que ela esteja em casa. Por mais que Sissi tenha me garantido que Baby estaria aqui, o silêncio é tanto que não tenho muita certeza. Por outro lado, ela pode apenas estar dormindo ou então tomando banho.

Se eu colocar a chave na fechadura, estarei não apenas invadindo a privacidade dela, mas também não estarei dando o tempo que ela disse precisar. Por outro lado, estarei facilitando as coisas. Além do mais, não é como se eu fosse um louco... Pelo menos, eu acho que não.

Em vez de ficar aqui e problematizar minha decisão, abro a porta. Todas as luzes estão apagadas, com exceção de um abajur em uma mesinha de canto. Uma bateria ocupa a maior parte da sala, e o resto se resume a apenas um sofá, uma televisão e uma estante com alguns livros e DVDs. Sigo para o que parece ser um corredor, mas que leva a apenas duas portas: uma à minha esquerda e outra à direita. Ambas estão abertas. A da esquerda é um banheiro e a da direita é o que parece ser o quarto dela.

A luz fraca não me permite ver muita coisa, mas consigo distinguir sua forma deitada na cama, escondida embaixo de um cobertor. Baby dorme profundamente e me sinto mal por estar aqui, velando seu sono de uma forma tão... macabra.

Isso é errado. Mas, em vez de virar as costas e ir embora — que seria a coisa sensata a ser feita —, resolvo me juntar a ela. Entro em seu quarto e começo a tirar a roupa até que fico só de cueca. Pelado também seria demais.

Devagar, deito-me ao seu lado. Baby se mexe um pouco, mas não muda de posição. Ela continua de lado, suas costas para mim. Com medo de assustá-la, eu começo a falar baixinho:

— Baby, sou eu, Alexandre. — Eu a abraço por trás, ficando de conchinha com ela.

— Hmmmm... — ela murmura e chega mais para trás, aconchegando-se a mim. Eu abro um sorriso, feliz por ela não ter gritado de susto.

— Baby — chamo seu nome mais uma vez. — Sou eu, Alexandre... — Minha voz está um pouco mais alta. Acaricio seu braço, tentando acordá-la.

— Hmmmm... — Baby repete e se mexe mais um pouco.

— Linda, sou eu, o Alexandre. Eu vim pra gente conversar.

Sinto o momento em que ela acorda. Seu corpo retesa um pouco e sua respiração muda de ritmo. Porém, ela não faz qualquer menção de sair de onde está.

— O que você está fazendo aqui? — ela pergunta.

— Facilitando as coisas — respondo e dou um beijo em seu pescoço, fazendo com que ela estremeça um pouco, mas solte um risinho baixo.

— E como você vai fazer isso?

— Ficando ao seu lado, te dando suporte quando você precisar e te dando vários orgasmos para te ajudar a relaxar. Mas agora está na hora de dormir. Amanhã o dia será longo.

— Ah, é? Você tem alguma coisa programada?

— Tenho, sim. Amanhã, vamos passar o dia juntos. Eu quero te conhecer melhor, Baby, e acho que, quando você me conhecer melhor, vai entender que eu posso ser uma boa opção não só de pau, mas também de amigo. — Ela fica sem saber o que responder e eu tomo isso como um bom sinal. — Em dois dias, as aulas começam. Até lá, tenho como missão descobrir tudo que posso a seu respeito.

Baby continua calada, apenas absorvendo minhas palavras. Sei que ela deve estar louca para retrucar e não entendi por que ainda não o fez. Porém, ela se vira para mim e se aconchega no meu peito.

— Amanhã conversamos — é a única coisa que ela diz antes de voltar para o seu silêncio. Ela passa a perna sobre a minha e começa a acariciar meu peito lentamente. Alguns minutos depois, o sono já me tomou por completo.



A boca de Alexandre passeia lentamente pelo meu corpo, depositando beijos, lambidas e mordidinhas, enquanto com uma mão das mãos ele acaricia meu seio e os dedos da outra brincam com meu clitóris. De repente, ele me olha e diz:

— Baby, eu não sou o número cinco.

Dou um pulo da cama de susto.

— Que houve, linda? — Alexandre passa a mão em minhas costas e viro a cabeça para olhá-lo. — Achei até que era um sonho bom. Parecia que você estava excitada. — Ele deixa escapar um sorriso de canto de boca que eu juro que quer dizer “eu posso te ajudar a realizar o sonho”.

— Parecia bom. Mas aí virou pesadelo quando você disse que não era o número cinco. — Assim que termino de falar e vejo a cara espantada de Alexandre, me dou conta do que falei e preciso mudar o assunto. — Como você entrou aqui? — Eu sei a resposta. Sissi deve ter dado a chave para ele, já que ele não é louco, ou pelo menos eu espero que não seja, para arrombar a minha porta.

— Como assim, eu não sou o número cinco?

Eu não quero explicar isso. Quando pensei que ele pudesse simplificar as coisas, como Sissi falou, ele devia perceber que talvez eu estivesse me envolvendo demais e se afastar, e não vir dormir — e só dormir — abraçado em mim. Isso não é exatamente simplificar as coisas. Afinal, em um relacionamento casual, sem emoções, sem compromisso, as pessoas não só dormem abraçados. Fora que ele deixou bem claro que pode ser algo mais do que só meu amigo de foda, mas a clareza limita qualquer coisa que temos à amizade e, pelo que me parece, meus sentimentos por Alexandre não são exatamente só amizade.

— Baby...

— Eu acho que a gente podia... — me debruço sobre ele devagar — ... aproveitar essa manhã de uma forma diferente... — beijo seu pescoço. — Bem mais interessante... — sussurro em seu ouvido.

— E eu acho que você está tentando me distrair pra não me responder — Alexandre fala sério, me afastando de cima dele e se sentando na cama. Sento-me também.

— Eu realmente não sei o que dizer. Acho que preciso de um café antes.

Levanto da cama e Alexandre faz o mesmo. Caminho até a cozinha e ele me

segue, puxando um banco e sentando junto ao balcão. Alexandre está só de cueca, uma boxer preta que faz com que fique um pouco mais difícil concentrar na intenção de passar um café, bebê-lo e conversar.

Tento entrar em modo automático: ligo a cafeteira, pego um pacote de pão de sanduíche no armário, coloco em cima da mesa, junto com frios e manteiga que tiro da geladeira. Vejo os pratos, talheres e acessórios que precisamos para tomar café. Alexandre observa toda minha movimentação sem falar uma palavra. Quando termino, me sento na cadeira em sua frente.

— Café? — ofereço. Ele apenas aceita com a cabeça.

Faço um sanduíche para mim, ele faz um para ele e comemos em silêncio. Terminamos de comer e o silêncio continua. Alexandre levanta. Recolhe a louça, lava e guarda as coisas de cima da mesa em seus lugares, fazendo exatamente os movimentos contrários aos que fiz quando chegamos ali. Quando ele termina, me estende a mão.

— Agora podemos conversar? — Seguro a mão dele e me levanto. Ele me conduz até o sofá e nos sentamos. — Quer que eu comece ou você?

— Como você entrou aqui? — pergunto.

— Sissi me deu a chave reserva. — Ele sorri. — Prometi realizar três desejos de grávida dela para o Eric em troca desse favor. Minha vez — ele diz. — O que significa eu não ser o número cinco?

— Bobagem. Esquece isso.

— Não me pareceu bobagem o jeito que você pulou da cama assustada por eu não ser o número cinco. Você pode conversar comigo, Baby. — Ele passa as mãos nos cabelos, dando um claro sinal de que está incomodado com a situação. — Sei que não sou uma das suas amigas, mas, pelas conversas, vejo que você também não tem conversado muito com elas.

— Alexandre, é bobagem. Na verdade, é uma neurose. Gosto do número cinco e planejo as coisas na minha cabeça. Eu tenho toda a minha vida planejada, com ideias, metas e objetivos e, desde que comecei a namorar, sempre imaginei que meu quinto relacionamento seria o definitivo.

— E eu não sou o quinto namorado, é isso? — Alexandre arregala os olhos.

— Não. Quer dizer, não sei... — Se parar pra pensar, Alexandre poderia ser o quinto, levando em conta que meu quarto namorado foi o Roger. Mas ele deveria ser apenas o primeiro cara do sexo casual. — Nós não somos namorados — completo.

— Eu achei que você não queria namorar. — Agora ele realmente parece confuso.

— E eu não queria.

— Agora quer?

— Não. Quer dizer, não sei. Ai, Alexandre, era pra você simplificar as coisas e parece que você está me deixando mais confusa. — Levanto do sofá e começo a caminhar. — Quando terminei com Roger, meu quarto namorado, resolvi que teria um ano só de sexo casual, para aí então conhecer o quinto namorado. Você foi o primeiro sexo casual, só que veio com aquele papo de exclusividade, o que dificultou a minha vida e acabou que não saí com mais ninguém. — Caminho de um lado para o outro na frente de Alexandre, que posso jurar que está se divertindo com minha explicação louca.

— E o Breno, o Estevão? Eles não podem contar como sexo casual também?

— Mas eles são você.

— Será, Baby? Ninguém é só uma coisa na vida. Talvez eles sejam parte de mim... Mas o que eu não entendo é o seguinte: você não queria compromissos...

— Porque eu queria só sexo casual. E você bagunçou tudo. E não está simplificando as coisas. Eu achei que você se afastaria, já que não quer emoções. Mas aí você veio para cá para dormir, e só dormir abraçado, e diz que tem planos de me conhecer melhor e que pode ser meu amigo além de me comer.

— E você não quer que eu seja seu amigo? — Alexandre ainda parece confuso, e cada vez mais parece que as coisas que eu falo são mais sem sentido.

— Não, Alexandre. Não quero ser sua amiga. — Eu quero ser mais, mas não sei como arrumar toda essa bagunça.

— Baby, o que você quer?

— Não sei. Eu queria manter o meu plano original, mas você bagunçou tudo e eu não sei como pode fazer sentido sexo casual, sem compromisso com exclusividade e, talvez, eu tenha sentimentos e emoções que estão fora do nosso acordo.

Alexandre se levanta do sofá e caminha em minha direção. Ele me segura pela cintura, fazendo com que eu pare de caminhar de um lado pro outro e me concentre nele.

— Eu também tenho planos, e eles são te conhecer melhor nesses dois dias que ainda faltam para começar as aulas. Não sei o que fazer para simplificar as coisas, Baby. Mas eu também tenho sentimentos que não estavam no acordo e não vejo mal nenhum nisso. — Alexandre abaixa ligeiramente a cabeça e me beija. — Podemos seguir meus planos hoje e tentar arrumar essa bagunça nos seus? — Concorde com a cabeça.

O que eu tenho a perder?



Eu tenho quarenta e oito horas. São dois dias que investirei exclusivamente em fazer com que Baby se sinta confortável em estar comigo, independentemente do rótulo que usaremos para definir o que acontece entre nós. Estamos os dois confusos, sem saber como pensar, agir e sentir — e está na hora dessa incerteza acabar. O rumo que as coisas irão tomar ainda é indefinido, mas ficar assim, sem saber o que fazer, é torturante.

— Eu quero mais um café — digo, quebrando um pouco do silêncio que tinha tomado conta do momento. — Na verdade, preciso de três xícaras de café de manhã para me sentir completamente acordado — explico, dando a deixa para que ela também comece a compartilhar coisas comigo, mesmo que pequenas.

— Caramba! Eu nunca fui muito de tomar café preto. Uma xícara já é suficiente pra mim — ela diz e eu me seguro para não abrir um sorriso, feliz por ela ter entrado no jogo.

— Enquanto muita gente começa a fumar maconha na faculdade, eu comecei a tomar litros e mais litros de café para me manter acordado — confesso e Baby solta uma risada genuína.

Aproveito que estamos assim, um de frente para o outro, e dou um selinho em sua boca. Mesmo sendo pega desprevenida, Baby não reage negativamente. Também não dou tempo para que ela faça qualquer outra coisa. Vou até a cozinha e pego um refil do café.

— Quer alguma coisa? — pergunto, mas tenho o silêncio como resposta. Viro-me de costas e vejo que Baby me encara de cima a baixo.

Olho na mesma direção que ela e me dou conta de que ainda estou usando apenas minha cueca. Ela não fica muito atrás no quesito vestimenta, apenas usando uma camiseta e calcinha.

É uma cena tão íntima, mas ao mesmo tempo muito intimidadora. Desisto de pegar o meu café e vou até ela. Puxo-a pela cintura e faço com que seu corpo se choque contra o meu.

— O que te incomoda? — pergunto, sem meias palavras. Eu fiz uma promessa para mim mesmo que só sairia daqui quando as coisas estivessem bem. Para que elas cheguem a esse ponto, preciso entender mais sobre como ela se sente em relação a isso tudo.

— Isso tudo é tão... — Hesita.

— Íntimo — completo, repetindo, agora em voz alta, a sensação que acabei de ter.

— Exato. — Ela coloca a testa no meu ombro, como se quisesse se esconder para poder pensar no que dizer. Eu afago suas costas e beijo o topo de sua cabeça, na tentativa de deixar com que se sinta confortável a ponto de se explicar um pouco para mim. — Eu estou confusa — ela confessa.

— Então, para de pensar um pouco sobre o assunto. — Ela ergue a cabeça para me encarar, como se não tivesse entendido o que acabei de dizer. — É isso mesmo... Para de pensar. Vamos assistir a um filme, talvez dar um passeio. Eu me mudei há pouco tempo, ainda preciso conhecer mais da cidade.

Ela parece relaxar depois disso e eu penso em todas as formas de fazer com que ela relaxe. Por que será que sexo é a única coisa que me vem à mente agora?



Eu jamais poderia pensar que as pessoas seriam capazes de gourmetizar tudo. Inclusive churros. Parece surreal, mas é o que acabei de descobrir.

Antes de começar a comer, pego o celular, abro o bloco de notas e começo a escrever sobre exatamente isso: a forma com que tudo pode se tornar um produto de alto valor, contanto que vendido da forma certa.

— O que você está fazendo? — Baby pergunta.

— Eu tive uma ideia legal para usar em sala de aula. Só estou anotando rapidinho antes que eu esqueça — explico e, em seguida, recoloco o celular no bolso.

— Eu ouvi workaholic? — brinca e dá um gole no refrigerante à sua frente.

— Nem um pouco, juro. É só que, com esse emprego novo aparecendo, estou tentando montar um projeto legal para apresentar aos alunos do Ensino Médio. Não quero nada muito teórico. É chato e desmotiva. Por isso que, sempre que posso, anoto as ideias que me aparecem. — Dou de ombros.

— Nossa, que menino dedicado.

— Às vezes. — Dou uma piscadinha para ela. — Mas me conta: o que te levou a tocar bateria e não, sei lá, violão?

— Minha mãe — ela diz, me pegando de surpresa. Quando vê a pergunta no meu rosto, começa a explicar antes que eu tenha que perguntar como isso é possível. — Eu estava em uma fase rebelde. Ela me enchia o saco para fazer algo de produtivo. Ela tentou de tudo: desenho, pintura em tecido, cursos de

línguas... A última tentativa foi música. — Baby abre um sorriso quando chega a essa parte e balança a cabeça negativamente. — O professor deveria me ensinar a cantar ou tocar piano, que são as coisas mais bonitinhas para as meninas. — Revira os olhos e eu rio de sua expressão. — Na sala de espera, tinha uma bateria. Um dia, eu sentei ali e fiquei olhando para aquilo tudo. Não entendia como funcionava ou como uma pessoa conseguiria tocar algo com tantas partes. Só sendo um polvo.

— Eu sempre pensei isso — afirmo.

— Pois é... Mas então eu comecei a tocar. De início, não fazia muito sentido, mas depois o som foi ganhando ritmo e eu comecei a entender um pouco mais — ela continua narrando. — Todos os dias, eu chegava um pouco mais cedo na aula, só para poder usar a bateria. Foi quando o professor viu o que eu estava fazendo e me ofereceu para ter uma aula com o instrumento. Eu aceitei na hora, mas pedi para ele não contar nada para a minha mãe.

O modo como ela conta deixa claro que lembra com carinho daquele tempo. Ela gesticula e, a cada palavra, fala mais rápido, mais empolgada. Eu só escuto, cada vez mais hipnotizado pela mulher linda à minha frente.

Os churros chegam à mesa, interrompendo nossa conversa. Olho para os churros, sentindo-me traído. Nunca pensei que comeria um com recheio de creme de framboesa, cobertura de chocolate meio amargo, com morangos frescos e alguns M&M's. Já na primeira mordida — que tem que ser feita usando garfo e faca —, eu descubro a real causa do aquecimento global, porque isso só pode ser o apocalipse.

— Bom, né? — Baby pergunta assim que eu termino de mastigar.

— Eu não sei como me pronunciar.

— É bom demais! — ela diz, devorando o seu, que é de beijinho com paçoca, a combinação mais nada a ver de todas.

Eu opto por não responder e deixo o prato (prato!) de lado.

— Quando você descobriu este lugar? — tento mudar um pouco de assunto.

— Eu e as meninas sempre procuramos lugares diferentes para comermos depois dos shows — Baby começa a explicar. — Por incrível que pareça, aqui funciona até duas horas da manhã.

— Você sempre vem aqui?

— Isso é uma cantada? — brinca, olhando para mim com uma sobrancelha erguida.

Eu solto uma risada. Impossível não se encantar por Baby quando ela está relaxada e de bom humor. Seus olhos verdes brilham com malícia e noto que suas bochechas ganham um tom rosado, o que me leva a concluir que ela deve estar com algo bem sujo em mente.

Então, decido seguir com a brincadeira.

— É, sim — afirmo, pegando-a de surpresa. — Otávio, muito prazer.

Ao ouvir outro nome, ela arregala os olhos. Baby sabe muito bem o que isso significa.

— Ana...

Ignoro o churro e me levanto, tomando o lugar na cadeira ao seu lado.

Baby me olha, curiosa, tentando entender aonde quero chegar.

— Muito prazer, Ana.

— O prazer é meu. Me diz, Otávio, o que você faz da vida?

— Sou crítico gastronômico. Uma amiga recomendou o lugar e eu resolvi vir aqui para ver se o que ela disse é verdade ou não.

— E é? Você está gostando do churros? — ela pergunta.

— Odiando — sou sincero —, mas a companhia é excelente.

A churreria — acredite ou não, este é o nome do local — está bastante movimentada. São várias pessoas entrando, saindo e se deliciando com a nojeira que servem aqui. Pouco importa, prefiro o que vou provar daqui a pouco.

— Não gosta de doce?

— Adoro, mas isso é muito enjoativo. Prefiro gostos mais... singulares. — Neste momento, minha mão vai para sua perna, escondida debaixo da toalha de mesa. Estamos no fundo do restaurante e, para melhorar, escolhemos uma mesa de canto. Agradeço, então, pelos pequenos milagres da vida.

Ana arfa com o contato e vejo pelo sobe e desce de seus seios que a sensação fez com que sua respiração se acelerasse.

— Me conta, Ana... O que você faz da vida?

— Eu sou médica — ela diz e, como recompensa por estar participando tão bem desse jogo, subo um pouco a mão.

— Confesso que sempre sonhei em transar com uma enfermeira bem safada — comento baixinho, apenas um sussurro. — Você já olhou para um paciente com segundas intenções, doutora? — pergunto, meu tom debochado.

— Só uma vez — Ana revela e, novamente, subo mais a mão, agora entrando por baixo da saia curta.

— E o que você queria fazer com ele?

— Eu... eu não sei... — A resposta dela faz com que eu afaste a mão. Ana arregala os olhos, como se tivesse acabado de perceber como essa brincadeira funciona. — Na verdade, eu pensei que ele pudesse me deixar examiná-lo inteirinho. Sabe, Otávio, ele era muito bonito. Bem parecido com você, inclusive.

Ela se solta e participa melhor do nosso jogo. Então, eu permito que minha mão suba ainda mais por sua perna até sentir o calor de sua virilha. Deixo-a ali,

para que ela saiba exatamente o que pretendo fazer depois que ela responder à próxima pergunta.

— Você tem algum homem em sua vida, Ana?

Baby me encara. Dessa vez, não posso fingir ser qualquer outra mulher que não a que insiste em dominar meus pensamentos. Em um incentivo, deixo meus dedos tocarem levemente por cima de sua calcinha. Ela estremece, mas não tira seus olhos de mim. Estamos nos desafiando, mas preciso que ela ceda, que ela deixe claro para mim que há uma chance de sermos mais do que apenas casuais.

Faço um pouco de pressão com o dedo, depois, subo e desço com ele. É o suficiente para arrancar uma resposta dela:

— Ainda não, mas acho que não vou conseguir me manter longe dele por muito tempo — ela confessa e eu me seguro para não soltar o ar em alívio.

Em vez disso, não digo uma palavra sequer, apenas faço aquilo que nós dois queremos e deixo meus dedos afastarem sua calcinha. Ela afasta um pouco as pernas, me dando mais acesso a Lady Bu. Quando meu dedo passa por sua fenda, posso sentir o quão excitada ela está. No mesmo instante, Lord Dickson se contrai, deixando claro que está louco para sair e brincar com ela.

Ana olha para os lados, tentando ver se tem alguém prestando atenção em nós. Mas isso não me importa. Tudo que penso agora é nela e em fazê-la gozar na minha mão. Subo e desço com o dedo, espalhando sua excitação. Depois, circulo seu clitóris, fazendo com que Ana estremeça com o toque. Meu olhar está fixo no dela, e o dela no meu.

Por baixo da mesa, escondido sob toalha de linho branco, eu a masturbo com calma, deixando-a cada vez mais molhada. Penetro-a com um dedo. Entro e saio algumas vezes. Quando vejo seus olhos revirarem, sei que está perto. Concentro meu toque em seu clitóris, estimulando-o cada vez com mais vontade.

— Diz meu nome, Ana... — peço, meus movimentos incansáveis.

Ela respira com dificuldade e se controla para não começar a se mexer junto comigo.

— O... Otávio... — ela sussurra, seus olhos implorando por alívio, um alívio que só eu posso trazer.

Quando eu belisco seu clitóris e depois o circulo com vontade, Ana arregala os olhos e morde o lábio inferior. Enquanto isso, meus dedos ficam mais molhados. Continuo com o estímulo, mas agora mais fraco, bem suave, só para prolongar seu prazer por um pouco mais de tempo.

De forma inesperada, ela me beija e já não sei mais se é Ana ou Baby quem toma a iniciativa. Na verdade, pouco importa.

O beijo é desesperado, como se estivesse precisando falar muitas coisas, mas não soubesse as palavras certas para usar. Eu retribuo com a mesma intensidade,

minha mão ainda em Lady Bu.

Assim que nos afastamos um pouco, levo meus dedos à boca e chupo seu prazer.

— Muito melhor do que essa merda de churros.



Tenho vontade de falar muitas coisas nesse momento para Alexandre. Sentimentos e pensamentos que passam em meu coração e minha cabeça, em alta velocidade, ora levantando toda a poeira da estrada, ora deixando tudo calmo. Mas não posso falar. Preciso pensar, entender, racionalizar tudo que ele parece significar. Então o beijo. Não é mais Ana e Otávio. É Baby e Alexandre.

Dane-se se ele foi meu primeiro sexo casual. Foda-se se ele reprova em uma ou todas as questões do meu teste de compatibilidade de namorados. A única coisa que consigo pensar nesse momento é que quero ficar em uma bolha, isolada do mundo, dos problemas da banda, de toda a humanidade e de qualquer coisa que não seja ele e eu.

Eu pedi para ele simplificar as coisas e, do jeito dele, que nunca seria o meu — eu teria me afastado com uma mensagem como a minha —, ele simplificou. Foi lá para casa dormir abraçado — só dormir, devo repetir —, e agiu com naturalidade e intimidade. Me fez contar mais da minha vida, assim como me contou mais da dele. Acabei relaxando, me divertindo e nem vi o tempo passar. Ainda veio com as brincadeiras sexuais dele que eu adoro.

O problema é que se eu falar tudo isso para ele, Alexandre pode entender errado, porque nem eu sei o que realmente estou sentindo. Por mais que eu só pense em ficar para sempre com Alexandre em uma bolha, eu penso em todos os planos, na organização de todas as coisas, em como pode ser um grande erro me precipitar... Ele deveria ser apenas o primeiro cara do sexo casual, mesmo com várias personalidades? Ou será que cada uma dessas personalidades eu posso contar como mais um sexo casual? Mas o primeiro foi o Alexandre, então, realmente não teria como ele ser o último... Por outro lado, o que realmente deveria importar não é como eu me sinto quando estou com ele?

Quando Alexandre está por perto, eu me sinto a Baby que eu realmente gostaria de ser — leve, tranquila, eu mesma e ainda com todas as minhas manias e neuroses, mesmo que questionando-as. Ao mesmo tempo que me sinto segura ao lado dele, me sinto totalmente livre. Parece contraditório. Mas li em algum livro, um dia desses, que o amor tem que ser livre. Eu só não sei se o que realmente sinto por Alexandre é amor.

— Baby, você está bem? — Alexandre passa a mão em meu rosto. o que me

faz voltar à realidade.

— Estou. Desculpa... — Penso no que dizer, mas nada parece fazer sentido. — Me perdi em pensamentos.

— Que pensamentos, posso saber? — Ele arregala a sobrancelha direita com malícia e é incrível como um simples gesto pode deixar alguém tão sexy.

— Não eram exatamente esses que passaram pela sua cabeça — levo minha mão até sua coxa e aperto próximo da virilha de forma carinhosa —, mas eram sobre você.

— Sobre mim ou sobre nós? — ele pergunta.

— Sobre você, quer dizer, sobre nós... — Existe um nós? Uma possibilidade de existir um nós? — Eram só pensamentos bobos.

— Você não quer falar sobre isso? — Abaixo meu rosto e ele o levanta, fazendo com que nossos olhos se encontrem. — Nós podemos conversar, Baby. Quero saber o que você pensa, o que está te incomodando... — Alexandre passa a mão no meu rosto, afastando uma mecha de cabelo dos meus olhos e o simples gesto me dá vontade de falar, mas me controlo.

— Talvez eu goste de você. Não apenas pelo se... — O garçom se aproxima da mesa e interrompo a minha fala.

— Eu gosto de você também, linda. E não é por você embarcar nas minhas fantasias, apenas. — Alexandre leva os dedos que antes estavam em Lady Bu até o nariz e inspira fundo. — Mas preciso confessar que, nesse quesito, você é a melhor parceira que eu tive na vida. — Ele aproxima o rosto do meu, beija minha bochecha e continua sussurrando no meu ouvido. — E eu não quero te perder.

— Mas você não queria nenhum tipo de relacionamento — digo confusa.

— Você também não, Baby. Só que as coisas mudam, não? — ele pergunta e não espera uma resposta. — Para mim mudaram, e para você?

— Mudaram... Mas elas não deveriam. Tínhamos um acordo e o descumprimos. Agora está toda essa confusão na minha cabeça e eu não sei o que fazer.

— Então, apenas não pense e deixe as coisas acontecerem naturalmente. — Alexandre me beija, da mesma forma que nos beijamos quando ele confessou, e eu também, que nunca havia amado alguém de verdade.

Meu coração dispara de uma forma que já conheço. Tento controlar meus pensamentos e sentimentos. Penso em arranjos de bateria para tentar me acalmar. A sensação começa a ganhar força dentro de mim. Preciso controlar, mas tudo que vem à minha mente me gera mais ansiedade. E se for ele realmente? E se não for ele? Me afasto bruscamente de Alexandre.

— Não dá. Eu não posso fazer isso... — digo, me levantando da cadeira. —

Desculpa.

Viro as costas e saio correndo. Ainda escuto Alexandre chamando pelo meu nome. Eu preciso sair daqui.



O celular vibra desesperadamente na mesinha de cabeceira. As batidas na porta são insistentes e escuto as vozes de Sissi, Mika, Sue, Be, Alexandre e até de minha vó. Eu sabia que viriam todos para cá, assim que Alexandre contasse a Sissi ou Eric o que houve. Então, por garantia, coloquei a tranca extra. Assim ninguém entraria.

Levanto-me da cama como se um caminhão tivesse passado por cima de mim. Não sei por quanto tempo dormi. Assim que cheguei em casa, tomei um dos comprimidos receitados pelo médico para as minhas crises de ansiedade e apaguei. Não quero ver as mensagens, as chamadas ou qualquer coisa. Apenas saio da cama, me dirijo até a porta e abro uma fresta e digo, sem aparecer para a plateia.

— Só a vovó.

Minha vó entra e fecha a porta atrás dela, me abraça carinhosamente e me leva pela mão até minha cama. Acomoda-se sentada no colchão, com as costas apoiadas na cabeceira e faz um gesto para que eu me deite em seu colo. Ela afaga meus cabelos e ficamos em total silêncio por um bom tempo.

— Quem te ligou? — pergunto, quando me sinto com coragem para falar.

— Foi a Mika. — Ela ri. — Daquele jeito engraçado de sempre. Me disse que você tinha surtado, sumido e não atendia nenhuma delas e nem seu namorado. Que era uma missão para super vovó Helga. — Ela dá uma risadinha safada. — Bem gatinho esse, Maribel.

— Ele não é meu namorado, mas eu também acho ele bem gatinho... — confesso e dou risada.

— Mas ele está lá fora muito preocupado com você para ser apenas um “peguete”, como vocês dizem hoje. — Sei que ela não está deixando escapar sem querer que ele está lá fora e preocupado. Quem não conhece minha avó, pode jurar que ela é uma senhorinha inocente, mas quem a conhece como eu, sabe que ela sempre tem segundas intenções.

Fico calada. Sei o que virá a seguir.

— O que aconteceu, Maribel? Fazia muito tempo que você não tinha uma crise de ansiedade assim. Acho que a última foi quando tinha 13 anos...

— As coisas fugiram do meu planejamento e eu não sei como resolver.

— Não me venha com aquela bobagem de número cinco de novo, Maribel. —

Ela realmente está brava comigo. — A vida não é assim, minha filha! Lembra? Já te contei. Eu planejei ficar casada com seu avô a vida inteira, mas Deus o tirou de mim eu não tinha nem quarenta e cinco anos. Eu poderia ter passado o resto da vida sozinha, porque, já que o planejado era ficar com ele e ele morreu, esse seria o caminho. Mas mudei meus planos e escolhi viver. E olha como estou feliz!

— Eu sei, vovó. Mas essa “bobagem” de número cinco — reviro os olhos, não sei porque as pessoas não entendem — foi o que me manteve longe das crises de ansiedade todos esses anos... Agora, Alexandre bagunçou tudo e eu não sei como resolver ou consertar. Não quero voltar a ter crises de ansiedade todas as vezes que a vida me surpreender.

— Eu sei, minha filha. Eu sei. Mas você já pensou em tentar não planejar e organizar tudo? Pelo menos, na sua vida pessoal?

— Pode ser, vovó. Pode ser... — Penso no que ela falou. — Você pode pedir para ele ir embora? Eu não posso resolver isso agora, de qualquer forma.

— Mas você jura para mim, Maribel, que depois vai conversar com o rapaz?

— Juro, vovó. — “Só não prometo que será ainda nessa vida”, penso. Não digo mais nada. Preciso que vovó deixe essa conversa de lado para que eu possa pensar.



Já ouvi muitas histórias sobre términos de relacionamento, mas nunca ninguém me contou que levou um pé na bunda através da avó da outra pessoa.

Vovó Helga, como ela insistiu que eu a chamasse, veio até o corredor depois de uns quinze minutos lá dentro para dizer que todos deveríamos ir embora e que ela cuidaria de Maribel.

Maribel... Quem diria que Baby teria um nome assim, que não combina em nada com ela? Eu sei que já ouvi, e falei, seu nome antes. Mesmo assim, sempre me surpreendo com ele.

Nossos amigos se afastaram, mas a pequena senhora segurou meu braço e pediu que eu esperasse um pouquinho mais, alegando que tinha assuntos para conversar comigo. Eu, claro, fiquei pra trás e deixei que todas as meninas voltassem aos seus dias.

A única coisa que eu não esperava era que Vovó Helga — tão magrinha e de cabelos grisalhos — viesse a ser uma senhora muito da atacada. No instante em que ficamos sozinhos, ela colocou as mãos nas cadeiras e disse que eu tinha muito sobre o que pensar, que homem nenhum faria com que sua preciosa netinha chorasse. Eu, claro, fiquei sem saber se me defendia ou se abaixava a cabeça para dizer “sim, senhora”. Porém, antes que eu pudesse fazer qualquer coisa, ela continuou seu discurso:

— Por outro lado, se você gosta realmente dela, dê o tempo que ela precisa para entender tudo que está sentindo. No momento, essa é a maior prova de que seus sentimentos são verdadeiros — disse, piscou o olho para mim e voltou para dentro do apartamento, deixando-me ali, sozinho, confuso e sem saber o que fazer.

Fico dividido entre montar acampamento no corredor até que Baby saia de lá de dentro e resolva falar comigo ou então ir para a casa e, muito possivelmente, passar o resto do dia bebendo que nem um desgraçado e pensando nas milhares de formas que poderíamos ter resolvido nossos problemas de forma mais sensata do que apenas virar as costas e ir embora.

Eu tinha planejado dois dias com ela e não consegui usufruir nem metade do que intencionei. Agora, me resta também pensar... Porque, por mais que eu esteja completamente envolvido com Baby e louco para que tudo entre nós se

acerte, estou começando a pensar que ela realmente não está tão a fim de mim assim — e isso pode vir a ser um problema.

Até agora, todos os meus relacionamentos foram bastante descomplicados e, quando chegava a hora do fim, era fácil dizer adeus. Não sei se o mesmo acontecerá com Baby.

Todos os momentos que vivemos desde o dia em que nos vimos pela primeira vez passam pela minha cabeça como se fossem flashes. Por incrível que pareça, não apenas as muitas transas diferentes... O modo como ela me olha — com aqueles grandes olhos verdes expressivos — e como sorri para mim — como se compartilhássemos um segredo só nosso — faz com que tudo se torne um milhão de vezes mais difícil.

Não quero dizer adeus.

Não posso dizer adeus.

Não vou dizer adeus.

Ela só tem que pensar da mesma forma que eu.

Se o que eu preciso é esperar por ela, então é isso que farei.

Eu quero Baby. Quero muito. Mas não sou homem de implorar nada para ninguém. Uma coisa é dar o tempo necessário para ela resolver o que quer que esteja acontecendo em sua cabeça; outra coisa é me fazer de capacho. Isso não.

Levanto-me do chão e desço as escadas. Tenho uma vida para viver enquanto ela pensa se eu valho ou não seu tempo.

Excelente forma de terminar o fim de semana.



A maneira mais rápida de ficar boa de uma crise de ansiedade ou qualquer doença é ter minha vó na minha casa. São quinze minutos de silêncio para cinco de conversa, depois alguns mimos como chocolate quente com coco, cafuné e bolinhos de chuva — mesmo que não esteja chovendo —, e ela entra em ação.

Vovó Helga se transforma em uma governanta alemã dos filmes antigos e começa a organizar a minha casa. Como ainda estou na cama, ela coloca abaixo todo o meu guarda-roupa, analisa uma por uma as peças, cheira, observa meticulosamente cada pedaço do tecido para ver se não há furos, sujeiras ou manchas. Se passar pelo seu teste de qualidade, ela dobra e guarda novamente. Caso contrário, são duas pilhas no chão: doação ou máquina de lavar.

Foi complicado no início da adolescência convencê-la de que não deveria costurar meus jeans novos que já vinham até rasgados da loja — segundo ela, um descaso total com o cliente. Hoje ela sabe, mas ainda assim, implica com cada peça de roupa rasgada ou estilizada. Já expliquei que a maioria dessas roupas são as que usamos no palco, mas ela diz que ficaríamos ainda mais brilhantes se usássemos vestidos estilo anos sessenta para nos apresentarmos. Nem adianta discutir.

Vovó arruma todo o guarda-roupa, coloca a máquina de lavar para funcionar e volta para o quarto para se dedicar a arrumar minha cômoda e as mesinhas de cabeceira. Tudo isso sem falar uma palavra, e eu apenas analisando seus movimentos. Quando o quarto está do jeito que ela quer, segue adiante, mantendo o mesmo ritual em todas as peças da casa, até estar tudo no seu devido lugar. Sei que enquanto está nesse processo, arrumando tudo meticulosamente, ela está pensando em algumas ideias para me ajudar.

Vovó Helga adquiriu essa mania depois que vovô faleceu, ela mesma me contou, na época em que minhas crises de ansiedade começaram. Foi a forma que ela conseguiu de espantar sua tristeza e se organizar para seguir em frente. Foi dessa mania da vovó de organizar a casa que eu tive a ideia de organizar a minha vida. Talvez por isso que ela fique tão chateada e preocupada comigo, quando algo acontece: porque sabe que foi a sua mania que me inspirou.

Depois que organiza toda a casa, vovó volta para o quarto, calmamente e com um sorriso no rosto.

— Já sabe o que vai fazer, Maribel? — Eu sei que preciso responder agora ou corro o risco de ouvir ordens pela próxima década e vovó se metendo em todas as minhas decisões.

— Sei sim, vovó. — Sorrio. — A primeira coisa é resolver as coisas com as meninas. Nós não podemos deixar nossas vidas pessoais atrapalharem a banda. — Me sinto culpada pelo show do Neo de hoje precisar ser cancelado. — Nenhuma de nós.

— Concordo, minha filha. — Vovó nem precisa falar. Sei que não vai se contentar só com isso.

— Depois, vou ajustar todas as minhas tarefas em minha agenda e reservar um tempo para cuidar mais de mim. — Ela abre um sorriso. — Eu estou sempre tão envolvida com tudo e determinada a seguir os planos, que esqueci dos improvisos.

Quando eu era pequena e algo não acontecia como eu imaginava, como toda criança, eu ficava muito chateada. Vovó, sempre que suas paçocas não me animavam e resolviam o problema, me falava que a graça de tudo era o imprevisto e, depois de descobrir o motivo da minha chateação, transformava aquilo em algo divertido e engraçado.

— E não tem mais nada que você precise resolver, Maribel? — Ela ainda não está satisfeita.

— Eu vou, vovó. — Reviro os olhos. — Só não sei ainda como resolverei. Preciso de mais um tempo para entender o que sinto pelo Alexandre e o que quero realmente fazer.

— Minha filha, você ainda não sabe o que sente por ele? Já viu como seus olhos verdes ficam mais claros quando fala o nome dele? — Dona Helga, fã de romances de época, pisca para mim. — E ele também, Maribel. Ele também...

— Vovó, você mal falou com ele. Como pode saber? Alexandre é bastante sedutor, quando quer.

— Eu conheço um rapaz apaixonado a quilômetros de distância, minha filha. O jeito que ele estava nervoso, que ouviu o meu discurso sem piscar, responder ou negar e como ficou confuso com meu conselho.

— Que conselho, vó? — interrompo-a. O que vovó aprontou dessa vez?

— Nada demais, Maribel. Só disse a ele que se os sentimentos dele por ti eram verdadeiros, que te desse o tempo necessário para entender o que você sentia.

Talvez, sem saber, vovó Helga tenha me ajudado a afastar Alexandre e a resolver a minha vida. Ficar bem mais fácil de me desapegar se ele não ficar mandando mensagens e insistindo em me ver. Assim, posso manter o meu plano. Número cinco, aí vou eu.



Um dia e meio com vovó Helga dentro da minha casa me engordou pelo menos dois quilos. Depois de todos os quitutes que ela poderia ter feito — e todos eles com muito açúcar, chocolate e carboidrato —, vovó ainda deixou minha geladeira abastecida de congelados, as roupas todas lavadas, passadas e guardadas e a casa reluz de tão limpa. Não reconheço meu apartamento. Mas o silêncio que fica depois da sua partida também me dá um alívio e, finalmente, meu cérebro volta a pensar.

Pego minha agenda e começo organizando a semana que teremos pela frente, os shows, os ensaios, as gravações. Organizo as tarefas do casamento de Mika que precisam ser feitas. Depois de tudo organizado, vejo o tempo sobrando na agenda. Deixo-o livre — e me sinto bem com isso. Preparo algumas aulas para a ONG e resolvo me sentar na bateria. Tenho duas horas, antes do horário do silêncio.

O interfone toca desesperadamente e me desconcentro da melodia. Quando atendo, já sei quem fiz merda.

— Até que enfim, dona Maribel. — É a síndica do prédio, com voz de deboche, bem furiosa. — Faz quarenta e cinco minutos que estou chamando. — Olho para o relógio do micro-ondas e vejo que são dez e cinquenta e cinco.

— Perdão, dona Beatriz. Realmente, não vi a hora passar. Prometo que não se repetirá mais — falo com a voz mansa, doce, humilde, tentando fazer com que a mulher tenha alguma compaixão de mim e não me multe.

— A senhora já havia sido avisada. Infelizmente, terei que multá-la.

Antes que eu possa argumentar, ela desliga o interfone e só escuto o tum tum tum do aparelho. Fico atônita alguns segundos. Pela mulher e sua grosseria, e também pela hora que o relógio mostra. Resolvo me deitar, antes que tome outra multa. Mas, antes disso, mando para as meninas uma mensagem.

“Reunião segunda, às duas horas, no estúdio. Precisamos resolver as coisas. Amo vocês.”

Todas respondem com carinhas, polegares e corações. Apenas Sissi que não.

“Falou com o Alexandre? Ele está bastante preocupado.”

Não respondo. Não pretendo mais falar com ele. Vovó Helga facilitou bastante as coisas para mim.



Quando as pessoas falam em primeiro dia de aulas, pensam logo nos alunos. Só que os professores também sofrem com esse dia. A gente também fica nervoso — nos dois sentidos: ficamos nervosos porque enfrentaremos o desconhecido e também porque, puta que pariu, as férias acabaram.

A escola está completamente diferente se comparada ao dia que vim aqui pela primeira vez. O silêncio foi substituído pelo falatório alto e descontrolado, daqueles que não conseguimos distinguir muita coisa, apenas uma palavra aqui, outra ali. Os corredores vazios estão lotados de crianças e adolescentes indo e vindo, muito mais animados do que eu.

Lembro-me de onde fica a sala dos professores e rumo para lá. De repente, as pessoas ali não estarão tão felizes quanto essas daqui. Meu mau humor, que tem escalado desde ontem, me impede de aproveitar esse momento como deveria. Em vez de ser o professor tranquilo que sempre fui, hoje, pelo visto, serei daqueles considerados carrascos. Ponto para mim.

A plaquinha de identificação na porta me diz que estou no lugar certo. Abro-a sem bater e vou para dentro da sala espaçosa onde os professores se reúnem. Assim que entro, vejo uma grande mesa redonda, com muitas cadeiras já ocupadas. Todos os rostos desconhecidos... Eles passam e me olham com curiosidade.

— Bom dia, bom dia. — Também dou um aceno com a mão e fecho a porta atrás de mim. Alguns me saúdam de volta, outros apenas me analisam.

— Bom dia. — Um senhor robusto se coloca ao meu lado e dá um tapinha no meu ombro. — Sou o Cássio, professor de Matemática — ele se apresenta e algo no modo animado como ele fala me faz pensar que o homem é sempre assim, daqueles que constantemente sorriem.

— Alexandre, prazer. Sou o novo professor de Geografia.

Um coro de “graças a Deus”, “finalmente” e “nem posso acreditar” segue a minha apresentação e me deixa sem saber como agir em seguida.

— Fica tranquilo que não tem nada a ver com você — uma mulher morena, na casa dos quarenta anos, diz. Em seguida, ela também abre um sorriso e vem na minha direção. — Sou a Ana, professora de História — explica.

— Nada mesmo. É só que ninguém aguentava mais a insuportável da Jandira

e, se você está aqui, isso quer dizer que ela não faz mais parte do corpo docente da escola — dessa vez é um homem que diz. Ele aparenta ter mais ou menos a minha idade, mas seu cabelo escuro já está recheado de fios brancos.

— Como você sabe que ela não está mais aqui? Duvido que eu seja o único professor de Geografia da escola — comento, mas tento manter meu tom ameno. Não estou a fim de criar inimizades logo no meu primeiro dia.

— Não, você não é o único. Mas esta é a sala de professores do Ensino Médio, e eu sou o outro professor de Geografia — ele explica. — Murilo, muito prazer, cara.

Estende a mão para mim e eu a aperto.

Todos acabam se apresentando também e, claro, eu quase imediatamente esqueço os muitos nomes que escuto. Murilo faz questão de me mostrar onde deixo minhas coisas, além da sala de impressão, que fica logo ao lado.

Os professores em geral parecem pessoas bem bacanas, apesar de eu ainda não ter conhecido a equipe inteira. Vejo também a grade de horários pregada no enorme quadro de cortiça na parede à esquerda e vejo que tenho alguns tempos livres hoje. Na verdade, todos os dias. Apesar de esta ser uma escola bem grande, com quatro turmas por série, o horário ainda tem uma certa flexibilidade. Fico contente ao reparar que apenas dois dias da semana eu dou aula nos dois primeiros tempos. Mas hoje não é um deles.

A sala esvazia quando o primeiro sinal toca, deixando-me apenas com mais duas professoras e Murilo, que, coincidentemente, também não dá aula agora.

Por mais que a conversa esteja boa e as pessoas sejam bem menos arrogantes do que imaginei, minha mente não consegue se desviar de Baby por muito tempo. Meus dedos coçam para digitar uma mensagem para ela. Quero saber como ela está, se está sentindo a minha falta da mesma forma como sinto a dela. Mas não farei nada por enquanto.

Os professores conversam animadamente sobre as férias e eu finjo escutar. Só que tudo que eu consigo pensar é no modo súbito que nos separamos naquele maldito restaurante de churros.

Baby parecia estar confusa. Até aí, eu já sabia. Mas, do nada, ela começou a mudar de expressão e eu vi suas incertezas virarem medo bem na frente dos meus olhos.

Pelo visto, essa ideia de relacionamento casual não vai dar certo pra gente. Só ainda não tenho certeza se o que ela quer é o mesmo que eu quero. Com ela, seria fácil ter um relacionamento nos moldes tradicionais e cheios de rótulos. Eles nunca significaram nada para mim. Ao meu ver, ações falam mais do que palavras ou um status nas redes sociais.

Eu sei que preciso falar com ela, mas também não sei se está na hora...

Quer saber? Foda-se.

Pego o celular e abro o aplicativo de mensagens.

“Você está bem?”

Minha pergunta é simples e direta, sem sentimentalismos. Só quero que ela saiba que eu estou aqui.



Quando saio da última aula do dia, já passam das quatro da tarde e eu estou completamente exausto. Estava desacostumado a ter que trabalhar o dia inteiro. Férias são ótimas, mas demora até recobrar o pique do dia-a-dia.

Entro na sala dos professores e vejo duas mulheres sentadas à mesa. Com nenhuma delas eu havia esbarrado anteriormente. Por mais que tenha passado o dia inteiro na escola, o entra e sai é grande e acabamos tendo pouco tempo para socializar com todo mundo. Principalmente no primeiro dia, que parece ser mais corrido do que os outros.

— Olá — digo e dou um aceno.

As duas olham para mim com curiosidade, provavelmente se perguntando quem eu sou e o que eu estou fazendo aqui.

— Oi, eu sou a Ana e essa aqui é a Priscila — uma delas explica. — Somos do departamento de Língua Portuguesa.

Pelo que eu vi da grade curricular, os alunos daqui não têm só aula de Gramática, mas também várias horas semanais de Produção Textual e Literatura, o que é um dos diferenciais da escola.

Enquanto somos apenas eu e Murilo os professores de Geografia, outras matérias como Língua Portuguesa têm mais de seis professores.

— O prazer é meu. Sou Alexandre, o novo professor de Geografia.

— Ah, então era por isso que Murilo era só sorrisos mais cedo. Pelo visto, vai ter algum apoio nos projetos daqui pra frente — a outra comenta e se levanta da cadeira, fazendo com que minha atenção se volte inteiramente para ela.

Priscila é — por falta de um adjetivo melhor — linda e eu fico por um minuto apenas observando-a ir de um lado para o outro da sala, juntando alguns papéis em uma pasta qualquer.

— O que você está achando da escola, Alexandre? — ela pergunta e vira a cabeça para mim, mostrando um sorriso genuíno.

— Diferente do que eu estou acostumado, confesso.

— Em que sentido?

— Quase todos. — Dou uma risada sem graça e passo uma mão pelos cabelos. Ela riem do meu comentário e parecem empáticas à minha situação.

Coloco minhas coisas sobre a mesa e me sento de frente para Ana. Começamos os três a conversar. As duas já são professoras da casa há quatro anos, por isso estão mais do que acostumadas com tudo que essa escola tem de diferente.

O que mais diverge dos lugares em que eu trabalhei no passado é o fato de ela ser obrigatoriamente no horário integral. Além de atividades extracurriculares — como oficinas, línguas e esportes —, os alunos também têm uma carga horária maior, devido às subdivisões entre matérias, o que faz com que ganhem conhecimentos mais específicos.

A próxima meia hora se passa comigo conversando com as duas professoras, que são extremamente simpáticas e sabem animar até um defunto. Em algum momento da conversa, Murilo se junta a nós. Outros professores, que entram e saem da sala a todo tempo, também contribuem com opiniões, histórias e experiências. Porém, há uma coisa que todos eles concordam: esta é, sem qualquer dúvida, a melhor escola da capital.

Nós quatro saímos da sala e vamos em direção ao carrinho elétrico que nos espera.

— Está na hora de comemorar — diz Murilo, esfregando uma mão na outra em um gesto conspiratório.

— O que temos pra comemorar? — é Priscila quem pergunta, olhando para ele com curiosidade. Ela parece ter lido minha mente.

Por mais que a conversa tenha levado embora um pouco do meu desespero — cuja causa é muito mais profunda do que apenas questões escolares —, não estou tão empolgado assim.

— Ué, Alexandre sobreviveu ao seu primeiro dia! E, pelo que ouvi nos corredores, os alunos parecem ter gostado bastante dele.

Ouvir esse elogio inesperado fez com que um enorme peso saia das minhas costas. Estava realmente ansioso e preocupado com isso. Com o meu bom humor esquecido no corredor do prédio de Baby, fiquei com medo de ter sido odiado logo de cara.

Murilo vê meu alívio evidente e dá dois tapinhas no meu ombro.

— Tá vendo... Precisamos comemorar. Que tal uma cerveja?

As duas mulheres topam na hora e sugerem o bar de sempre, que não faço a menor ideia de qual seja. Mas, claro, eu digo que sim.

Realmente, estou precisando de uma cerveja bem gelada. Enquanto descemos, aproveito para mandar mais uma mensagem para Baby. Ela ignorou a que eu mandei antes, mas algo em mim diz que eu preciso tentar mais uma vez.

“O primeiro dia na escola foi surpreendentemente bom. Agora, estou saindo para comemorar com uns colegas de trabalho. Quer me encontrar depois para conversarmos?”

Fico olhando para o aparelho por alguns minutos, mas não obtenho qualquer sinal de resposta.

— Alexandre! — Priscila chama, fazendo com que eu desvie minha atenção.

— Tá tudo bem? — ela pergunta, olhando de mim para o celular.

— Claro. Só mandando uma mensagem aqui. — Coloco o aparelho no bolso da calça e volto a prestar atenção nas pessoas ao meu lado, fazendo de tudo para deixar os pensamentos em Baby de lado.

Eu quero muito ficar com ela, mas também preciso que ela queira ficar comigo. Senão, vai ser muito difícil.



Ao contrário da maioria das pessoas, eu adoro segundas-feiras. Sempre acho que é uma possibilidade de começar tudo de novo. Acordo hoje, cheia de energia, para começar a semana, resolver o que precisa ser resolvido, organizar minha vida e, principalmente, minha cabeça.

A primeira mensagem que vejo é de Alexandre, perguntando se estou bem. Ignoro-a. Acredito realmente que a melhor coisa é nos afastarmos. Sei que não será fácil — e era exatamente isso que eu queria evitar — em função da Sissi e Eric, mas depois de um tempo tenho certeza de que seremos amigos e nos trataremos de forma normal. Por enquanto, melhor evitar para não cair em tentação. Porque, sem dúvida nenhuma, Alexandre é uma grande tentação, em todos os sentidos. Só de pensar nele, minhas células parecem se ouriçar à memória do seu toque. Melhor não pensar.

Como já passa das onze da manhã, mando uma mensagem no grupo da banda, perguntando para as meninas se topam um almoço e todas concordam. Comemoro em silêncio, porque parte do meu plano de ajeitar as coisas profissionalmente já está em andamento. Depois do almoço, teremos algumas horas de gravação e ensaio e, então, pretendo sair com as meninas para um happy hour. Meus planos de hoje se concentram, unicamente, em resolver os problemas da banda. Não dá para pensar em Alexandre, não existe espaço para isso. Mas parece que preciso fazer um sacrifício incrível para conseguir tirá-lo dos meus pensamentos.

Depois de uma xícara de café e um bom banho, abro o guarda-roupa à procura de algo pra vestir e então me lembro que a missão será um pouco mais complicada, já que vovó Helga passou pelo meu apartamento. Passo uns quinze minutos analisando a arrumação e tentando achar a lógica dessa vez. Quando consigo encontrar as roupas que quero usar, entendo a arrumação de vovó: por tipo de peças e cores. Algo simples, básico. Então, me lembro de Sissi me dizendo para conversar com Alexandre que ele tem o dom de simplificar tudo. Só que não foi o que ele fez com a gente.

Mais uma vez, tento afastar Alexandre dos meus pensamentos. O dia hoje é da banda. É nisso que preciso me concentrar. Pego a bolsa, o celular, chaves, confiro se fechei as janelas e saio para encontrar minhas amigas.

Quando chego ao restaurante, Sissi e Mika estão sentadas, conversando. Ao me avistarem, Mika se levanta e vem na minha direção.

— A gente estava preocupada. Você está melhor? — Ela me abraça forte.

— Estou sim. Não tem como não melhorar com a vovó por perto. — Dou risada.

— Eu que liguei para ela — Mika diz enquanto nos aproximamos da mesa em que Sissi está. — Disse que era um trabalho pra super vovó. — Ela ri.

— Oi — Sissi diz, com a cabeça baixa. — Desculpa, Baby. Não imaginei que as coisas poderiam ficar complicadas para você quando dei a chave reserva para Alexandre.

— Ei, está tudo bem — digo sorrindo, porque realmente está. — Não foi por causa da chave que surtei.

— Tem certeza? — Ela então me olha.

— Absoluta, Sissi. Pode ficar tranquila.

— E como vocês estão? — Agora Sissi parece empolgada. — Já conversaram? — Os olhos dela brilham como se estivesse acompanhando um dos filmes de romance de que ela gosta.

— Não conversamos ainda. Mas resolvi que o melhor é nos afastarmos para não complicar ainda mais as coisas — falo, convicta.

— Mas... — Sissi é interrompida pela chegada de Be e Sue.

— Bah, tchê! — Sue se aproxima de nós, chamando a atenção de todo o restaurante com seu jeito de falar gaúcho e sotaque nordestino. — Adorei essa ideia de almoço. Quanto tempo a gente não fazia isso! — Ela abraça todas nós e Be segue o mesmo ritual.

— Meninas, antes de a gente começar a almoçar, eu queria dizer uma coisa — Mika interrompe as conversas paralelas e todas prestamos atenção. — Eu queria pedir desculpas. Julguei todas vocês por esconderem coisas e eu também estava escondendo... — Ela parece estar realmente envergonhada.

— O que houve? — Sue pergunta.

— Você também está grávida? — Sissi parece animada com a possibilidade.

— Não me diz que desistiu do casamento? — pergunto, rindo. Porque, depois do tanto de trabalho que está me dando, mato essa garota se desistir.

— Não é nada disso. — Ela cai na gargalhada. — Eu ainda vou casar e não pretendo ter filhos, pelo menos, não agora. Quer dizer, nem sei se um dia, mas disso Henrique ainda está tentando me convencer. — Ela se lembra de algo e dá um sorriso apaixonado que faz seus olhos brilharem. — Sabem como é, ele pode ser bastante persuasivo quando quer...

— A gente sabe bem — Be responde. — Levanta a mão quem não aguentava mais ouvir Mika transando pelo Skype durante a turnê. — Be é a primeira a

levantar o braço e todas seguimos o mesmo gesto, rindo.

— Numa próxima turnê, podemos dormir em hotéis, agora que estamos ficando com um pouco mais de grana. Assim evitamos os gemidos da Mika — Sue brinca.

— Vocês vão me deixar falar ou ficarão só com inveja da minha vida sexual bem ativa? — Mika ri. — É sério, meninas. Henrique recebeu um convite para trabalhar num projeto no exterior. Serão seis meses.

— Que maravilha, Mika! — Sou a primeira a comemorar.

— Mas como ficará a banda? Eu penso em ir com ele, talvez não todo o tempo, mas por algum tempo, só que...

— Mika — interrompo a sua fala —, a gente tem um bebê safado e indecente — todas riem com a menção dos apelidos carinhosos que Sissi e Eric usam — vindo aí e daremos um jeito. Também vamos dar um jeito sobre isso.

— Isso mesmo. A gente vai dar jeito de resolver as coisas sempre — Be diz. — Mesmo que sejam coisas mais complicadas que viagens e bebês, né, Sue?

Sue apenas concorda com um sorriso para Be. Algo entre elas tem acontecido, mas nenhuma das duas se sente à vontade ainda para nos contar, então mudo o foco do assunto, antes que Mika e Sissi também percebam.

— Eu também quero pedir desculpas pelo meu comportamento. Todas vocês já sabem o que eu estava escondendo e acho que entenderam os meus porquês. Mas quero deixar claro que minha história com Alexandre acabou e que minha prioridade sempre vai ser a gente e nossa banda.

Ouçó as meninas falando sobre eu não precisar terminar com Alexandre, sobre como a gente ficaria bem juntos e mais todas aquelas coisas românticas e bobas que amigas dizem umas para as outras nesses casos. Escuto. Mas continuo tentando não pensar em Alexandre e manter a minha decisão.



Depois de um almoço divertido com minhas amigas e uma tarde super produtiva de gravações com a banda, as meninas topam minha ideia de um happy hour. Eu sei que é segunda-feira e que não seria exatamente o dia que todos elegem como ideal para beber, mas hoje precisamos comemorar. Afinal, depois de uma série de crises, hoje foi nosso primeiro dia em total harmonia, como antes, e algumas cervejas são mais que bem vindas.

Mal sentamos no bar escolhido e vejo meu celular vibrar. Outra mensagem de Alexandre. Ignoro novamente e desligo o celular. Estou com todas as minhas amigas aqui, não é mais hora de contatos profissionais e vovó, minha mãe e meu pai já sabem que estou bem. Então, não preciso do aparelho ligado, me

lembrando que Alexandre ainda existe.

A conversa rola solta. Falamos bobagens, bebemos algumas cervejas — menos Sissi, que agora só toma suco de laranja para concentrar bastante vitamina C para o bebê — e relaxamos de toda a tensão dos últimos dias.

— Gúrias — Sue chama a atenção de todas —, vocês se importam se a Sol vier nos encontrar aqui? Ela está passando uns dias lá em casa e...

— Claro que não — Sissi é a primeira a responder. — Eric comentou que ela estava hospedada com vocês. Nem sabia que vocês tinham ficado tão amigas...

— Nós ficamos — Be responde. — Adoro a Sol.

— Pode chamá-la, sem problema — respondo.

— Baby... — Mika, que está sentada à minha frente, sussurra meu nome de uma forma estranha, apertando meu braço.

— Que foi? Você não gosta da Sol? — Não entendo sua reação.

— O Alexandre...

— O que tem, Mika? — Começo a ficar assustada com o jeito que ela olha para trás de mim.

— Ele está aqui — Sissi, que está sentada ao lado de Mika, completa.

— Puta que pariu!

Antes que eu possa pensar ou fazer qualquer coisa, sinto a mão de Alexandre em meu ombro.

— Oi, meninas. Que coincidência. — Ele se abaixa e me dá um beijo na bochecha. — Você está bem? — Sacudo a cabeça afirmativamente, sem encará-lo. Ele percebe minha reação fria. — Bom, vou me sentar com meus colegas de trabalho, afinal, temos que comemorar o primeiro dia de aula.

Ele dá a volta na mesa, cumprimentando todas as meninas com um beijo na bochecha e, quando chega em Sissi, ele me encara sem nenhum tipo de expressão que me indique algo. Alexandre se afasta e juro que estou louca para levantar e ver em que mesa ele está sentado, mas me controlo. Disfarço, tomando mais alguns goles da minha cerveja, então me levanto para ir ao banheiro.

Alexandre está sentado duas mesas atrás de onde estamos. De um lado, está ele e uma mulher linda, com peitos enormes, loira, cabelos bem compridos e lisos. Pelos dez segundos que observo a interação entre eles, ela toca a todo instante no braço dele, sorrindo e dando sinais evidentes de que está a fim. Ele parece bem à vontade e também interessado na peituda. Do outro lado da mesa, há um casal. Ou seja, é um encontro duplo.

Sigo para o banheiro. Alexandre até que foi bem rápido em seguir adiante. Mas não era exatamente isso que eu queria? Afinal, por que me incomoda vê-lo interagindo com outra mulher se não temos um relacionamento? Algo me

aborreço profundamente em vê-lo acompanhado. Mais do que deveria. Uma ideia passa pela minha cabeça e, antes de poder pensar, processar, racionalizar e planejar o meu próximo passo, saio do banheiro decidida a agir impulsivamente.

Caminho em direção à mesa de Alexandre, que nem percebe a minha aproximação. Tento não pensar no que estou prestes a fazer, o que não combina nada comigo, mas me parece que, ultimamente, nada do que faço tem muito sentido. Então, quando chego ao seu lado, me atiro em seu colo e, sem dar a chance de ele entender o que está acontecendo, o beijo. Não é um beijo qualquer, é um beijo que diz “você é meu”. Mesmo que eu não entenda exatamente por que estou fazendo isso, quando afasto nossos lábios, ele sorri e as meninas da banda assobiam e batem palmas como se fosse um final de show. Enfio minha cabeça no pescoço dele, sorrindo, envergonhada e, ao mesmo tempo, sem ter a menor ideia do que realmente estou fazendo.



Essa mulher deve ter como objetivo de vida me enlouquecer. É a única possibilidade que consigo enxergar no meio disso tudo. Por qual outro motivo ela estaria se comportando dessa forma?

Baby fugiu de mim, me ignorou durante dois dias, agiu de forma indiferente quando falei com ela há pouco e agora, do nada, me beija como se fôssemos o casal de namorados mais apaixonado do universo.

Nem presto atenção no que está acontecendo, no que os outros estão achando.

— Com licença — digo e me levanto, trazendo Baby junto comigo.

Sinto os olhares sobre nós, mas não quero perder tempo com eles. Eu tenho que entender. Esse negócio de viver no limbo não é pra mim. Muito menos esse jogo de quente e frio que ela está jogando comigo.

Quer me tirar do sério, basta me usar — e algo me diz que é exatamente isso que Baby está fazendo comigo. Eu só preciso entender o porquê.

Vou em direção à saída, preciso de ar. Baby está ao meu lado e já chamou meu nome duas vezes, mas ainda não tive condições de responder. Ao mesmo tempo que eu quero beijar essa mulher até eu não conseguir mais respirar, quero também dar alguns tapas em sua bunda por ser tão obtusa.

Do lado de fora do bar, o ar fresco me atinge e era disso que eu estava precisando. Esfrego meu rosto com ambas as mãos, completamente frustrado e sem saber como começar a expor tudo que está fervilhando dentro de mim. Não consigo parar de andar de um lado para o outro, nervoso, irritado, e tudo que eu quero é que ela tenha a mesma certeza que eu quando o assunto é nós.

Só que está cada vez mais claro que não é o que se passa no momento.

— Por que você não me respondeu? — É a primeira coisa que pergunto. Não sei muito bem por onde começar e talvez esse seja um bom ponto de partida. Afinal, é menos polêmico do que “por que você me beijou?”.

Sei que ela está me observando com cautela, como se soubesse que estou a ponto de explodir.

— Porque eu precisava pensar... — repete aquilo que eu já sabia.

Só faço que sim com a cabeça.

— Vai continuar com essa mesma desculpa? Porque, sinceramente, já não acredito nela — confesso, mesmo sabendo que deveria manter minha boca

fechada.

— Não é desculpa, Alexandre, é só que...

— Tudo bem, Baby — interrompo o que será o mesmo discurso que já ouvi antes. — Você tem todo direito de estar confusa, de não saber o que fazer. Sei que a banda está complicada, que você acabou de sair de um relacionamento, que tem a sua lista de namorados perfeitos e o número cinco no meio. Sei de tudo isso.

Eu me aproximo dela e mantenho meus olhos fixos nos seus. Enquanto os meus devem estar demonstrando o quão cansado estou, os dela deixam claro que Baby está triste. Não é só confusão que tem ali. São muitos outros sentimentos que, juntos, se resumem a uma coisa: ela não está feliz.

Emolduro seu rosto com as mãos e fico a centímetros de distância. Preciso que ela escute cada palavra que irei falar a seguir.

— Eu gosto muito de você. Muito mesmo. Posso dizer com tranquilidade que estou apaixonado. — O modo como ela me olha, completamente em choque, me faz ter certeza de que este pensamento nem sequer se passou por sua cabeça. Respiro fundo, cada vez mais sem esperança, e continuo: — Não poder falar com você e ter que me manter afastado está me matando. Estou sendo sincero quando digo que entendo muito bem todas as suas dúvidas. Mas preciso que você entenda uma coisa: eu não sou um moleque que pode ser tratado como descartável, Maribel. Nem por você eu permitirei isso.

Vejo seus olhos se arregalarem com minhas palavras. Sua respiração acelera e, assim como eu imaginava, ela se afasta.

— Não estou fazendo isso, Alexandre.

— Pode não ser sua intenção, mas é, sim, o que tem acontecido. Por isso, estou aqui. Você nunca mais vai me ignorar em um momento e me beijar no outro. — Minha voz é baixa, séria, visivelmente irritada.

— Eu acho que você está exagerando... Sério, não é isso que...

— Que seja! Mas não vou ficar mais nesse chove-não-molha. Eu tentei o simples e descomplicado, mas não deu certo. Hoje, estou disposto a qualquer tipo de relacionamento, contanto que eu possa ficar com você. Mas não vou me humilhar, nem implorar por sua atenção. Não vou mais te procurar, Baby. Você tem uma semana para decidir se me quer ou não na sua vida. Mas uma coisa você pode ter certeza: não sou homem de voltar atrás na minha palavra. Uma semana — afirmo.

Puxo-a novamente para perto e, antes que ela possa protestar, colo nossas bocas em um beijo cheio de significado e desespero.

Será que ela não enxerga que isso é certo? Será que ela não sente seu corpo inteiro se acender com um mísero toque? Será que nada do que eu tenho a

oferecer é suficiente para ela?

Beijo-a com força, devoro sua boca e permito que minhas mãos passem por seu corpo, fazendo com que ele se grude cada vez mais ao meu. Não importa que estamos no meio da rua. Esta é minha última chance de fazer com que essa mulher aceite estar comigo — e é exatamente isso que farei.

Minha ereção é clara e ela sente o quanto isso tudo tem me afetado. Baby arranha minhas costas, demonstrando tanto desespero quanto eu. Antes que eu consiga pensar em qualquer outra coisa, arrasto-a para o beco ao lado do bar, sem dizer qualquer palavra, e a pressiono contra a parede. Preciso dela.

Talvez esta seja nossa última vez — e se for este o caso, ela terá motivos suficientes para se lembrar de mim.

Imprenso-a contra a parede e mordo seu lábio inferior, arrancando dela aquele gemido que sempre me enlouquece. Desço beijos por seu pescoço enquanto permito que minha mão estimule seu seio. O mamilo está erigido e Baby se mexe com meu toque, pedindo silenciosamente por mais.

Uma perna minha se coloca entre as dela e eu posso sentir seu calor. Nós nos esfregamos sem pudor, loucos pelo prazer intenso que desperta sempre que estamos juntos.

— Diz que você também me quer, Baby — peço, encarando seus olhos verdes nitidamente nublados por essa sede que temos um pelo outro.

Ela não responde, apenas enfia a mão por dentro da minha blusa, subindo por meu abdômen e fica na ponta dos pés. Em seguida, mostra com um beijo que eu não sou o único que precisa disso. Mas não é o beijo de sempre, aquele cheio de paixão e necessidade. É um beijo suave, com medo, hesitante...

— Eu sempre te quero — ela confessa, ainda com a boca colada à minha.

Mesmo ela não dizendo, eu escuto um “mas” em seu tom de voz.

Mas só por agora.

Mas não para estar com você.

Mas sem compromisso.

Mas isso não quer dizer que estou te prometendo mais do que apenas sexo.

São todos esses “mas” que me fazem dar um passo para trás e ver que isso está muito errado. É um balde de água fria.

Sinto sua ausência no mesmo instante, porém o modo como ela me olha faz com que eu tenha certeza de que nada disso está certo. É como se ela pedisse para que eu fosse embora.

Sou tomado pelo desespero. Pela consciência de que nada será como antes. De que não existe mais Baby e Alexandre.

— Se você sempre me quer, então fica comigo! — É quase um grito. O ultimato que faz com que eu me odeie por estar dando. — Uma semana,

Maribel. Uma semana para você colocar tudo na balança e decidir sua vida. Depois dessa semana, eu juro que não estarei mais aqui.

Viro as costas e sigo meu caminho. Dane-se que tem gente me esperando lá dentro. Preciso ficar sozinho.



Uma semana. Esse foi o prazo que Alexandre meu deu para me decidir e hoje acaba esse prazo. Não sei o que ele realmente achou que eu faria, mas eu não fiz nada. Nem farei.

Foi uma semana intensa, agitada: últimos dias de gravação, últimos preparativos para o casamento da Mika — já que faltam apenas vinte dias — e ainda tivemos três shows na semana. Achei que Alexandre iria a algum deles com o Eric ou com a Sol, mas não.

Não foi fácil não mandar uma mensagem para ele ou pensar no que me disse, principalmente sobre o fato de estar apaixonado por mim. Mas não pode ser verdade. Se fosse, ele não teria me pressionado desse jeito. Só que se eu mandasse alguma mensagem, estaria agindo no impulso novamente, por carência e não estaria sendo sincera comigo mesma, porque eu realmente não sei o que sinto por ele.

Alexandre é um cara legal. Extremamente sério em alguns momentos e totalmente engraçado em outros, ao mesmo tempo em que consegue ser bastante sexy com aquela carinha de professor insaciável. Eu gosto de tudo nele, do jeito mais sério e racional que ele tem, de como realmente as coisas parecem simples ao lado dele, das nossas conversas e do sexo. Nunca me imaginei curtindo tanto fantasiar e criar historinhas como ele gosta. Só de pensar em sexo com Alexandre, eu, literalmente, sinto meu corpo inteiro reagindo.

Mas Alexandre nunca passaria no meu teste de compatibilidade de namorados. Fora que ele também foi meu primeiro sexo casual, o que o impede completamente de ser o último cara da minha vida. Meus planos ainda estão de pé, mesmo que eu não esteja saindo ou pensando em sair com qualquer outro cara. Pelo menos, não por enquanto. O que também não faz o menor sentido em minha cabeça, porque já que não temos mais o nosso não relacionamento, sem compromisso, sem emoções e sem outras pessoas, eu deveria estar procurando outros caras, mas não. Toda vez que penso nisso, penso em Alexandre e perco a vontade, porque eu queria realmente estar com ele. Queria, mas não posso. Arruinar meus planos e toda a minha sanidade mental, nesse momento, não é viável.

Aquele dia, no bar, ficou bem claro para mim que ele realmente agrada as

mulheres, pelo jeito que a loira peituda sorria e se insinuava para ele. Eu tive ciúmes, sim. Agi no impulso e olha o que deu. Acabei magoando Alexandre, mesmo sem querer. Só que eu nunca o usei. Isso não passou pela minha cabeça em momento nenhum. Eu realmente estava confusa e ver aquela mulher se atirando em cima dele me deixou completamente fora de mim, coisa bem incomum para Maribel, e, sem pensar, me atirei em cima dele, protagonizando, provavelmente, a cena mais ridícula de ciúmes que uma mulher já fez na vida.

O maior problema de Alexandre é esse: ele me faz perder o controle sobre mim, meus planos e minha vida — e, definitivamente, eu gosto muito de ter o controle de tudo.

— Você já pensou que pode estar fazendo uma grande besteira? — Mika me pergunta quando sai do provador com o quinquagésimo sexto vestido de casamento que experimenta.

— Por quê? — pergunto, sem entender do que ela está falando.

— Baby, olha pra mim! — Ela dá um grito eufórico. — Estou vestida de noiva, vou me casar. Você imaginava que um dia isso pudesse acontecer? — Ela ri, enquanto alisa o vestido em sua barriga e vira de lado para observar como está sua bunda no modelito.

— Desde que Henrique entrou em sua vida, eu acho que passei a imaginar, sim, você casada com ele. — Penso um pouco. — Antes, com certeza não. — Dou uma risada.

— Então, Baby — ela para de se olhar no espelho e me encara —, eu nunca me imaginei nem namorando alguém e, de repente, estou aqui, usando um vestido de noiva e pensando no meu casamento. — Mika encara o espelho novamente. — Acho que é esse. — Vira para mim e sorri. — Você deveria falar com Alexandre. É óbvio que ele gosta de você e você, dele. Porque a vida não é exatamente como planejamos. Se fosse, com certeza não estaríamos aqui hoje. — Ela ri.

— Por que você acha que eu realmente gosto dele?

Mika caminha em minha direção, me dá a mão e me arrasta até o espelho. Nos posiciona em frente ao vidro e me segura pela cintura.

— Olha, Baby. Essa sou eu, prestes a me casar. — Ela aponta para o seu reflexo. — E essa, com a cara triste e abatida, é você, pronta para deixar um cara super bacana ir embora porque está com medo.

— Eu não estou com medo — respondo, indignada. — Eu só tenho planos e quero mantê-los. Eles sempre deram certo.

— Porque você manipula a vida para seus planos darem certo. — Mika solta a minha cintura e vira de frente para mim. — Quando você terminou com o Roger, por mais que a decisão fosse sua e estivesse realmente de saco cheio de ele ser

um pouco acomodado, você gostava dele. Só terminou porque ele era o quarto cara e, na sua cabeça, estava na hora de seguir com o plano em frente. — Tento interrompê-la, mas Mika faz sinal de silêncio com a mão. — Aí você criou a regra dos cinco casuais. Mas já pensou que, se não fosse essa regra, Alexandre poderia, realmente, ser o quinto?

Não respondo. Encaro-me novamente no espelho e me pergunto por que eu apenas não admito que gosto dele e que talvez Mika tenha razão? A vida não pode ser toda organizada e planejada.

— Você deveria só deixar as coisas acontecerem, amiga — ela diz e me abraça. — Pelo menos, na sua vida pessoal. Quem sabe o próximo casamento não é o seu?

— Já temos uma escolha? — a atendente da loja de vestidos de noivas chega à sala reservada em que estamos e questiona, interrompendo Mika.

— Com certeza esse. — Mika observa novamente o vestido escolhido. — É a minha cara, né, Baby?

Aceno afirmativamente e sorrio. O vestido que Mika escolheu realmente é lindo. Cor de creme, com pedrinhas aperoladas que, conforme a luz, ficam coloridas, de alças largas, justo no busto e na cintura e com uma saia de renda acima do joelho na frente e na altura da barriga da perna atrás. A cara dela.

Enquanto ela troca de roupa, penso no que disse. Talvez Mika tenha razão. Não só ela, mas todas as pessoas à minha volta que têm me dito a mesma coisa na última semana — e isso inclui, além das minhas amigas, Sol, Henrique, Eric e vovó Helga — que provavelmente é a maior fã de Alexandre e eu nem sei por que, já que conversaram apenas alguns minutos na porta da minha casa, numa situação realmente estranha.

Se eu apenas deixasse as coisas acontecerem... se eu largasse de mão todos esses planos, testes e besteiras que eu criei para me proteger dos ataques de pânico... se eu me permitisse perder o controle mais vezes sem surtar... se eu... se eu... se eu agisse mais no impulso...

Pego o celular sem pensar. Digito rapidamente.

“Eu preciso de mais tempo. Gosto de você. Gosto muito e não consigo te tirar da cabeça, por nem um segundo. Consigo dizer tranquilamente que estou apaixonada por você. Mas ainda não consigo saber como resolver isso sem perder todo o controle da minha vida. Por favor, Alexandre. Não desista de mim, de nós. Só me dê mais um tempo.”

Aperto o botão enviar e não desgrudo os olhos da tela do celular, esperando uma resposta, que não vem imediatamente como eu imaginei que viria quando digitei.

Uma semana. Pode parecer um curto período de tempo para algumas coisas, mas sabemos muito bem que tempo é relativo. Quando temos que terminar um trabalho, o tempo passa voando e você xinga o universo, não conseguindo entender como a semana passou tão rápido. Em contrapartida, quando falta apenas uma semana para você entrar de férias, a semana parece não acabar nunca.

No meu caso, foi uma semana de tortura. Daquelas que passam rápido demais, mas com a sensação de que o fim ainda está longe. Não faz sentido, eu sei. Olhava para a data no visor do celular e não acreditava que ela ainda não tinha se manifestado. O tempo passava rápido e lento ao mesmo tempo e eu quase enlouqueci umas doze vezes. Não, cinco. Porque esse é a porra do número que faz sentido quando estamos falando de Baby.

O maldito cinco, a maldita lista, o maldito medo que faz com que ela queira se manter longe de mim.

Todos notam que eu não estou bem. Eric e Sissi parecem dois pais preocupados. Eles me ligam três vezes por dia — juro que não estou exagerando — para saber se eu estou bem. É claro que eu não estou bem. Ela está escorrendo por entre meus dedos e não há nada que eu possa fazer para que isso não aconteça. Não tenho como chacoalhar Baby e gritar para que ela entenda que o que nós dois temos não é algo que se deixa passar.

Murilo pode até me conhecer há pouquíssimo tempo, mas ele também percebeu logo de cara que havia algo de muito errado. Como ele não tinha nada a ver com a situação e poderia ser considerado uma pessoa imparcial, resolvi contar tudo pra ele. Não cada detalhe do que aconteceu entre a gente, afinal, não quero que ninguém saiba como Baby é espetacular quando está entre as quatro paredes metafóricas.

Foi bom ter confidenciado as minhas questões com ele. Diferente da maioria, que me apoia, diz que eu estou certo e que, se Baby desistir mesmo, é ela quem sairá perdendo, Murilo trouxe uma nova luz para a situação.

— Cara, mulher é um bicho complicado, e falo isso por experiência. Eu sei que você tem o seu orgulho, mas tenta se colocar no lugar dela. São muitas complicações ao mesmo tempo, muitas preocupações. Em vez de ficar pensando

em pontos finais, segue com a sua vida. Você está começando em um trabalho novo, numa cidade nova. Foca nas suas mudanças e deixa que o resto se resolve.

Esse pequeno discurso dele veio sexta-feira, durante um happy hour com alguns outros professores. Saímos da escola e fomos para aquele mesmo bar em que tudo parece ter ido por água abaixo.

O que ele disse me deu o que pensar. Para ser sincero, acho que foi exatamente o que eu estava precisando naquele momento. Fiz o que ele sugeriu e comecei a relaxar um pouco. Aproveitei a sexta e tentei voltar a ser o Alexandre de sempre. Ri, bebi, conversei e tentei começar o fim de semana da melhor forma possível. Se eu ficar com Baby na cabeça, vou acabar enlouquecendo de verdade.

O sábado passou tranquilo. Por tranquilo, quero dizer checando mensagens a todo instante. Várias entraram, nenhuma dela.

Domingo foi a mesma merda. Preparei aula, me encontrei com Sissi e Eric, que, na verdade, vieram aqui em casa para verificar se estava tudo bem. Acabamos passando a tarde conversando, vendo coisas inúteis na televisão e comendo um bando de porcarias. Menos a Sissi, que agora só come coisas comprovadamente saudáveis para aquela etapa da gravidez. Enquanto ela comia laranjas e morangos, Eric e eu devoramos vários pacotes de Doritos e litros de refrigerante. Não satisfeitos, pedimos comida chinesa. Infelizmente, o cheiro fez com que Sissi começasse a passar mal.

Os dois acabaram indo embora e me deixaram sozinhos para continuar à espera de uma mensagem de Baby.

Antes de dormir, a única coisa que eu consegui pensar era que estava sendo o maior babaca da história — e por vários motivos diferentes. Mas o que mais estava me irritando era o fato de, pela primeira vez na vida, estar me comportando como um adolescente apaixonado e sem um pinga de amor próprio.

Baby é linda, é inteligente, é uma excelente companhia, é o melhor sexo da minha vida... Só que isso não significa que ela é a única mulher do mundo. Por mais que eu não esteja nem um pouco interessado em ficar com outra, não posso me limitar a querer alguém que não me quer da mesma forma.

Por que eu fui me apaixonar logo por aquela que não me quer?



Segunda-feira é sempre um novo dia. Meu pai me ensinou desde cedo que, não importa o que aconteceu na semana anterior, quando a segunda chega, temos a oportunidade de recomeçar e, quem sabe, consertar o que fizemos de errado na

semana anterior.

É exatamente isso o que vou fazer.

Passo o dia determinado a ir me encontrar com Baby. Não vou deixar que ela apenas me envie uma mensagem, dizendo se me quer ou não. Darei a ela a chance de me dizer, olho no olho, o que ela quer da vida. Se eu estiver incluso no pacote, ótimo. Se não estiver, ótimo também. Ótimo, não; na verdade, uma merda. Pelo menos, não ficarei mais nesse limbo.

Odeio incertezas.

O dia passa rápido. Pela primeira vez em uma semana, fico feliz por isso estar acontecendo, apesar de não ter recebido qualquer notícia dela.

As aulas estão mais dinâmicas, o que facilita também. Os alunos, surpreendentemente, parecem bastante engajados em tudo aquilo que tenho para explicar, e quando falo do meu projeto — o motivo para eu ter sido contratado —, eles se animam muito com a ideia.

Ao longo do ano, penso em criar centros acadêmicos, com debates semanais. Cada centro acadêmico ganha o status de partido político dentro da escola. Com reuniões constantes, onde eles terão uma vivência política, todos poderão decidir como pensam a respeito de diversas questões. Em outras palavras, tentarei mostrar a ele a diferença — na prática — de como a política brasileira e os partidos funcionam. Direita, esquerda, centro, senadores, vereadores, ministros, legislativo, judiciário, PECs,... Tudo isso no ambiente escolar, com o intuito de preparar eleitores e cidadãos pensantes.

Murilo adorou a ideia. Outros professores, quando souberam da proposta, também se dispuseram a ajudar e, inclusive, mediar as reuniões.

De todas as segundas-feiras, hoje está sendo uma das mais produtivas. Uso a parte da tarde para pensar no cronograma do projeto, já que a maioria se interessou. É uma proposta que englobará todos os alunos do Ensino Médio, sem exceção.

Então, quando chega o fim do dia, eu me dou conta de que nem sequer olhei o celular. Quando vou procurá-lo na mochila, descubro que não o trouxe comigo para o trabalho.

— Merda! — reclamo na sala dos professores, depois de ter despejado todo o conteúdo da bolsa na mesa.

— O que foi? — Priscila pergunta, assustada com a bagunça que fiz.

— Esqueci meu celular em casa — explico e passo as mãos no rosto, frustrado com a minha distração.

— Se quiser ligar, te empresto o meu — ela oferece e me estende seu aparelho roxo.

— Obrigado, mas não tem jeito. Eu estou esperando uma mensagem.

— Da sua namorada? A morena do bar? — ela sonda e eu faço que sim com a cabeça. Não quero entrar em detalhes com Priscila sobre o meu relacionamento (se é que ele existe) com Baby. — Uma pena que as coisas não estejam bem entre vocês — diz e se levanta da cadeira. Eu não entendo de onde este comentário veio, afinal, não contei nada para ela. Mas, neste momento, não consigo pesar muito sobre o assunto. Ela vem em minha direção e para logo ao meu lado. Poucos centímetros nos separam. Quando coloca a mão no meu braço e se aproxima mais um pouco, percebo o que está tentando fazer. Suas próximas palavras só confirmam minha teoria. — Sabe... Se você estiver precisando conversar, a gente poderia sair... Tomar um chope... Pode até ser lá em casa.

Pelo modo como me olha, sei que a última coisa que a gente faria na casa dela seria tomar uma cerveja. Como não quero criar inimizades logo no início do ano, resolvo sair pela tangente em vez de tomar uma atitude mais firme.

— Eu te aviso. — São as únicas palavras que saem da minha boca. Ela me oferece um sorriso cheio de dentes enquanto eu apenas faço que sim com a cabeça.

Em seguida, ela se afasta e sai da sala. Solto um suspiro de alívio. Priscila é linda, mas não sou do tipo que caga onde come. Qualquer tipo de relacionamento no ambiente de trabalho, ao meu ver, é estritamente proibido. Pelo visto, Priscila não pensa da mesma forma que eu.

Ao invés de ficar na sala esperando que ela volte, coloco todos os meus pertences de volta na mochila e saio também. Tenho muita coisa pra resolver ainda hoje. O prazo de Baby se encerra em algumas horas. Se ela pensa que eu desistirei assim tão fácil, então definitivamente ainda não percebeu que tipo de homem eu sou.

Saio da escola e vou direto para a estação de metrô. Se o dia passou correndo, os minutos agora parecem horas. Esperar o trem é uma tormenta. Andar dois quarteirões, uma tortura.

Mas nada se compara a chegar à porta da casa de Baby e descobrir que não tem ninguém. Eu poderia virar as costas e ir embora, talvez voltar pra casa e continuar esperando por uma mensagem dela. Só que já estou aqui e não pretendo perder a viagem

Sento-me no chão, com as costas encostadas na porta dela, tiro o livro do Hermann Hesse da mochila e começo a ler.

Só espero que ela não demore muito a chegar.



Pessoas como eu não deveriam enviar mensagens por impulso. Definitivamente não. Depois que apertei em enviar e não recebi nenhuma resposta pelas três horas seguintes, minha cabeça já cogitou todas as possibilidades possíveis e impossíveis do porquê de Alexandre não me responder. Saímos da escolha do vestido para a prova de bolos e, apesar do momento ser da Mika e eu estar totalmente dedicada a ela, tudo que eu conseguia pensar era que eu sou uma completa idiota e perdi Alexandre para sempre.

— Afinal, o que aconteceu com você? — Mika pergunta depois da prova de doces, quando estamos a caminho da floricultura, para a última tarefa do dia: a escolha do buquê.

— Eu mandei uma mensagem pro Alexandre quando você estava se trocando para irmos pra confeitaria e, até agora, ele não respondeu — confesso.

— O que dizia na mensagem, Baby? — ela pergunta, confusa.

— Que gosto dele, mas preciso de mais um tempo, resumidamente.

— Olha — Mika olha para o relógio —, sabe que relacionamentos não são o meu forte, mas eu acho que, nesse horário, Alexandre provavelmente esteja na escola e talvez não possa ficar olhando o celular.

— Mas ele tem intervalos e...

— Talvez ele esteja sem bateria, esqueceu o celular... Sei lá. Mas ele não parece o tipo que não responderia uma mensagem assim — ela fala, convicta.

Mika pode ter razão. Tento me convencer dessa ideia. Alexandre só está ocupado e não pode responder. Preciso distrair minha mente para não ficar pensando nele e criar milhares de teorias de por que não respondeu, ou outras milhares de como será a resposta — ainda mais porque todas as teorias que crio, nesse momento, acabam comigo velha e sozinha, chorando por ter entregado Alexandre de bandeja para a loira peituda que trabalha com ele. Então, mudo de assunto.

— Você tem algum buquê em mente? — pergunto, pensando nas mil possibilidades que Mika pode querer.

— Não sei ainda. Queria algo colorido, vivo, que combine comigo...

— Tenho certeza de que vamos encontrar. Pesquisei várias floriculturas

recomendadas por noivas, com a maior variedade, bom preço e bom atendimento. Essa a que estamos indo é a melhor de todas — digo, orgulhosa do meu trabalho como organizadora de casamentos.

— Eu não tenho dúvidas. — Mika ri. — Se não fosse aprovado no teste de qualidade da Baby, eu nem colocaria meus pés. — Ela solta uma gargalhada, mas sua fala me faz pensar em Alexandre novamente.

— Eu sou mesmo neurótica com essas coisas, né? — Não espero Mika responder. — Sabe, eu queria muito ser mais relaxada, menos organizada e com menos planos que, quando não dão certo, me fazer pirar, mas não consigo.

— E eu queria ser mais organizada, amiga! Você é assim e não tem problema nenhum. Mas se isso te incomoda, pensa que, de certa maneira, você já está mudando. Afinal, com aquele beijo cinematográfico no bar e a mensagem hoje — ela ri —, Alexandre está operando verdadeiros milagres em sua vida.

Isso que ela nem sonha com os orgasmos milagrosos que Lord Dickson opera. Imagina se soubesse...



Nunca imaginei que escolher buquê de noiva poderia ser algo mais exaustivo que um show de duas horas tocando bateria sem intervalos, mas foi. Depois do que acho que levou uma eternidade de explicações sobre todos os tipos de flores que poderiam compor buquês coloridos, foi outra eternidade para a florista mostrar cada flor — e tudo que eu pensava era perguntar por que ela não dava as explicações já mostrando as flores. Mika, que também não aguentava mais a conversa enrolada da mulher, optou por astromélias em tons de verde, amarelo, azul, lilás, rosa e laranja. Combinamos os detalhes de entrega da encomenda e fomos embora. Só quando saí da loja olhei no relógio novamente: seis horas e meia sem resposta alguma de Alexandre.

Despedi-me de Mika na porta de sua casa e resolvi que faria as oito quadras que separam nossas casas caminhando. Na hora, eu achei que caminhar me faria bem e ajudaria a me acalmar e não pensar no fim da minha vida, velha e sozinha, porque fui uma idiota me apegando a planos sem sentindo e a superstições ridículas. Mas agora tenho certeza de que foi a pior ideia que tive.

Como eu pude achar que caminhar me faria bem? A cada passo que dou, penso em como consertar as coisas com Alexandre e, tentando me colocar no lugar, dele, eu não daria mais tempo. Se um cara quer ficar comigo, ele tem que saber; caso contrário, eu o dispensaria. Por que agora quero que Alexandre faça algo que eu provavelmente não faria?

Para ele, estava tudo bem, simples e funcionando entre nós. Fui eu que

comecei a criar um monte de coisas na minha cabeça para nos afastarmos e, agora, ainda quero que ele me dê mais tempo. Se eu fosse ele, não daria de jeito nenhum. O problema é que eu não tenho nenhuma ideia de como posso, agora, resolver isso.

Quando me aproximo do prédio em que moro, vejo um homem sentado nos degraus iniciais. Está de cabeça baixa, mas de longe juro que é Alexandre. Acelero os passos na esperança que realmente seja ele. Só quando me aproximo, percebo que é o meu vizinho do primeiro andar. Onde eu estava com a cabeça achando que, depois de não me responder, Alexandre estaria na minha porta? Ele foi bem claro quando disse que eu teria uma semana e que ele não iria ficar correndo atrás. Enfio a chave na fechadura, frustrada comigo mesmo e tendo alucinações.

— Baby — escuto chamar e posso jurar que é a voz de Alexandre. — Baby... — A voz insiste e me viro, só para provar para mim mesma que estou completamente louca e preciso de ajuda médica. Mas, quando olho para trás, Alexandre está realmente ali.

— Por que você não respondeu minha mensagem? — é a primeira coisa que pergunto. — Eu disse que estava apaixonada por você, que só precisava de um tempo e você nem para me mandar à merda? — termino meu discurso enquanto desço os degraus da frente do prédio.

— Eu esqueci o celular em casa e... — Ele passa as mãos pelo cabelo. — Você me mandou uma mensagem dizendo que está apaixonada por mim? — Alexandre arqueia a sobrancelha e abre um sorriso, dando dois passos para frente.

— Mandei — digo, escondendo o rosto. — Agi por impulso.

— Você não está apaixonada por mim? — Ele afasta minhas mãos do rosto e ergue meu queixo. — Fala pra mim, Baby...

— Eu estou apaixonada por você, Alexandre. Eu tenho certeza disso. Só não sei...

— Se quer ficar comigo? — Alexandre me interrompe e dá um passo para trás.

— Eu quero ficar com você — dou um passo para frente —, só não sei como resolver as coisas na minha cabeça.

— Posso dar uma sugestão? — Alexandre se aproxima mais de mim e me enlaça pela cintura. — Vamos apenas continuar juntos e deixar as coisas acontecerem. E se... quando você quiser, seguimos em frente.

Não digo nada, apenas grudo meus lábios nos dele e invado sua boca com minha língua. Que falta eu senti do seu gosto!



Alívio. É exatamente isso que eu sinto quando Baby encosta seus lábios nos meus. É um beijo que significa muito. Significa recomeços, e não há nada que eu pudesse querer mais neste momento. Saber que ela está aqui, disposta a tentar algo novo comigo, faz com que todo o peso da última semana vá embora, deixando apenas o alívio. O desejo. A vontade de nunca mais deixar que ela saia de perto de mim.

Incrível como uma só frase dela fez com que toda minha angústia, minha raiva e meu orgulho fossem deixados de lado.

“Eu quero ficar com você. Só não sei como resolver as coisas na minha cabeça.”

Bastou ela dizer isso e toda a confusão em minha mente se dissipou com a maior facilidade.

Agora estamos aqui, juntos novamente e com a promessa de uma tentativa. Porque nenhum relacionamento é fácil ou simples. O que facilita e simplifica é o nosso empenho, a nossa vontade de fazer dar certo — e isso eu tenho de sobra.

— Me convida pra subir... — peço, enquanto nosso beijo parece apenas querer se intensificar.

Só que estamos no meio da rua e, por mais que eu tenha algumas tendências exibicionistas, não estou nem um pouco a fim de deixá-la em uma situação constrangedora.

Baby parece não ter me ouvido. Seus braços continuam em torno do meu pescoço e ela se gruda ainda mais a mim. Puxo sua cintura com força. Preciso deixar claro que eu a quero com tanta — ou mais — gana do que ela me quer.

Putá que pariu, eu senti muita falta disso. Dela. De tudo que somos e podemos ser.

— Porra, Baby, me chama pra subir... — É quase uma súplica. Preciso de mais.

Sei que Baby não tem muito jeito com as palavras, que ela não está pronta para se expor mais do que já fez. Mas de uma coisa tenho certeza: na cama, ela vai deixar bem claro o que sente por mim.

Quando Baby faz que sim com a cabeça, começo a andar de costas, puxando-a comigo sem descolar nossas bocas. Subir a escada assim pode até parecer um

desafio para muitos, mas minha vontade de tê-la embaixo de mim fala mais alto do que qualquer risco ou mesmo do bom senso.

Os dois lances de escada até seu apartamento são uma tortura, lotados de beijos e toques. No momento em que entramos em sua casa — só deus sabe como —, minha blusa já havia sido removida e dispensada em algum lugar pelo caminho, junto com a dela. Sapatos são arremessados pela sala, os botões das calças são abertos e, antes que possamos ter noção de qualquer outra coisa, estamos os dois nus em sua cama.

Desço beijos por seu corpo, desesperado por prová-la inteira. Não sei exatamente quanto tempo faz desde a última vez que estivemos assim, tão entregues aos nossos desejos e àquilo que, sem dúvidas, será algo que ficará marcado na nossa pele para sempre.

Reverencio o corpo de Baby da melhor maneira que sei: arrancando todo o prazer que consigo dela. Lambo o vale entre seus seios enquanto belisco o mamilo de leve, aumentando a força aos poucos e fazendo com que ela solte gemidos altos. Não tenho pressa, apenas fome por mais dessa mulher que foi feita para mim.

Quando finalmente chego em Lady Bu, inspiro seu cheiro, fazendo com que Baby tente fechar as pernas.

— Alexandre, não — ela diz, encabulada.

Em vez de forçá-la àquilo que não a deixa confortável, subo por seu corpo, deixando beijos por onde passo, e paro quando meu rosto está alinhado com o seu.

— Eu quero você, Maribel. Do jeito que você é. O seu cheiro é o melhor de todos, sabe por quê? — Ela faz que não com a cabeça e apenas me encara. — Porque ele tem cheiro de minha.

Sinto o momento em que ela retesa o corpo e o início de mais uma barreira começa a se formar. Antes que ela possa interpretar errado as coisas, deixo claro o que quis dizer:

— Já te disse que tenho muitos fetiches, mas BDSM não é um deles. Não é no sentido de minha submissa que eu quis dizer. Você é minha para dar prazer, minha para amar, minha pra fazer sorrir. Não tenho o menor interesse em tirar sua liberdade, mas quero tudo aquilo que você tem para me dar.

Meu discurso sai com facilidade, uma vez que reflete, sem tirar nem pôr, tudo que sinto por ela e por isso que estamos construindo.

— Sabe qual o seu problema? — ela me pergunta, me pegando desprevenido.

— Qual o meu problema? — quero saber, curioso pelo que ela vai dizer.

— É que você é um cachorro que sabe exatamente como me fazer derreter. — Em vez de continuar a frase, ela puxa minha cabeça para perto e devora minha

boca em um beijo.

Com as pernas, ela me puxa para junto de si, fazendo com que Lord Dickson sinta exatamente o quão molhada está.

— Isso tudo é pra mim, amor? — Eu me mexo contra ela, lambuzando meu amigo com sua excitação e arrancando tremores de Baby quando estimulo seu clitóris.

— Tudo pra você... Puta que pariu, você tinha que ser tão gostoso?

Solto uma risada rouca, o tesão impedindo minha voz de sair da forma normal.

— Quero te chupar muito agora — confesso, louco para sentir o gosto do seu prazer.

— E eu quero que você me coma maravilhosamente bem. Depois eu abro as pernas e você me chupa quantas vezes quiser, mas agora eu preciso de você inteiro dentro de mim.

As palavras dela são minha perdição. Solto um grunhido frustrado, louco para poder simplesmente deixar que Lord Dickson brinque com Lady Bu.

— Você ainda vai me matar, mulher. Preliminares são...

— Ótimas, mas quero você agora — ela termina minha frase e engancha suas pernas com mais força, pressionando minha bunda para baixo e me incitando a simplesmente entrar nela e ser feliz.

— Camisinha, amor... Porra, tenho que pegar uma camisinha — digo, feliz por saber que essa parte do meu cérebro ainda está funcionando.

— Não precisa. Eu tomo pílula e... confio em você. — Sinto a vulnerabilidade na forma como ela fala. Ao mesmo tempo que quero dar um grito de alegria e me enterrar nela, sei que este momento representa muito mais do que apenas um sexo sem camisinha. Em vez de dizer qualquer outra coisa, apenas a beijo, tentando demonstrar com esse gesto tudo aquilo que sinto por saber que ela confia em mim.

A gente se beija com fervor. Acaricio seu corpo enquanto ela também explora o meu. Sentir suas unhas cravando em minhas costas só faz com que meu tesão aumente. Estou tão duro que não consigo nem pensar direito.

— Já que você confia em mim a esse ponto — digo, afastando-me apenas um pouquinho de sua boca —, então também vou confessar uma coisa que quase ninguém sabe. Meu nome completo é Frederico Alexandre Ferraz.

Baby arregala os olhos, completamente embasbacada com a minha pequena revelação. Não foi nada demais, apenas queria que ela soubesse meu primeiro nome, já que eu o escondo de todo o resto do planeta.

Mas ela está petrificada.

— Eu sei que é horrível, só que...

Não tenho tempo de concluir a frase. Com uma força digna de uma baterista, ela inverte nossas posições e fica por cima de mim.

— Cala a boca, Fred, que agora eu vou fazer você gozar muito dentro de mim.

Antes que eu consiga dizer qualquer coisa, ela segura Lord Dickson e senta-se sobre ele de uma vez... e eu vejo estrelas.

— Ah, caralho! — grito, segurando-a pela cintura e impedindo-a de se mexer. Qualquer movimento agora poderia significar o fim de uma brincadeira muito gostosa.

Ela é quente e muito úmida. Perfeita.

Fecho os olhos e tento apenas absorver a sensação.

— Baby... — sussurro seu nome, digerindo o prazer que transar sem camisinha proporciona.

— O que foi? — ela pergunta e é a sua vez de se assustar. — Fiz alguma coisa errada?

— Não. Nada de errado. Você é perfeita e gostosa pra caralho — confesso. — Agora, me cavalga da forma que nenhuma lady faria — peço e vejo um sorriso safado apontar em seus lábios.

Baby faz exatamente o que eu peço e começa a se mexer sobre mim. Ela sobe e desce em Lord Dickson, gemendo de prazer a cada vez que encosto bem fundo.

Então, ela para, completamente sentada e eu consigo sentir cada parte dela, que estremece.

— Além de gostoso, você é grande... Que delícia, Fred. — Dessa vez, joga a cabeça para trás e apoia as mãos na minha coxa.

Vê-la assim, tão liberta, é a melhor parte disso tudo. Aproveito a chance e começo a masturbá-la, fazendo movimentos rápidos e circulares em seu clitóris. Baby geme alto e volta a se mexer, indo para frente e para trás, enquanto eu a ajudo a chegar ao ápice do prazer.

É isso... Somos nós. Fantasias à parte, este é um momento em que tudo que somos vem à tona e, quando ela goza, seu grito é alto e seu corpo inteiro estremece. Baby tomba sobre mim.

Coloco-a por baixo e não deixo que se recupere do orgasmo. Posiciono suas pernas sobre meus ombros e estoco com força, com vontade. Quero gozar e quero que ela venha junto comigo.

Baby está gritando, completamente tomada pelo prazer. Seus seios balançam com a força dos meus movimentos bruscos e a visão só faz com que tudo fique ainda melhor. Eu também gemo, digo que ela é gostosa e que nunca o sexo foi assim tão bom.

— Vem comigo, linda. Eu quero que você goze agora comigo — peço e intensifico os movimentos. Abro suas pernas e faço com que ela as entrelace em

torno da minha cintura. Seguro-a pelo quadril e continuo entrando e saindo de dentro dela.

No momento em que ela solta um grito alto, eu estou junto dela, chamando seu nome e me permitindo chegar a um orgasmo que me deixa temporariamente sem sentidos de tanto prazer.



— Afinal, quando você vai nos apresentar esse cara novo? — Mika pergunta curiosa, enquanto aguarda o garçom servir nossas doses de tequila.

— Eu ainda não acredito que você não ficou com Alexandre. — Sissi parece desiludida. — Vocês são perfeitos um para o outro.

— Vou apresentar o Fred para todo mundo no casamento da Mika, ou seja, só dois dias para finalmente vocês o conhecerem — digo, rindo e pensando em como serão as reações quando souberem a verdade. — Hoje, vamos curtir a despedida de solteira da Mika.

O garçom termina de servir as doses, uma ao lado da outra, enfileiradas no balcão — e devo dizer que essas são apenas as primeiras doses da noite.

— Prontas? — Seguro meu copo e espero cada uma pegar o seu. Lambemos o sal que cada uma colocou em sua mão e brindo. — Arriba, abajo, a centro e adentro e que se fueda, comadre. — Tomamos nossas doses em um só gole e chupamos o limão.

— Bora? — Mika pergunta, remexendo o corpo, pronta pra pista de dança. Apenas a seguimos. A noite é toda dela.

Eu sei que já deveria ter explicado para minhas amigas que Fred é Alexandre, porque prometemos não guardar mais segredos umas das outras, mas eu precisava realmente ter certeza do que sentia e queria. Por mais que Alexandre, mesmo sem querer, tenha dado a solução perfeita quando me revelou seu primeiro nome, eu já havia decidido que iria ficar com ele, a única coisa que faltava era aceitar isso.

Depois que matamos toda a saudades que sentimos um do outro, há duas semanas, resolvemos que íamos realmente nos conhecer e deixar as coisas rolarem. Abandonamos as regras do “sem compromisso e sem emoção” e mantivemos a regra da exclusividade. Combinamos que não iríamos rotular nosso relacionamento até que eu estivesse pronta para isso e que, por um tempo, seria algo apenas nosso. Fred não concordou muito com isso, mas entendeu que eu ainda precisava de um tempo. Mas eu acho que esse tempo já deu. Agora eu quero tudo e não vejo a hora de colocar meu plano em prática no casamento.

Nossas duas últimas semanas foram perfeitas. Jantamos juntos algumas vezes, almoçamos juntos em outras, fomos ao cinema, à praia, ao shopping, ao

parque... Teve apenas o incidente daquela loira peituda oferecida que trabalha com ele, mas nem quero lembrar. E, claro, transamos muito, inclusive no banheiro do cinema. Uma das coisas que mais me enlouquece em Fred é como ele consegue ser aquele professor, todo certinho, com jeito de nerd e, ao mesmo, o Khal Drogo do sexo.

Óbvio que ele não passou em nenhum quesito do meu teste de compatibilidade de namorados, mas que se foda. Eu realmente quero ficar com ele. Não importa se ele se chama Fred e é o último, ou se ele se chama Alexandre e foi o primeiro. Eu quero é ficar com ele, de verdade — e quero que todo mundo saiba.

— Você está tão distraída — Be cutuca meu braço no meio da pista de dança.

— Acho que é porque nunca senti por ninguém o que estou sentindo agora pelo Alexandre.

— Alexandre? Não era Fred? — Ela parece incrédula. Faço sinal de silêncio com o dedo para que as outras meninas não escutem.

— O nome dele é Frederico Alexandre — dou risada —, mas não conta para as meninas, por favor, Be! Quero fazer uma surpresa no casamento.

— Eu juro ficar quieta, mas eu preciso de uma ajuda também... — Be se aproxima mais de mim e sussurra em meu ouvido seu segredo.

— Vocês estão felizes? — É só o que me interessa saber do que ela acabou de me contar.

— Muito! — ela diz, sorrindo.

— Então precisamos de um plano.



— Eu ainda não entendi por que não podemos dormir juntos hoje. — Fred continua me segurando pela cintura na porta do meu prédio. — Não é a gente que vai se casar amanhã. Ou você está planejando nosso casamento secretamente para amanhã, hein, dona Maribel? — Ele ergue a sobrancelha direita e me encara com um sorriso safado que me derrete toda.

— Não é nada disso, Frederico Alexandre. — Adoro dizer o nome dele, não me sinto mais a única personagem de novela mexicana. — É que o dia amanhã começa muito cedo e quero estar descansada. — Beijo a sua bochecha. — Se você subir, eu sei que a última coisa que faremos é dormir e descansar.

— Tá bom, tá bom... — ele concorda com meus argumentos e faz uma carinha de cachorro que caiu da mudança. — Mas como faremos amanhã, já que Mika revogou o meu convite depois da sua crise de pânico? — Fred ainda segura a minha cintura.

— Já te disse, você vai como meu acompanhante. Eles só não sabem que Frederico e Alexandre são esse homem só. — Aponto para ele e passo meu dedo por seu abdômen, subindo e descendo, indicando que ele é o homem.

— Baby... Se não quer que eu suba, não me provoque. — Ele puxa meu corpo mais pra perto do seu, só pra me fazer sentir que Lord Dickson acordou. Afasto-me antes de cair em tentação. — Vai fugir de mim? Logo de mim? — Ele ri.

— Vou. Eu preciso! — Enfio a cabeça entre seu pescoço e seu ombro. — Me ajuda nisso, porque eu estou incapaz de me desgrudar de você.

Alexandre ri e me beija. O beijo é provocativo, longo, mas ao mesmo tempo calmo e seguro.

— Só vou embora porque sei que, se eu não for, apesar de você se divertir muito, vai brigar comigo amanhã, dizendo que algo deu errado porque eu não te deixei dormir direito. Igual àquele dia da audição do CD. — Ele ri e me dá um selinho. — Tô indo. Amanhã às cinco, é isso?

Apenas concordo com a cabeça. Alexandre vai se afastando de mim, andando de costas, sem parar de me olhar, e eu não consigo sair do lugar. Minha vontade é de gritar para ele voltar. Mas realmente preciso dessa noite só para mim, até porque Be deve chegar a qualquer momento para organizarmos nossos planos para amanhã. Será que estar apaixonada é isso, não querer ficar longe nem um minuto? Se for, é a primeira vez que eu realmente me apaixono.

Quando Alexandre já está na esquina e é obrigado a virar de costas para mim, ele abana e eu devolvo o aceno. Meu celular vibra no bolso. Atendo.

— Amiga, deu dessa melação toda? Tô há meia hora escondida aqui, nos arbustos do prédio ao lado, e está começando a coçar essas plantinhas.

— Pode vir, Be. Ele já foi.



As últimas duas semanas foram incríveis, e meu sorriso ao acordar no sábado de manhã mostra exatamente como estou me sentindo bem.

Pela primeira vez na vida, sinto como se tudo tivesse no lugar certo. Não há nada que eu gostaria que fosse diferente. A não ser o fato de eu e Baby ainda não termos revelado nosso relacionamento para nosso grupo de amigos.

Por um lado, foi bom: tivemos a chance de nos conhecermos melhor, além de curtirmos essa fase gostosa do relacionamento sem ninguém se metendo em nossas vidas.

Com a loucura do casamento de Mika e Henrique, que parece ser o evento do ano de tão corrida que Baby tem estado, não tivemos todo o tempo que eu gostaria juntos. Mas tudo bem. O meu trabalho também tem me consumido bastante. Estou cada vez mais ambientado na escola, feliz por estar fazendo novas amizades e por saber que meu projeto está sendo bem aceito não só pelos alunos, mas pelos outros membros do corpo docente. Mesmo assim, a melhor parte do meu dia é quando eu e Baby nos encontramos.

Ao fim do dia, escolhemos alguma coisa para fazer e onde queremos passar a noite. Desde que resolvemos ficar juntos de verdade — a ideia de “sem compromisso e sem envolvimento” esquecida —, não passamos uma noite sequer separados. O fato de elas terem feito uma pausa nos shows ajudou bastante.

Não sei como a nossa rotina vai ficar quando a delas voltar ao ritmo normal, mas não quero pensar nisso agora. Curtir o momento está sendo uma experiência boa demais, e eu não quero mudar de forma forçada o que temos. Mais controladora que eu, só a Baby — e me impressiona ver o modo relaxado com que ela tem lidado com nosso relacionamento. Pelo visto, a chave para um relacionamento sereno é deixar a mulher bem satisfeita na cama e tentar ajudá-la com os problemas que aparecem.

Não sei quantos saquinhos eu fechei com as lembrancinhas do casamento, nem de quantas vezes eu ouvi Baby xingar a fulaninha por ser desorganizada ou a beltraninha por não ter a menor noção do que está fazendo. Apenas escutei e tentei ajudar da melhor maneira possível. Às vezes, servir de apoio moral foi suficiente. Em outras, sexo com raiva, para descontar qualquer tensão, foi a

maneira que ela encontrou para se sentir melhor — e quem sou eu para negar à mulher que amo qualquer coisa?

A única coisa que me desagradou de fato nesta semana foi Priscila. Do nada, ela começou a agir de forma diferente. Por conta de Murilo, que é seu amigo desde que começou na escola, a gente acabou se aproximando. Até aí, tudo bem.

Foi na sexta-feira da semana passada que as coisas saíram do controle.

Cheguei à sala dos professores, cansado após um dia louco de trabalho. Pior ainda por ser o último dia da semana. Minha vontade de ver Baby era enorme e tudo que eu queria era sair logo dali e ir para o bar onde marcamos de nos encontrar.

Só que, no momento em que vi Priscila chorando, com os cotovelos apoiados na mesa e o rosto enterrado nas mãos, não pensei duas vezes em perguntar o que tinha acontecido e de que forma poderia ajudar.

— Eu não quero conversar. Não aqui — ela disse, olhando para os lados como se não quisesse que ninguém além de nós ficasse sabendo da conversa.

Olhei para o relógio e vi que ainda faltava uma hora para me encontrar com Baby. Então, mandei uma mensagem para ela, avisando que iria para o bar com uma colega de trabalho e esperaria por ela lá. Não tinha motivos para mentir ou omitir o que estava fazendo. Deixei claro para Baby que todas as nossas regras seriam postas de lado, menos a que garantia a ambos os lados de um parceiro monogâmico. Não quero dividir minha Baby com ninguém nem acho justo que ela faça o mesmo. Por isso, fiquei despreocupado ao avisar a ela que estaria na companhia de uma mulher.

— Estou indo para o Jon's. Quer vir comigo e conversar por lá? Acho que Murilo vai sair a qualquer momento da sala de aula — ofereci, sabendo que Murilo viria facilmente conosco. Ele não é de recusar a chance de tomar um chope gelado.

— Vamos logo. Vou mandar uma mensagem pra ele, avisando que estamos indo. Quero sair logo daqui — ela disse, já se levantando da cadeira e pegando a bolsa. Com o celular na mão, ela digitava algo que imaginei ser a tal mensagem.

Eu deveria ter desconfiado de alguma coisa quando suas lágrimas cessaram facilmente, mas estava tão ansioso por resolver logo o tal problema que acabei não pensando em mais nada. Em vez de pegarmos o metrô como de praxe, acabamos decidindo por ir de Uber. Ela chamou o carro pelo aplicativo e logo estávamos a caminho do bar.

— O que está acontecendo, Priscila? Por que você estava chorando tanto? — perguntei, ainda dentro do veículo.

— Eu estou cansada de tanta falsidade, Alê — confessou, enquanto analisava a costura da bolsa. Seus olhos não encontraram os meus e ela parecia estar

encabulada.

Não respondi. Na verdade, não sabia o que responder quando não tinha qualquer outra informação além de uma frase genérica. Um “sei, sei” me pareceu muito impessoal e pouco interessado, o que não era o caso. Queria tentar ajudar a mulher ao meu lado de alguma forma. Na hora, pensei que ela talvez pudesse desabafar com Baby.

— As pessoas naquela escola são ótimas, mas tem gente que faz tudo para te ver na pior.

— Alguém fez alguma coisa para te prejudicar? — perguntei no mesmo instante em que o Uber parou na frente do bar.

Tirei a carteira do bolso para pagar pela corrida, mas Priscila disse que não precisava, que iria direto pelo aplicativo. Guardei a carteira de volta e prometi a ela que a primeira cerveja era por minha conta.

Entramos no Jon’s e fomos direto procurar uma mesa para sentarmos. Naquele mesmo instante, enviei uma mensagem para Baby, avisando que já tínhamos chegado e estávamos esperando por ela. Não demorou muito para que eu recebesse um “ok” seco como resposta. Estranhei, mas achei melhor não contestar, nos veríamos em breve e a mulher ao meu lado precisava da minha ajuda.

O garçom logo veio perguntar o que queríamos beber e saiu com nosso pedido, prometendo voltar em breve.

— Então... — recomecei a conversa. — O que aconteceu?

— Alguns professores são maravilhosos, como Murilo e você. — Ela acariciou meu braço, como se quisesse enfatizar o que estava dizendo. — Mas algumas pessoas são muito maldosas e não entendem que existe, sim, amizade entre homens e mulheres.

Ergui uma sobrancelha, curioso com o rumo que a conversa estava tomando.

— Alguém insinuou alguma coisa? — perguntei, preocupado com o que sua frase trazia nas entrelinhas.

— Um grupo de professoras está vendo como eu e você viramos bons amigos nas últimas semanas e têm começado a espalhar algumas coisas por aí...

— Que coisas? — questionei logo, agora não mais curioso, e sim preocupado. A última coisa que queria era ter uma reputação infundada sem nem ter cumprido um quarto do meu contrato.

— Que eu e você estamos tendo um caso — ela confessou, olhando para mim e mordendo o lábio inferior.

Afastei sua mão do meu braço e a encarei com seriedade.

— Depois me diga o nome dessas pessoas que eu quero colocar tudo às claras — afirmei, louco para poder me livrar logo desse problema.

— Não acho que seja a melhor solução. Inclusive, eu acho que poderíamos fazer jus à fama que estamos levando. Afinal, que graça tem ter uma reputação se não podemos usufruir dela?

O modo sedutor como me olhava enquanto dizia aquelas palavras me deu a entender que, de repente, aquele poderia ser apenas um plano dela.

— Impossível, Priscila. Eu não sei se você sabe, mas sou um homem comprometido, além de muito fiel e louco pela minha mulher — joguei as palavras com seriedade. Não queria qualquer dúvida em relação ao que sentia por Baby. — Inclusive, ela está chegando aqui a qualquer minuto.

— Na verdade, ela acabou de chegar — foi Baby quem disse de trás de mim e colocou ambas as mãos em meus ombros. — Sou a Baby, muito prazer. Acho que não fomos devidamente apresentadas.

Quando ela se sentou no meu colo e ofereceu a mão para Priscila, sabia que eu não precisava dizer mais nada. A loira logo se levantou, dando uma desculpa qualquer e dizendo que precisava ir embora, e me deixou sozinho com Baby, o que era meu plano original.

Assim que ela saiu, eu me apressei logo em dizer:

— Eu não sei o que você ouviu, mas... — Não consegui concluir a frase. Baby calou minha boca com um beijo delicioso e toda a tensão do dia foi embora naquele momento.

— Você não precisa dizer nada. Eu confio em você.

Suas palavras me chocaram. Ao mesmo tempo, não tinha a menor intenção de contestá-la e fiz questão que soubesse o quanto tinha ficado feliz.

Foi por isso que eu a levei para a minha casa antes mesmo de o garçom voltar com as bebidas e transamos enlouquecidamente a noite inteira, sendo a primeira vez ainda no elevador, após eu ter apertado o botão de parada de emergência.



Eu até entendo por que mulheres demoram tanto para se arrumar. Tem o cabelo, a maquiagem, a roupa, os saltos... É por isso que, nesses momentos, dou graças a deus que sou homem. Depois de tomar banho e colocar o terno, estou pronto para ir ao casamento de Mika e Henrique.

Saio de casa com antecedência e vou buscar Baby, que prometeu estar me esperando na hora certa. Ela não quis passar a noite comigo, o que, confesso, me irritou um pouco. Principalmente por ter sido quase impossível me desgrudar dela. Opto por ir de táxi para a sua casa, já que pretendo encher a cara nesse casório.

Mando uma mensagem quando estou a poucas quadras de distância, avisando

que estou quase lá. Ela diz que já está pronta e que eu não preciso subir, que está descendo.

Saio do táxi para esperar por ela e meu queixo quase cai quando abre a porta de vidro da portaria. Baby usa um vestido rosa curto na frente, mas longo atrás. Seu cabelo está decorado com algumas pedrinhas brilhantes. Engulo em seco, Lord Dickson em estado de alerta só de ver a mulher estonteante à minha frente.

— Nunca pensei que fosse dizer isso, mas acho que rosa é a sua cor — confesso, enquanto enlaço sua cintura e a puxo para um beijo casto. Não quero borrar sua maquiagem.

— Mika disse que cada uma de nós iria usar uma cor diferente, mas seguindo o padrão de seu cabelo arco-íris — ela revela e se afasta um pouco de mim. Alisa meu paletó e ajeita minha gravata, depois me dá um sorriso lindo. — Você está uma delícia nesse terno.

Solto uma risada com o comentário.

— Que tal a gente achar um canto desse casamento também? Olha que vai ser um grande desafio, já que sua amiga quis casar na praia. — Pisco para ela e abro um sorriso safado. Baby sabe exatamente a que me refiro.

— Acho uma excelente ideia. Agora, vamos logo. Não posso me atrasar. Além disso, esse casamento promete.

Ela me puxa pela mão e me arrasta novamente para o carro. Nem preciso dizer que, no caminho até a praia, eu arranco um orgasmo silencioso dela. Enquanto o cerimonialista diz palavras lindas, eu sinto seu cheiro em meus dedos.



Uma das coisas que eu nunca vou esquecer na minha vida é o dia em que conheci Mika. Eu, que sempre fui controladora, organizada e tento planejar tudo na minha vida, tenho que concordar que o destino, universo, deus ou sei lá como as pessoas chamam, sempre acabou dando uma forcinha para meus planos.

Sissi e eu fomos colegas na escola de música e nos conhecemos lá. Nossos horários, meu de bateria e dela de teclado, eram um após o outro. Foi graças a uma espera absurda no saguão da escola que começamos a conversar. Desse papo, nasceu a semente da Estrogenium.

Be era minha colega de escola e eu a convidei para a banda. Sue chegou até nós por indicação do professor de música da Sissi. Só que nos faltava uma vocalista. Fizemos anúncios, espalhamos o convite pelas nossas escolas, na escola de música e chegamos a fazer audições com várias meninas. Nenhuma tinha a voz que a gente buscava.

Até hoje, eu não sei como fui parar naquele karaokê. Só sei que estava lá contrariada. Ouvir pessoas cantando mal, para quem trabalha com música, não é exatamente uma diversão. Mas quando aquela menina de cabelos coloridos pegou o microfone, se apresentou e abriu a boca para cantar... ah, eu soube na hora que tinha encontrado nossa vocalista.

Mika cantava lá sempre. O dono pagava para ela animar e empolgar os frequentadores a cantar. Ela cantava também em uma banda, na qual era a única mulher, e quando falei da nossa ideia de uma banda só de meninas, ela pirou e topou na hora. O começo foi complicado; de todas nós, ela sempre foi a mais impulsiva, agressiva e marrenta. Achei que acabaríamos não conseguindo deslanchar. Mas, com o tempo, tudo foi se acalmando e agora estou aqui, em frente ao deck de madeira, colocado na beira da praia, para celebrar o casamento dela. A menina dos cabelos coloridos, que não perguntava nem o nome dos caras que caçava para transar, agora vai casar.

Pelo visto, apesar do casamento ser da Mika, todas nós temos algo para celebrar. Casamentos são o início de uma nova vida — e é exatamente isso que esse momento significa para todas nós.

Uma passarela foi construída da entrada do restaurante, onde será a recepção, até o deck de madeira, bem em frente ao mar, onde será a cerimônia. Mika não

queria padres ou pastores celebrando o casamento. Optou por uma juíza de paz e eu confesso que adorei a ideia. Quando chego com Alexandre, o levo até a parte do deck em que os convidados assistirão à cerimônia e entro para o restaurante atrás da cerimonialista pra saber se falta algum detalhe.

— Só estamos com um problema — me diz a mulher que não larga o telefone —, eu não consigo falar com a noiva. Estou tentando o dia inteiro e nada.

Pego o telefone e mando uma mensagem pra Sissi. Coube a ela a tarefa de acompanhar Mika ao salão. Não demora nem um minuto e Sissi me liga de volta.

— Nós temos um problema, Baby. A Mika não quer se vestir. Está dizendo que é loucura, que ela não acredita em casamento e que vai estragar tudo entre ela e Henrique. Eu já tentei conversar, mas sabe como ela é...

— Ei, me deixa falar com ela. — Aguardo na linha enquanto escuto Sissi dizendo pra Mika que quero falar com ela e Mika dizendo que não quer falar com ninguém. Até que Sissi dá uns gritos e alega que não pode se estressar por causa do bebê. Mika pega o telefone e bufa. — Mikaela, só vou te dizer uma coisa: se você não estiver aqui em trinta minutos, pode ter certeza que vou te buscar pelos cabelos e arranco cada fio colorido dessa sua cabeça!

— Mas, Baby...

— Não tem nada de “mas, Baby” — interrompo-a. — “Você está com medo e é normal. Mas tu vai casar com o Henrique, lembra dele? Ele já está aqui, te esperando. Quer que eu passe o telefone para ele e diga o que está acontecendo?”

— Não.

— Então, agora você tem vinte e cinco minutos para estar aqui. — Desligo o telefone e digo para a cerimonialista: — Ela está a caminho. — A mulher sorri aliviada. — E o noivo?

— Está lá dentro, na sala reservada para ele. Mas os amigos dele bebem demais e acho que deveriam parar, já que chegaram às quatro da tarde... Senão, eles não vão conseguir andar em linha reta até a cerimônia.

Eu realmente queria entender o que acontece com as pessoas em dias de casamento. Caminho em direção à sala reservada, abro a porta sem avisar e todos os homens presentes levam um susto. Roger me encara e sorri. Esqueci desse detalhe.

— É o seguinte: de agora até a Mika chegar, o garçom só vai trazer água pra vocês. Depois vocês encham a cara, certo?

Eles apenas sacodem a cabeça. Depois que saio, escuto Eric, Roger, Pablo, Yuri e Henrique rindo. Direciono-me até a sala reservada à noiva e vejo Sue, Be e Sol prontas.

— Tudo certo por aqui? — pergunto.

— Tudo sim. Cadê a Mika? — Be me pergunta.

— Está a caminho — resumo.

— Bom, meninas, vou indo me sentar com os convidados. Depois nos falamos... — Sol faz menção de sair.

— Alexandre está sentado lá — digo.

— Ah, é?! — Ela me olha confusa. — Que bom. Vou me sentar com ele.



— Entre tantas coisas que eu fui encarregada de fazer para o dia de hoje, também é minha a honra de fazer o primeiro brinde. Pensei muito no que diria aqui, escrevi e apaguei muitas vezes esse discurso. Eu não queria que ele fosse superficial, também não queria que fosse muito sério. Nem curto, nem longo. Acho que todo mundo aqui sabe da minha mania de planejar, organizar e querer as coisas sempre perfeitas. — Todos riem. Mika e Henrique optaram por uma festa com poucos convidados, só realmente pessoas essenciais para os dois, e isso tornou o ambiente ainda mais amigável. — Então, depois de muito pensar, eu cheguei à conclusão de que nada do que eu falasse aqui seria realmente perfeito. Porque a vida não é perfeita, nem podemos controlá-la o tempo todo. Algumas coisas simplesmente acontecessem, e o amor é assim. Olhem a Mika e o Henrique — todos olham. — Quem diria que, através de uma janela, eles fossem conhecer o amor da sua vida? Olhem Sissi e Eric... — todos olham também. — Quem diria que um ônibus quebrado poderia formar uma família?

— E é um menino! — Sissi grita da mesa, enquanto alisa a barriga e todos sorriem, aplaudem e comentam.

— A vida é assim. Ela não respeita planejamento. Ela apenas dá o seu jeito para fazer as pessoas se encontrarem. Vejam eu e o Fred, por exemplo — encaro Alexandre, que me devolve o olhar com a sobrancelha direita arqueada, demonstrando toda a sua surpresa. — A maioria de vocês o conhece como Alexandre. — Rio. — Mas ele é o Frederico, meu namorado. — Alexandre sorri com minha declaração. — A gente não se conheceria se a vida não tivesse dado o seu jeito de nos unir. Então, hoje, eu quero brindar a vida e ao amor! Mika e Henrique, que vocês tenham sempre amor em seus caminhos. Que a vida nunca pare de lhes trazer surpresas, porque as surpresas da vida podem aparecer nas nossas janelas e é a gente que decide se as abraça ou não. — Ergo minha taça e todos acompanham meus gestos. — Ao amor e a tudo que a vida nos traz através de janelas!

Quando desço do palco, Alexandre me espera nos degraus, me agarra pela cintura e me beija na frente de todos, que assobiam e aplaudem.

— Quer dizer que sou seu namorado? — ele sussurra em meu ouvido e dá

uma mordida em minha orelha. — Estou tentando pensar pra onde que eu vou te arrastar agora mesmo, Maribel.

— Calma. A gente ainda não pode fugir. Tem mais coisas importantes para acontecer nesse casamento... — Beijo-o de volta.

— A Baby falou perfeitamente bem — diz Be ao pegar o microfone. — A vida nos mostra o amor de muitas formas e onde menos a gente espera. Eu, mesma, relutei muito para aceitar. Mas a vida te empurra, te mostra e só cabe à gente escolher. E eu escolhi ser feliz. Por isso, eu não tenho mais vergonha em dizer que meu amor é minha melhor amiga Sue. Não importa o que as pessoas pensem sobre nós, porque eu sei que as pessoas que importam em nossa vida não se importam com quem a gente namora ou não, desde que a gente esteja feliz. — Sue se levanta e caminha em direção a Be. A abraça pela cintura e pega o microfone. — Obrigada, Mika. Se você se casou, tem esperança pra nós! — Todos riem. — A melhor coisa que a vida nos deu, com certeza, foi a amizade que temos, umas pelas outras e isso, meninas, é pra sempre. — Ela ergue a taça em sua mão. — Ao amor, à vida e à amizade! — e beija Be. Todos aplaudem.

— Agora eu entendi — Alexandre fala em meu ouvido. — Por isso que a Sol não sai da casa delas...

— Ai, Fred... Você ainda não entendeu nada — rio. — Acho que agora podemos ir.

— Ok, todas vocês já me fizeram chorar hoje. E eu não gosto de chorar — Mika diz ao microfone e todos riem. — Eu tenho a sorte de ter as melhores amigas possíveis e, mesmo com minha cabeça dura e meu jeito estranho, mesmo eu sendo grossa e muitas vezes dona da razão, elas estão sempre comigo. Obrigada, meninas. — Ela manda um beijo para todas nós. — E agora eu tenho a sorte de ter o melhor marido do mundo.

— Ei! Esse título é do meu mecânico indecente — Sissi protesta de sua mesa e todos riem.

— Eu acho que a gente não devia discutir sobre isso, amiga — Mika diz e ri. — Eu sempre tenho razão. Além do mais, está na hora da tequila, que essa coisa de brindar com espumante é ideia da Baby. Eu gosto mesmo é de tequila.

O garçom traz cinco doses e as coloca em cima da mesa dos noivos. Beijo a bochecha de Alexandre e me dirijo até lá. Assim que todas nos encontramos, Sissi dispara:

— Depois você precisa me explicar melhor essa coisa do Alexandre e de você chamá-lo de Frederico.

— Pode deixar. — Dou risada.

— E vocês duas — Mika olha pra Be e Sue —, por que não nos contaram antes?

— Meninas, acho que marcamos uma janta depois que Mika voltar da lua de mel. Daí colocamos as fofocas e explicamos tudo umas às outras, ok? — sugiro e todas concordam com a cabeça. — Agora é hora do nosso brinde.

— Arriba, abajo, a centro e adentro e que se fueda, comadre — Mika grita nosso brinde e seguimos seus movimentos. Mesmo grávida, Sissi dá uma bicada da dose para não passar em branco e depois entrega seu copinho para mim. Ela não poderia deixar esse momento passar. Nada como celebrar com tequila.



Eu nunca gostei muito de casamentos. Tudo muito sério, muito arrumado... Só que este está sendo o melhor da minha vida — que Eric não me escute. Ouvir Baby finalmente assumir que estamos juntos para todo mundo ouvir foi uma surpresa e tanto.

Já deveria ter aprendido que isso está fadado a acontecer com frequência. É de Baby que estamos falando, e ela sempre me surpreende.

Do início ao fim, o casamento de Mika e Henrique foi lindo. Quem diria que aquela marrenta choraria como um bebê na hora de fazer os votos? O Henrique, tudo bem. O cara é um bobo apaixonado, claro que ele choraria. Agora, Mika... Ah, essa aí mostrou a todo mundo que, apesar de ter uma armadura por fora, é feita de suspiro por dentro.

Acho que todos os convidados choraram também depois desse gesto e, agora, ela está sorrindo abertamente. Na verdade, todos estamos.

Para a nossa surpresa, quando todos os convidados foram embora, Baby recebeu um bilhete de Mika, pedindo para que esperássemos, que ela tinha algo a nos contar. Sentados na areia e olhando para o mar, a calmaria da noite é o perfeito oposto de tudo que estava acontecendo há menos de uma hora.

Todos estamos aqui — eu, Baby, Mika, Henrique, Sissi, Eric, Sue, Be e Sol —, abraçados com seus pares e esperando que a noiva dê seu pronunciamento. Meus pés doem de tanto dançar, estou um pouco rouco de tanto conversar e bastante “alegre” de tanto beber, mas nada disso importa. Baby está abraçada em mim, suas mãos acariciam minha barriga e volta e meia ela me dá um beijo. O resto do mundo que se dane. Tudo que eu preciso está aqui, ao meu alcance. Minha mulher, meus amigos e minha felicidade.

— Gente, eu tenho uma coisa importante a falar — Mika finalmente começa.

— Fala logo que a gente não aguenta mais esse seu suspense. — É Eric, em toda sua gentileza que lhe é peculiar, quem rebate. Mas Sissi, conhecendo o marido que tem, aproveita para beliscar o braço dele. — Ei! O que eu fiz?

— Você não pode ser grosseiro com a noiva no dia do casamento dela — Sissi diz, olhando para ele de cara feia. Só que Eric a pega desprevenida e dá um beijo na ponta de seu nariz, fazendo com que Sissi solte algumas risadinhas envergonhadas.

— Prometo não implicar com a noiva no dia do casamento dela. Ouviu, Mika? A trégua é só hoje. Amanhã, tudo volta ao normal.

— Pelo amor de Deus, vocês dois. Dá pra calar a boca? Eu preciso ir pra suíte luxuosa do hotel ainda hoje. Quero trepar com meu marido até ficarmos desidratados, mas tenho que falar uma coisa importante antes. — Conte com Mika para ser honesta em qualquer situação.

— Fala logo, anda! — Baby encoraja.

— Meninas, eu sei que deveríamos falar isso em particular, mas quem está aqui é a nossa família. Nós vimos o que segredos podem fazer com pessoas que se amam...

Todos assentimos de alguma forma. Uns falam, outros apenas balançam a cabeça. Não importa. Durante os últimos meses, todos os segredos que essas meninas mantinham guardados quase as levaram ao fim da banda. Fico feliz em saber que elas aprenderam com os próprios erros e estão dispostas a fazerem as coisas de forma diferente daqui em diante.

— Lembram quando eu disse que Henrique tinha recebido uma proposta para trabalhar no exterior? — Mika continua, sua mão entrelaçada na do homem que olha para ela como se fosse a mulher mais linda do mundo.

— Mika — Baby interrompe —, meninas... Eu acho que está na hora de fazermos uma pausa.

A última frase fez com que todos arregalassem os olhos. Baby aperta a minha mão, em um gesto que entendo como se estivesse pedindo meu apoio para o que vai dizer a seguir.

— A Sissi vai ter um lindo menino, não queremos que ela sofra com a gravidez. A Mika acabou de se casar e seu marido tem planos importantes também. Eu acho que apenas esses dois motivos seriam suficientes para darmos uma pausa, mas acho que este último ano foi muito cansativo para nós em vários sentidos. Por isso, proponho uma pausa. Um ano, talvez. Depois disso, veremos como nossa vida está. Música é o nosso sonho, não é um hobby. Ao mesmo tempo, precisamos estar bem com todo o resto para darmos nosso melhor sempre. Enquanto passamos esse tempo afastadas do palco, vamos produzir muito. Eu tenho várias ideias que quero colocar em prática, algumas delas podem ser...

— Baby, vai direto ao ponto — Sissi pede, tocando o braço da amiga.

— Sim, sim, ok. É isso. Vamos nos afastar do palco, mas vamos continuar escrevendo, compondo e planejando. Vou em busca de uma gravadora foda pra gente e, quando voltarmos, será em grande estilo. Eu prometo.

O silêncio impera nos momentos seguintes. Uma olha para a cara da outra, perguntando com o olhar se é isso mesmo que querem. De repente, um som bem

próximo de um ganido é ouvido. Quando vejo, é Sissi quem está chorando.

— Eu não acredito que vocês fariam isso por mim e pelo Rick... — Ela enterra o rosto no peito de Eric e chora compulsivamente.

Eric nota meu olhar preocupado e apenas faz que não com a cabeça. Sem emitir qualquer som, ele fala “hormônios da gravidez”, enquanto acaricia as costas da loirinha.

— Bah, quem é Rick? — Sue, com seu sotaque meio nordestino, meio gaúcho pergunta.

— É o nome que pensei para o bebê — Sissi revela e todos olham para ela com cara de surpresa. — Rick Wright... Tecladista do Pink Floyd.

Um coro de “aaahhh” e “claro” segue sua revelação. Novamente, Eric olha para mim e faz que não com a cabeça. Pelo visto, ele já está acostumado com toda essa coisa de gravidez.

— Então, é isso? — Mika pergunta, interrompendo o assunto. — Um ano?

— Um ano — Baby confirma.

— Mas sem acabar com a banda, certo?

Todas elas gritam “certo” e começam a falar ao mesmo tempo, tentando justificar e fazer promessas de que, não importa como, elas vão continuar juntas.

Não muito tempo depois, os noivos se levantam, avisando que precisam descobrir como funciona uma noite de núpcias. Em seguida, Eric ajuda Sissi a se levantar e diz que já está na hora de irem para casa. Sue, Be e Sol vão logo depois, me deixando sozinho com Baby e o mar.

— E você? Vai fazer o que com esse seu um ano? — pergunto em seu ouvido. Baby está sentada entre as minhas pernas, suas costas apoiadas em meu peito enquanto olhamos para aquela imensidão negra e sentimos o peso das nossas decisões chegar.

— Não sei, vou pensar... — ela diz e se aconchega mais em mim. — A única coisa de que não duvido é que você estará ao meu lado.

— Quanto a isso, tenho uma coisa para falar. — Meu comentário faz com que ela se assuste e se vire para mim. O modo como me olha seria cômico se não fosse o desespero presente ali.

— Mas eu acabei de dizer que queria ficar com você. Assumi pra todo mundo. Eu fiz meu grande gesto e... — ela desata a falar sem ao menos fazer uma pausa para respirar.

— Maribel, fica calma. — Seguro seus ombros e fito seus olhos. Em seguida, puxo-a para um beijo.

Deveria ser apenas um beijo para calar sua boca e fazer com que ela pare de pensar besteira. Porém, como sempre que nos tocamos, as coisas escalam facilmente. Quando vejo, estou deitado sobre ela, devorando sua boca. Em

contrapartida, Baby tem as pernas enroscadas em minha cintura, impedindo que eu me afaste.

Quando finalmente recobro a sanidade e descolo nossos lábios, minha respiração está ofegante e Lord Dickson, pronto para o que ela quiser.

— Hmmm... — Baby sente minha excitação e se esfrega em mim.

Preciso respirar fundo para não seguir em frente com o que tenho vontade.

— Eu estou tentando fazer meu grande gesto aqui e você está atrapalhando, Maribel — confesso e ela para de rebolar na mesma hora.

— Grande gesto? — pergunta.

— Não tão grande quanto o seu, mas, mesmo assim, acho que é algo a ser considerado — confirmo.

— Então fala logo! — Baby pede, parecendo bastante ansiosa.

Fico feliz quando a verdadeira Baby — a que ela é comigo, não com o resto do mundo — vem à tona. Beijo sua boca mais uma vez e falo o que estive na minha cabeça nesses últimos dias:

— Onde vamos dormir hoje? — pergunto.

— Esse é seu grande gesto, Frederico?! — Ela tenta sair de baixo de mim e se levantar, mas seguro seus pulsos contra a areia. Em seguida, começo a dar beijos em seu pescoço.

— Me diz onde vamos dormir hoje, Baby... — repito minha pergunta, sem responder à dela.

Baby bufa, mas faz o que eu peço.

— Pode ser na sua casa...

— Eu estava pensando — mais um beijo, agora em sua clavícula — que aquela, ou a sua, poderia ser a nossa casa.

Baby retesa no mesmo instante. É por isso que eu volto a falar. Dessa vez, meus olhos estão fixos nos dela.

— Eu sei que você precisa de tempo para processar as coisas. Por isso estou aqui, pedindo para que você tente processar isso: Maribel, o que você acha de morarmos juntos?

De espantada, sua expressão muda, dando espaço a um sorriso enorme, o que me dá esperanças de que, finalmente, eu possa ter conseguido realmente fazer com que ela entendesse que estou aqui para ficar.

— Ainda bem que você me conhece e sabe que eu preciso de um tempo — comenta. — Eu vou dizer sim, mas não hoje, tá? Eu prometo que vou dizer sim muito em breve.

Eu solto uma risada baixa e libero meu peso sobre ela, que passa os braços e pernas ao meu redor.

— Eu te amo, Maribel — sussurro em seu ouvido e fico feliz ao ver que ela

está toda arrepiada.

— Eu também te amo, Fred.

Para selar nossos votos — ainda bem diferentes dos que Mika e Henrique fizeram há pouco —, fazemos amor na areia da praia, sob a luz da lua. Poderia ser mais uma realização de um fetiche meu, mas é apenas o desejo desesperado que sinto pela mulher da minha vida.

Nota das Autoras

Primeiramente, gostaríamos de agradecer muito por vocês terem chegado até aqui. Alexandre e Baby nos deram um certo trabalho, mas foi muito prazeroso contar a história desses dois.

VOCÊS JÁ LERAM [‘MEU VIZINHO INDISCRETO’](#) E [‘MEU MECÂNICO INDECENTE’](#)?

Por mais que os livros possam ser lidos de forma independente, Meu vizinho indiscreto é o primeiro livro da série ‘Meus Amores’ e conta a história de Mika, a vocalista de cabelos multicoloridos da banda Estrogenium, e Henrique, seu vizinho delicioso e determinado a conquistá-la. E Meu mecânico indecente é o segundo livro dessa mesma série e conta a história de Eric e Sissi. Se você curtiu o professor, temos certeza que vai adorar o nosso vizinho e o mecânico.

Ambos estão disponíveis em ebook na Amazon, e nos sites das autoras em versão impressa. Corre lá e garanta já o seu!

E preparem-se! Em breve o último livro da série: Meu amor improvável!

Até a próxima.

Ah, já estávamos esquecendo! Por favor, deixe aquela avaliação do amor. É muito importante para nós!

Autoras



Luísa Aranha e Mari Monni se encontraram por acaso. De um grupo de escritoras no Whatsapp, nasceu uma parceria que vai além das páginas dos livros. Elas não só criam histórias juntas, mas também organizam antologias, revisam livros e se ajudam em tudo. Uma capricorniana carioca que ama café e uma leonina gaúcha que vive a base de chimarrão, mas ambas compartilham o amor por uma dose de tequila. Uma viciada em trabalho e a outra em sexo, Mari e Lu se tornaram grandes amigas e passam o dia inteiro conversando sobre tudo e nada. Cada uma em um canto do país, mas isso não importa. São muito parecidas e, ao mesmo tempo, completamente diferentes. Adoram escrever juntas e se divertem demais a cada novo projeto.

Já conhecem as outras obras das autoras? Ainda não? Então, venha dar uma olhada. Todas estão disponíveis na Amazon e gratuitas no Kindle Unlimited

Luísa Aranha:

- [Amar só se ama uma vez...](#)
- [Noites de Verão](#)
- [Amor virtual \(volume único da Duologia Amor & Sexo\)](#)
- [Valeu, Universo!](#)
- [Isso também é preconceito!](#)
- [Apenas o nada](#)
- [Meu vizinho indiscreto \(em parceria com Mari Monni\)](#)

- Contos para gozar sozinha
- Todas as bocas que beijei (ou sonhei)
- Turbulências do amor
- As vantagens de ser traída
- Segredos de Luxuria

Mari Monni:

- Uma Chance Para Amar
- Deixa-me Te Amar
- Meu Vizinho Indiscreto (em parceria com Luísa Aranha)
- Nunca Vou Me Apaixonar
- Noite de Núpcias
- Nunca Vou Me Entregar
- Segredos de Luxuria
- Nunca vou me iludir

Siga a gente nas redes sociais, adoramos conversar, falar besteira e escutar opiniões.

Instagram:

@luisa.aranha

@marianamonni

Facebook:

Luisa Aranha

Clube de Leituras da Lulusinha

Mariana Monni

Livros da Mari Monni

Agradecimentos

Essa caminhada pelo mundo literário é sempre louca. Encontramos pessoas, fazemos amigos, ampliamos nossos horizontes e buscamos sempre chegar aonde sonhamos.

É por isso que nosso agradecimento vai, em primeiro lugar, para todas as nossas leitoras. Sem vocês, isso nunca seria possível. Amamos vocês. Todas as vezes que falam com a gente, que deixam recados, que avaliam os livros... Nossa, sem palavras para dizer como são importantes para nós.

Às nossas famílias, também precisamos agradecer bastante por todo apoio. Sempre ouvimos relatos de pessoas que não têm qualquer incentivo dentro de casa. Felizmente, este não é nosso caso.

Aos nossos filhos lindos, Gabi e Pedro, que são amigos virtuais também, muito obrigada por serem sempre nossa fonte de estímulo. Para vocês e por vocês, sempre.

Deia Evaristo e Camila Deus Dará, vocês são pessoas maravilhosas e ficamos imensamente gratas por nos ajudarem nessa jornada. Obrigada, de coração.

Sissi, nossa querida amiga, você é sempre bem-vinda em nossas viagens! A Bienal sem você teria sido muito mais chata. Patrícia, obrigada por aturar nossas conversas loucas durante as seis horas de viagem até São Paulo e mais seis horas até o Rio. Você é uma grande incentivadora e amamos poder compartilhar esse momento tão importante contigo.

Às meninas do PTM, todo o nosso carinho. Vocês são incríveis! É difícil encontrar um grupo de escritoras assim... Somos muito gratas por estarem em nossas vidas e sempre acompanhando nosso trabalho.

Por fim, agradecemos uma a outra por todas as conversas, os áudios, as discussões e o companheirismo de sempre. Escrever livros em parceria é muito complicado, mas nós amamos demais!

Beijos e até o próximo livro!

Table of Contents

[CAPA](#)

[Folha de Rosto](#)

[Direitos Autorais](#)

[Dedicatória](#)

[01](#)

[02](#)

[03](#)

[04](#)

[05](#)

[06](#)

[07](#)

[08](#)

[09](#)

[10](#)

[11](#)

[12](#)

[13](#)

[14](#)

[15](#)

[16](#)

[17](#)

[18](#)

[19](#)

[20](#)

[21](#)

[22](#)

[23](#)

[24](#)

[25](#)

[26](#)

[27](#)

[28](#)

[29](#)

[30](#)

[31](#)

[32](#)

[33](#)

[34](#)

[35](#)

[36](#)

[37](#)

[38](#)

[39](#)

[40](#)

[Nota das autoras](#)

[Autoras](#)

[Agradecimentos](#)